

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS

ANA LOURDES CARDOSO DIAS

**PROCESSO DE PALATALIZAÇÃO NO PORTUGUÊS: LAGOA DA
PEDRA E CANABRAVA – TO**

Goiânia
2009

ANA LOURDES CARDOSO DIAS

**PROCESSO DE PALATALIZAÇÃO NO PORTUGUÊS: LAGOA DA
PEDRA E CANABRAVA – TO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás/Faculdade de Letras como parte dos requisitos para a obtenção do grau de mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Suelí de Aguiar

Goiânia
2009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Bibliotecária Yara de Pina Mendonça CRB1/1900)

D541p
Dias, Ana Lourdes Cardoso.

Processo de palatalização no português: Lagoa da Pedra e Canabrava-TO / Ana Lourdes Cardoso Dias. - Goiânia : Universidade Federal de Goiás, 2009.
176 f. : il. ; 31,5 cm

Orientador: Professora Dra. Maria Sueli de Aguiar.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, 2009.
Referências: f. 118-121.

1. Língua portuguesa - linguística histórica. 2. Língua portuguesa - fonética. 3. Língua portuguesa - palatalização. 4. Língua portuguesa - dialetos. I. Aguiar, Maria Sueli de. II. Universidade Federal de Goiás. III. Título.

CDU 811.134.3'342

ANA LOURDES CARDOSO DIAS

**PROCESSO DE PALATALIZAÇÃO NO PORTUGUÊS: LAGOA DA
PEDRA E CANABRAVA – TO**

Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do grau de Mestre, aprovada em _____ de setembro de 2009, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Maria Sueli de Aguiar
Presidente da banca

Prof. Dr. Sebastião Elias Milani
Membro

Prof. Dr. Seung Hwa Lee
Membro

AGRADECIMENTOS

A Deus, o meu refúgio e a minha fortaleza (Salmos 91 2b).

A professora Maria Suelí de Aguiar pelos ensinamentos, pelo apoio, dedicação e paciência durante a realização do curso e deste trabalho.

Aos meus pais por me mostrar o valor da vida e da ciência.

Aos meus filhos, Sóstenes e Lucas, pela compreensão e paciência nos momentos de falta.

Ao meu companheiro, Antônio, pelo apoio em todas as horas, pois sem ele teria sido mais difícil a realização desse sonho.

Aos professores Sebastião Elias Milani, Agostinho Potenciano de Sousa e Seung Hwa Lee pelas contribuições a este trabalho por ocasião da qualificação.

A todos os professores do curso de mestrado.

Às minhas queridas colegas do mestrado Gisélia, Ester, Constança e Lisa pela amizade e colaboração.

Aos meus primos, Delmira, Sidônio, Maria José (Zeza), Aroldo, pela acolhida em suas casas em Goiânia e pelo apoio prestado.

Aos meus colegas de trabalho e alunos do Centro de Ensino Médio Bom Jesus em Gurupi-To pela paciência, amizade e compreensão.

Aos meus informantes, que abriram suas casas e compartilharam comigo suas ricas experiências de vida.

Aos meus pais (in memoriam).
À minha família, Antônio, Sóstenes e
Lucas, meu suporte.

RESUMO

Este estudo apresenta uma análise do processo de palatalização de /t/ e /d/ antes de vogais como [ã], [a], [ẽ], [o] e [u] em exemplos como *muitxu* ~ *muíto*, *prefeitxu* ~ *prefeito*, *deitxadu* ~ *deitado*, *doidzu* ~ *doido*, encontrado no *corpus* de Lagoa da Pedra e Canabrava, duas comunidades rurais afro-descendentes localizadas a 40 km da cidade de Arraias no Estado Tocantins. Os participantes da pesquisa têm idade entre 54 a 89 anos, não-escolarizados ou possuem pouco conhecimento das letras e são nascidas e criadas no local. A metodologia utilizada para coleta dos dados baseia-se no modelo da entrevista sociolinguística, direcionada para as narrativas de experiência pessoal e da história do lugar. O referencial teórico discute a formação da língua portuguesa retornando às suas origens no latim, bem como a formação da língua portuguesa brasileira dando destaque aos aspectos sócio-históricos e linguísticos que marcaram os primeiros anos da colonização portuguesa no Brasil como o contato com as línguas indígenas e africanas. Discute também as teorias acerca da estrutura silábica do português no âmbito da fonologia, conforme as modelos lineares e não-lineares, fundamentando-se nas idéias de Camara Jr. (1969, 1977), Dubois (2004) e Selkirk (1982), assim como, o sistema consonantal e vocálico e o processo de palatalização desde o latim até o português e a descrição desse processo no português atual com base nos modelos estruturalista, gerativista e autosegmental. Para a descrição dos dados levou-se em consideração os fatores internos à língua que poderiam favorecer ou desfavorecer o processo de palatalização de /t/ e /d/ tais como, o contexto fonológico seguinte, contexto fonológico precedente, posição da sílaba no vocábulo e a tonicidade. A análise dos dados foi dividida em duas partes, sendo a primeira a análise fonológica do processo de palatalização seguindo o modelo proposto pela teoria da Geometria de Traços, de acordo com Bisol e Hora (1993), Hora (1993), com base na proposta de Clements (1985). A segunda, fundamentada nos pressupostos da linguística histórica, no que diz respeito à variação, a preservação e a mudança linguística, analisa-se o processo numa dimensão histórico-evolutiva. Nessa perspectiva a fonética histórica é de fundamental importância para as discussões, (COUTINHO, 1976; ELIA, 1979; BUENO, 1958).

Palavras-chave: Língua Portuguesa, linguística histórica, mudança linguística, palatalização.

ABSTRACT

This study presents an analysis of the palatalization process of /t/ and /d/ before vowels as [ã] [a], [e], [o] and [u] in examples such as *muitxu* ~ *muíto*, *prefeitxu* ~ *prefeito*, *deitxadu* ~ *deitado*, *doidzu* ~ *doido*, founded in the *Corpus* of Lagoa de Pedra and Canabrava, two rural african descent communities located 40 km from the city of Arraias in the State of Tocantins. The survey participants were aged between 54 to 89 years, non-educated or having little knowledge of letters, and were born and grown in site. The methodology used for data collection was based on the model of the sociolinguistic interview, focused on the narratives of personal experience and in the history of the place. The theoretical background discusses the formation of the Portuguese language returning to its roots in Latin, as well as the formation of the Brazilian Portuguese language with focus on linguistics and socio-historical aspects that marked the early years of Portuguese colonization in Brazil, as the contact with indigenous languages and African ones. It also discusses the theories of syllable structure of the Portuguese language in the phonology, according to the linear and nonlinear standards, based on ideas from Camara Jr. (1969, 1977), Dubois (2004) and Selkirk (1982), similarly, the consonant and vowel system and the process of palatalization from Latin to Portuguese and the description of this process in the current Portuguese based on structuralist, generative and autosegmental models. To data description it was taken into account internal factors to the language that could possible foment, or discourage, the palatalization process of /t/ e /d/ such as: the following phonological context; the preceding phonological context; syllable position in the word and tone. The data analysis was divided into two parts, in which the first part is the phonological analysis of the process of palatalization on the model proposed by the geometry of phonological features theory, according to Bisol and Hora (1993), Hora (1993), based on Clements's proposal (1985). The second, based on claims of historical linguistics, with respect to variation, preservation and linguistic change, analyzes the process in a historical-evolutionary scale. In this perspective, the historical phonetics is of utmost *importance* for the discussions, (COUTINHO, 1976; ELIA, 1979; BUENO, 1958).

Keywords: Portuguese language, historical linguistics, language change, palatalization

Nota explicativa

A transcrição dos dados que estão inseridos no corpo do texto obedeceu à seguinte forma: fez-se a transcrição fonográfica, a transcrição fonética e a transcrição ortográfica no mesmo quadro, como mostra o exemplo a seguir:

transcrição fonográfica	transcrição fonética	transcrição ortográfica
Deitxadu	[dej'tjadu]	deitado

Na transcrição fonográfica optou-se por transcrever a fala do informante o mais próximo do real possível, por isso, a palatalização de *t* antes de outras vogais que não seja o *i*, foi representado por *tx* e para representação da palatalização de *d*, no mesmo contexto, foi utilizada as consoantes *dz*.

Para representar a nasalidade das vogais foram transcritas com um *~*, quando elas não estavam antes de um fonema nasal /m/ ou /n/.

transcrição fonográfica	transcrição fonética	transcrição ortográfica
tĩa	[tʃĩə]	tinha
óitxêta	[ɔj'tjẽtə]	oitenta

Na transcrição fonética foi utilizado os símbolos fonéticos do SILSophia IPA93 e a transcrição ortográfica foi feita conforme as normas ortográficas do português brasileiro.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	15
1.1 ARRAIAS	18
1.2 COMUNIDADE QUILOMBOLA DE LAGOA DA PEDRA	21
1.3 DISTRITO DE CANABRAVA	25
1.4 CARACTERÍSTICA DOS INFORMANTES	27
1.5 COLETA DOS DADOS	28
CAPÍTULO 2 – A FORMAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DO PORTUGUÊS DO BRASIL	31
2.1 ORIGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA	32
2.2 A HISTÓRIA SOCIAL E LINGUÍSTICA DO BRASIL COLONIAL	34
2.3 FATORES HISTÓRICOS QUE FORTALECERAM A LÍNGUA PORTUGUESA	36
2.4 AS CARACTERÍSTICAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	38
CAPÍTULO 3 – A PALATALIZAÇÃO NO PORTUGUÊS	43
3.1 SISTEMA VOCÁLICO DO LATIM AO PORTUGUÊS	44
3.2 SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS	47
3.3 AS CONSOANTES DO LATIM AO PORTUGUÊS	49
3.4 AS CONSOANTES DO PORTUGUÊS	51
3.5 CONTEXTO HISTÓRICO DA PALATALIZAÇÃO	55
3.6 PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS DENTAIS /t/ E /d/ ANTES DE [i] ..	58
3.7 MODELOS DE ANÁLISE FONOLÓGICA DA PALATALIZAÇÃO	59
3.7.1 Modelo estruturalista	59
3.7.2 Modelo gerativista	61
3.7.3 Modelo autossegmental	64
CAPÍTULO 4 – A SÍLABA EM PORTUGUÊS	74
4.1 ESTRUTURA DA SÍLABA EM PORTUGUÊS NA PERSPECTIVA DO MODELO ESTRUTURALISTA	74
4.2 NA PERSPECITA DA TEORIA MÉTRICA	77
4.2.1 Condição do Ataque	82
4.2.2 Condição da Coda	83
4.3 ANÁLISE DOS FONEMAS EPENTÉTICOS NO PORTUGUÊS	85
CAPÍTULO 5 – DESCRIÇÃO DA PALATALIZAÇÃO DO <i>CORPUS</i> DE LAGOA DA PEDRA E CANABRAVA	89
5.1. PALATALIZAÇÃO DE /t/ E /d/ ANTES DE [i]	89
5.2. PALATALIZAÇÃO DE /t/ E /d/ ANTES DE [ã], [a], [ẽ], [o] E [u]	93
5.2.1 Contexto pós /t/ e /d/	93
5.2.2 Posição da sílaba	95
5.2.3 Tonicidade	96

5.2.4. Contexto antecedente a /t/ e /d/	97
CAPÍTULO 6 – ANÁLISE DA PALATALIZAÇÃO DO CORPUS	99
6.1 Análise da interferência histórica na palatalização de /t/ e /d/	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS	118
ANEXOS	122
ANEXO 1 – Escolhas: léxico e expressões	123
A. Escolhas lexicais	124
B. Escolhas de expressões	140
Comentários sobre as escolhas	149
ANEXO 2 – Ficha e entrevista	152
ANEXO 3 – Fotos	165
ANEXO 4 – Mapas	172
Mapa 1 – Estado do Tocantins	172
Mapa 2 – Divisão regional do Estado do Tocantins	173
Mapa 3 – Município de Arraias	174

INTRODUÇÃO

A linguagem é o instrumento que capacita o homem comunicar-se com os seus semelhantes. Ela também possibilita retratar o conhecimento e entendimento de si mesmo, assim como do mundo que o cerca. Ao comunicar-se o homem transmite os saberes, a cultura de sua comunidade, de seu tempo e de sua geração para gerações posteriores fazendo uso da língua.

No entanto, é por meio da fala que essa comunicação se manifesta. A fala, segundo Sapir (1971), é uma atividade humana variável, sem limites preestabelecidos, à proporção que se passa de um grupo para outro, por ser uma herança histórica do grupo, fruto do uso social prolongado.

Como herança histórica e social de um grupo, a fala tem um caráter simbólico, pois, por meio dela é possível identificar e diferenciar cada comunidade, além de perceber o grupo, estratos sociais, faixa etária, gênero e grau de escolaridade que cada indivíduo pertence. Assim, é na fala que o linguísta busca seu material de análise, por ela ser a realização da linguagem.

A partir desse pressuposto, o presente trabalho tem por objetivo analisar o processo de palatalização dos segmentos consonantais /t/ e /d/ (doravante consoantes /t/ e /d/) antes dos som vocálicos (doravante vogais) como ¹ [ã], [a], [ẽ], [o], [u], em exemplos como *deitxadu* ~ *deitado*, *Txaduricu* ~ *Teodurico*, *oitxu* ~ *oito*, *muitxu* ~ *muito*, *oitxenta* ~ *oitenta*, *doidzu* ~ *doido*. Tais exemplos foram encontrados na fala da comunidade quilombola de Lagoa da Pedra e do Distrito de Canabrava. Duas comunidades rurais com características afro-descendentes, localizadas a 40 km da cidade de Arraias no sudeste do Estado do Tocantins.

Nesse Estado, a influência das raízes africanas na sua formação histórica e cultural é bem significativa. Esse fato é mais marcante no sudeste, local onde se desenvolveu a mineração no século XIX e a utilização da mão-de-obra escrava negra foi intensa nesse período. Apesar de reconhecer a importância das raízes afrodescendentes na sua formação, as pesquisas nas comunidades remanescentes de quilombos nesse Estado são recentes. Elas estão direcionadas para as áreas da História, da Iconografia, da Antropologia e outras, com objetivo de resgatar as tradições e transformações históricas

¹ Por razões práticas e particulares não será utilizado o símbolo do som vocálico baixo central nasal [ã] e sim [ã].

e sócio-culturais dessas comunidades. Estudos linguísticos no contexto rural tocantinense não foram encontrados por ocasião do levantamento bibliográfico.

Por isso, este estudo linguístico de caráter sincrônico e diacrônico do recorte de fala da comunidade quilombola de Lagoa da Pedra e Canabrava faz-se necessário, porque até o momento não se tinha notícias de um trabalho dessa natureza na comunidade em questão, tão pouco em outras no Tocantins. Por outro lado, a motivação para estudar o processo de palatalização de /t/ e /d/ na fala dessa comunidade, considerada de certa forma isolada, é a possibilidade de apreender traços da língua em processo de mudanças em tempo aparente, pois entende que uma comunidade, na medida em que se distancia de outras, mantém seus traços linguísticos.

Ao mesmo tempo em que a comunicação interna entre membros de uma comunidade leva à manutenção de suas características lingüísticas, a falta de contato lingüístico entre comunidades favorecem o desenvolvimento de diferenças lingüísticas. (BELINE, 2003, p. 129)

Desse modo, a perspectiva deste trabalho está voltada para a mudança linguística e insere-se no arcabouço da linguística histórica *stricto sensu* em que se ocupa fundamentalmente das mudanças linguísticas no tempo, considerando tanto os fatores intralinguísticos ou estruturais como os fatores extralinguísticos ou sociais. O procedimento de análise apoia-se no método sugerido por Faraco (2005) denominado de primeira, segunda e terceira via, optando pela segunda, que consiste na ideia fundamental de que o estado atual de uma língua tem uma gênese e torna-se compreensível quando se pode explicar de que forma ele chegou a esse estado, buscando as raízes no passado para explicar o presente.

Utiliza-se também o modelo de análise da geometria de traços para a palatalização de /t/ e /d/ proposta por Bisol e Hora (1993), fundamentado nas propostas de Clements (1985), para uma análise do processo numa visão sincrônica do fenômeno sem a interferência histórica.

O processo de palatalização é bastante comum na língua portuguesa, ele ocorre na maioria das regiões brasileiras, em que /t/ e /d/ estando antes de [i] palatalizam-se, sendo realizadas como africadas [tʃ] e [dʒ]. Este processo fonológico já foi estudado por pesquisadores como Bisol e Hora (1993), Hora (1993), Abaurre e Paggoto (2002), Dutra (2007) dentre outros. O diferencial deste trabalho está no fato de que a variedade de fala aqui estudada é a rural e não a urbana. Outro, é que a

palatalização das consoantes /t/ e /d/ ocorre diante de vogais como [a], [ã], [ẽ], [o], [u], casos não esperado para o português, segundo a literatura consultada até então.

Os estudos citados anteriormente preveem que para ocorrer a palatalização uma consoante deve ser seguida por [i], pois, sendo ela uma vogal alta, coronal, faz com que o fonema anterior assimile o traço coronal da vogal. Por isso, tem-se *leite* [lei'tʃi], *tiro* [tʃiɾu], *sadia* [sɛ'dʒiɐ] na pronúncia da maioria dos brasileiros.

Com o intuito de descrever e analisar esse processo de palatalização de /t/ e /d/ que ocorre no corpus de Lagoa da Pedra e Canabrava, algumas hipóteses foram levantadas. Devido ao pouco costume que se tinha com o fenômeno, logo ele causou estranheza ao ouvido pouco experiente. Por ocasião da transcrição dos dados, os fonemas /t/ e /d/ realizados como [tʃ] e [dʒ] antes de vogais como [ã], [a], [ẽ], [o], [u], chamou atenção e pensou-se, inicialmente, que essa realização fosse devido à epêntese de um [i] entre as consoantes /t/ e /d/ e as vogais já citadas.

Dessa forma, percebia-se a pronúncia de *muito* como *muitio*, de *oito* como *oitio*, *deitado* como *deitiado*, assim como ver-se em *Judith* > *Juditi*, *advogado* > *adivogado*, *ritmo* > *ritimo*. Esta hipótese está relacionada à estrutura silábica do português, pois a epêntese é um fenômeno utilizado pela língua para padronizar estrutura silábica considerada mal formada. Para isso, faz uso da vogal [i], principalmente. Assim, em sílabas fechadas por uma consoante obstruente, como a primeira sílaba da palavra *rit. mo*, (CVC), estrutura não permitida para o português brasileiro, um /i/ é inserido após a consoante, modificando a sílaba fechada em aberta *ri. ti. mo* (CV. CV. CV). Ao verificar esta hipótese fez-se necessário um estudo da estrutura silábica do português.

Com a continuidade das pesquisas e, conseqüentemente, das transcrições dos materiais coletados, verifica-se uma constante nos dados que é a presença de um *glide* [j] anterior às consoantes /t/ e /d/. A hipótese levantada a partir dessa observação leva ao questionamento da possibilidade desse *glide* ser o fonema motivador da palatalização nesse contexto. Para isso, busca-se uma orientação nos estudos já feitos por pesquisadores como Callou e Leite (2005), Matzenauer (2005), Hora (1993) e Bisol e Hora (1993), em que apresentam o processo de palatalização em três modelos diferentes de análise, tais como o modelo estruturalista, o modelo gerativista e o autosegmental, respectivamente.

O estudo histórico do processo de palatalização foi determinante para uma nova hipótese de trabalho. Estudando a evolução desse processo descobre-se que ele é muito comum na língua e ocorre desde o latim, sendo responsável pela criação de muitas consoantes que estão hoje na estrutura fonêmica do português e que antes não existia como /ɲ/, /ʎ/ e outros. A partir desse estudo chegou-se ao grupo consonantal *ct*, ou seja, a evolução do grupo consonantal *ct* e seu histórico de palatalização no decorrer do tempo. Assim, uma terceira hipótese, motivada por esse estudo é a de averiguar se a palatalização do grupo consonantal *ct* que ocorreu ainda no latim estaria, de alguma forma, envolvido na palatalização de /t/ e /d/ no corpus de Lagoa da Pedra e Canabrava.

Posto isso, para melhor organização do trabalho, dividiu-o em seis capítulos. O Capítulo 1 aborda os aspectos metodológicos que nortearam a pesquisa, como o local de investigação, as características gerais dos informantes, procedimentos de coleta, descrição e análise dos dados. Nesse capítulo pontua-se a formação histórica do município de Arraias, situando as comunidades estudada nesse contexto.

O Capítulo 2 traz um estudo sobre a formação da língua portuguesa, primeiramente, fazendo uma retomada ao latim até o período em que chegou ao Brasil e, em seguida, apresenta a história da formação do português brasileiro, enfatizando os aspectos sócio-históricos e linguísticos que marcaram a sociedade brasileira nos primeiros séculos de colonização, com destaque para contato entre línguas.

O Capítulo 3 destina-se ao estudo dos sistemas consonantal e vocálico do latim ao português. Porém, a principal discussão nesse capítulo reserva-se ao processo de palatalização numa perspectiva histórica e atual e as suas consequências para a língua portuguesa contemporânea.

As principais teorias referentes à estrutura silábica do português são abordadas no Capítulo 4, apresentando um referencial teórico conforme os modelos lineares e não-lineares, fundamentado, principalmente, nas idéias de Camara Jr. (1969, 1977, 2008), Dubois (2004) e Selkirk (1982).

O capítulo 5 apresenta a descrição dos dados, os contextos em que foi possível constatar a realização do processo de palatalização no *corpus* estudado, bem como aqueles que favorecem tal ocorrência.

A análise e discussão dos dados são realizadas no Capítulo 6 em duas perspectivas diferentes. A primeira, uma análise contemporânea que se fundamenta no modelo da Geometria de Traços para explicar o processo de palatalização na perspectiva

sincrônica e a outra, uma análise histórica ou diacrônica por analisar o processo conforme os pressupostos da fonética histórica, que busca no latim evidências que justifiquem as ocorrências de palatalização nos referidos dados.

Para finalizar a discussão serão apresentadas as Considerações Finais referentes ao estudo do processo de palatalização, bem como as Referências. E ainda, para evidenciar algumas características do português antigo e/ou histórico, além de mostrar a influência de outras línguas africanas e indígenas, serão apresentadas Escolhas Lexicais e Expressões (Anexo I) encontradas na fala dos informantes desta pesquisa.

No estudo das escolhas lexicais fará uma abordagem etimológica, buscando a origem e composição dos vocábulos e expressões, mas também uma abordagem semântica, de elucidação de significados. A intenção deste é contribuir para discussões sobre a importância do léxico de comunidades rurais para a ampliação do conhecimento da língua portuguesa brasileira, já que esse léxico apresenta marcas de um momento anterior da língua ainda preservadas na fala dessas comunidades.

Incluem-se ainda neste trabalho outros anexos, como a Ficha de Identificação dos Informantes, a transcrição fonográfica de uma entrevista (anexo II), fotografias das comunidades e dos entrevistados (anexo III), mapas do Estado do Tocantins e do município de Arraias (anexo IV).

Finalmente, é relevante mencionar que este trabalho está incluído em um projeto maior denominado de “A Linguística e a História da Colonização de Goiás”, coordenado pela prof^a. Dr^a. Maria Sueli de Aguiar, na Universidade Federal de Goiás. Esse projeto é parte de outro, o FILOBND (Filologia Bandeirante), que, por sua vez, visa (re)conhecer traços linguísticos deixados pelos Bandeirantes e seus seguidores nos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás.

O projeto “A Linguística e a História da Colonização de Goiás”, propõe documentar, descrever e analisar os processos linguísticos encontrados nos falares goianos, a fim de construir um atlas linguístico-histórico do Estado de Goiás. Atualmente, ele foi ampliado para os Estados do Maranhão e Tocantins, tornando possível a inclusão deste estudo linguístico-histórico realizado nas comunidades de Lagoa da Pedra e Canabrava-To, ora apresentado.

CAPÍTULO 1

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As línguas, por serem realidades históricas e sociais, estão em constantes transformações no decorrer do tempo. Elas estão envolvidas num complexo jogo temporal de alteração, de mudança, de manifestação e apagamento, de conservação e inovação, alterando, com isso, sua configuração estrutural ininterruptamente.

Assim, a Linguística Histórica ocupa-se em estudar as mudanças das línguas no tempo, como e o porquê delas mudarem. Isso, portanto, constitui essencialmente o objeto de estudo dessa disciplina.

Mattos e Silva (2008) considera que a Linguística Histórica possui duas vertentes, uma que chamou de Linguística Histórica *latu sensu* e outra, de Linguística História *stricto sensu*. A Linguística Histórica *latu sensu* trabalha com dados datados e localizados, baseados em *corpora*. Exemplos desse tipo de estudo têm-se nos modelos descritivos, como fazem os estruturalistas, os dialetólogos na construção de atlas linguísticos e estudos sociolinguísticos em que trabalha com método de quantificação por meio de programa informatizados. Ainda pode ser incluído no escopo da Linguística Histórica *latu sensu* teorias do discurso e da conversação, do texto que também se fundamentam em *corpora* datados e localizados.

Em contrapartida, a Linguística Histórica *stricto sensu*, segundo a autora, é a que se interessa pelo que muda e como muda as línguas ao longo do tempo. Assim, essa concepção é a tradicional da Linguística Histórica, que em sentido estrito, pode ser trabalhada em duas direções, a saber: a linguística sócio-histórica e a linguística diacrônica associada. A primeira considera fatores extralinguísticos ou sociais e também fatores intralinguísticos, como propõem a sociolinguística na teoria laboviana da variação e mudança. A segunda trata apenas dos fatores intralinguísticos, como fazem no estruturalismo e no gerativismo diacrônico.

A autora considera também que a Linguística Histórica no sentido estrito, depende, diretamente, da filologia, uma vez que a base para as análises está nos manuscritos, inscrições e textos escritos no passado, os quais, recuperados pelo trabalho

de filólogos, formam os *corporas* fundamentais nas análises das mudanças linguísticas de longa duração.

Faraco (2005) refere a quem se inicia em Linguística Histórica que deve ter conhecimento de duas perspectivas básicas dessa disciplina. Uma delas é que não se devem estudar os fenômenos isoladamente, isto é, devem ser estudados conjuntamente com outros acontecimentos da história da língua e, até mesmo, da sua subfamília ou da família a que pertence. De acordo com o autor, essa perspectiva evita uma abordagem fragmentada dos fatos.

Essa abordagem dos fenômenos de mudança sob esse prisma é chamada pela teoria laboviana de encaixamento estrutural e envolve a descrição dos contextos linguísticos que favoreceram a mudança, (se o elemento ocorre entre vogais; ou em fim de palavras; ou seguido de consoante sonora, como exemplifica o autor) assim como possíveis reações em cadeias.

Outra perspectiva é aquela que não se satisfaz apenas com o encaixamento estrutural, mas relaciona-a com o encaixamento social, em outras palavras, é o estudo do fenômeno de mudança em que consiste em combinar estrutura linguística e a estrutura sociolinguística da comunidade estudada. Uma análise do fenômeno de mudança direcionada por essa abordagem torna-se mais abrangente e eficaz, uma vez que estudos empíricos, realizados no presente e no passado, têm sugerido que fatores sociais influenciam direta ou indiretamente nos processos de mudança linguística. Por isso, não é conveniente tratar a língua como uma realidade autônoma, imune à história dos seus falantes.

Por conseguinte, buscar uma metodologia que integre história interna (fatores intralinguístico) e histórica externa (fatores extralinguístico) é diretriz básica para quem se propõe trabalhar com a Linguística Histórica.

A importância de trabalhar com esta metodologia que interagem fatores sociais e linguísticos demonstra que o pesquisador considera o sujeito da pesquisa como um ser social, inserido em uma comunidade com sua história e cultura peculiares que devem ser considerados na avaliação da mudança linguística, pois “as mudanças emergem da realidade linguística heterogênea que está ligada à heterogeneidade social, histórica, cultural de seus falantes” (FARACO, 2005, p. 103).

Outra consideração importante que deve ser exposta aqui é a sugestão de Faraco (*op. cit*) quanto ao método de estudo da Linguística Histórica. Ele acredita que o método de estudo da Linguística Histórica se constitui de três vias. A primeira é voltar

ao passado e nele se concentrar, a segunda, voltar ao passado para iluminar o presente e a terceira e última é estudar o presente para iluminar o passado.

Em consideração ao exposto acima, prefere-se neste estudo do processo de palatalização das consoantes /t/ e /d/ no *corpus* de Lagoa da Pedra e Canabrava a perspectiva da Linguística Histórica, em seu sentido estrito, em que se ocupa fundamentalmente das mudanças linguísticas no tempo e considera tanto os fatores intralinguísticos ou estruturais quanto os fatores extralinguísticos ou sociais. Prefere-se também utilizar o método de estudo denominado de segunda via em que consiste na ideia fundamental de que o estado atual de uma língua tem uma gênese e torna-se compreensível quando se pode explicar de que forma ele chegou a esse estado buscando as raízes no passado para explicar o presente.

No entanto, a análise do processo estudado aqui não se limitará apenas em uma análise histórica para explicar o presente. Inicialmente se fará uma apreciação dos dados baseado no modelo autossegmental com objetivo de explicar a palatalização como processo em si mesmo. Em seguida, será feita a análise da interferência histórica.

Este estudo terá como orientação metodológica também a pesquisa qualitativa, que lida com interpretações das realidades sociais. Esse tipo de investigação focaliza-se na compreensão dos significados atribuídos pelos próprios sujeitos às suas ações. Essa compreensão se faz necessário, pois as interpretações que os autores sociais possuem do mundo é que motivam o comportamento que cria o próprio mundo social (BAUER, 2004). Consequentemente, essa abordagem demonstra ser adequada aos estudos que consideram os aspectos sócio-históricos e culturais da comunidade de fala relevantes para os resultados.

Na pesquisa qualitativa as técnicas para coleta de dados são, principalmente, a entrevista intensiva e a observação participante. Dentre elas, a entrevista foi escolhida como técnica de coleta de dados, neste trabalho. Uma dos motivos dessa escolha é o que se propõe Gaskell (2004, p. 73),

toda pesquisa com entrevista é um processo de informação social, uma interação ou um empreendimento cooperativo, em que as palavras são o meio principal de troca. Não é apenas um processo de informação de mão única passando de um (o entrevistado) para outro (o entrevistador). Ao contrário, ela é uma interação, uma troca de idéias e de significados, em que várias realidades e percepções são exploradas e desenvolvidas, [...] tanto o(s) entrevistados(s) como o entrevistador estão, de maneiras diferentes, envolvidos na produção de conhecimento.

Posto isso, nesse capítulo apresentará, inicialmente, a comunidade de fala em que ocorreu a pesquisa, sua história social e cultural, as características gerais dos informantes, para depois apresentar os procedimentos de coleta, de descrição e análise dos dados que nortearam a investigação do processo de palatalização das consoantes /t/ e /d/ nos locais abaixo relacionados.

O local de pesquisa constitui-se por duas comunidades rurais vizinhas, situadas no município de Arraias, ao sudeste do Estado do Tocantins. Uma delas é a comunidade quilombola de Lagoa da Pedra e a outra, o Distrito de Canabrava. Ambas são comunidades pequenas e dependem da infra-estrutura da sede municipal, Arraias, como comércio, agência bancária, hospital, dentre outros.

Devido à proximidade, à convivência e os laços de parentesco e amizade, elas se comunicam mais entre si do que com outros grupos. Isso pode ser uma das explicações para o fato de elas compartilharem traços linguísticos, normas e atitudes diante do uso da linguagem que as caracterizam como uma comunidade de fala (BELINE, 2003), o que justifica o estudo da fala de ambas as comunidades no presente trabalho.

Apesar dos dois locais serem considerados uma comunidade de fala pelos aspectos acima citados, elas possuem características históricas peculiares. Em consequência disso, será feito um estudo sócio-histórico da cidade de Arraias, pois a partir dele é possível uma compreensão maior da presença dos quilombolas na região e, a seguir, será feita uma abordagem dos aspectos sócio-histórico da comunidade quilombola de Lagoa da Pedra e do Distrito de Canabrava.

1.1 ARRAIAS

De acordo com Apolinário (2007) o sertão do norte da capitania de Goiás, nos séculos XVII e XVIII, atual Estado do Tocantins, foi invadido por sertanistas, missionários e criadores de gado, os quais eram do nordeste brasileiro. Esses nordestinos eram principalmente do sul de Pernambuco, Bahia e Piauí. Inúmeros aventureiros também apareceram na tentativa de encontrarem minas auríferas após a descoberta das primeiras minas do norte de Goiás. Assim, os primeiros povoados formam se formando.

Posto isso, a história de Arraias iniciou com a fundação de uma missão jesuíta chamada Boqueirão dos Tapuios, em 1733, numa localidade por nome Chapada dos Negros, que logo se transformou num arraial e numa importante mina aurífera. Desse modo, o ouro foi o grande responsável pelo desenvolvimento desse arraial que depois veio a se tornar a cidade de Arraias.

A sua primeira povoação formou-se nas proximidades de um rico filão de ouro, localizado no alto da Chapada acima citada, que, segundo tradição popular local, acredita-se que antes de ser povoada por mineradores brancos, ela foi um refúgio de negros aquilombados, que por esse motivo ficou conhecida como “Chapada dos Negros”. Essas pessoas, provavelmente, eram escravos fugitivos de outras áreas mineradoras da circunvizinhança. Ainda hoje é possível encontrar no alto dessa chapada vestígios do primeiro povoado, tais como ruínas de casas, regos de captação de água e muro de pedras, que são atribuídos à presença dos escravos naquele lugar.

Em relação às minas de ouro encontradas em Arraias, prevê que, aproximadamente, em 1739 foram descobertas as primeiras minas e a notícia desse fato trouxe ao lugar uma grande quantidade de pessoas a procura de riquezas. Apolinário (*op. cit.*, p. 76) assegura que “o ouro fazia parte do imaginário dos primeiros aventureiros que migravam para as terras arraianas”. Nessa época, a mentalidade europeizada dos homens era estimulada por fantasias exuberantes e extraordinárias com relação a esse precioso metal.

Devido ao contínuo fluxo de pessoas que chegava a todo o momento nesse local, dos mais distantes lugares, o arraial cresceu de forma improvisada e descontínua. Ao fazer uma vistoria em todas as minas de Goiás, o então Governador da Capitania de São Paulo, Dom Luís de Mascarenhas, chega a esse arraial em 1740 e ordena a transferência da população que vivia na Chapada dos Negros para uma área um pouco afastada das minas.

Em um local próximo às escavações, em um sítio acidentado, o novo povoado se estabeleceu. O núcleo urbano de Arraias, paulatinamente, foi se constituindo, apresentando um desenho com aspecto de marcante irregularidade. As ruas eram formadas adaptando-se às características topográficas mais favoráveis, próprias a terrenos montanhosos.

As minas de Arraias pareciam às pessoas que para lá se deslocavam, um lugar pródigo em riquezas, aparentemente inesgotável. Por essa época, Arraias foi um

ícone de prosperidade e riqueza no antigo norte goiano. Porém, a prosperidade dessas minas não durou muito. Em 1749, as lavras já demonstravam esgotamento.

Em 1792, outro acontecimento renova o espírito de euforia do povo arraiano, que foi a descoberta de uma nova e rica mina de ouro nas terras de Dom José Matos. O ouro encontrado nessa mina tinha cor pardacenta e devido a isso ela ficou conhecida pelo nome de mina de Ouro Podre. Novamente, a quantidade de pessoas ávidas por riquezas chega a Arraias nesse período. Todavia, com o passar do tempo, a mina de Ouro Podre torna-se mais um falso reduto de prosperidade pelo seu rápido esgotamento.

Apesar de breves, os dois momentos de atividades auríferas em Arraias foram bastante intensos. Porém, quase todo o ouro extraído, resultante dessas atividades, destinava-se a fortalecer o mercantilismo europeu, ficando pouco em terras arraianas. Como subsidiárias da mineração, a pecuária esteve sempre presente nos arraiais do norte goiano. Quando o ouro deixa de ser a base da economia local, os antigos mineiros dedicam-se à de subsistência voltada para a lavoura e a pecuária. Em Arraias, desenvolveu-se principalmente a pecuária que logo tornou a opção econômica da população para superar a crise e, atualmente, representa a principal atividade econômica do município.

Presume-se que havia nesse local uma população escrava estimada em dez mil negros no período áureo do garimpo. Apolinário (2007) afirma que a partir da ocupação inicial e no decorrer do século XVIII a cidade de Arraias recebeu escravos de dois grandes grupos linguísticos africanos, a saber: sudaneses e bantos. Segundo a autora, os sudaneses eram comprados na Bahia e vinham em comboios do recôncavo baiano, via sertão do São Francisco em direção a Arraias. Esses eram procedentes do golfo de Benin, na África ocidental: Nagô, Ioruba, Jejê, Mina, entre outros.

Os negros denominados Mina eram, frequentemente, utilizados na mineração por possuírem conhecimentos dessa atividade, que já as praticavam na África, bem como a técnica de fundição de metais preciosos.

Os bantos, por sua vez, eram adquiridos no porto do Rio de Janeiro, procedentes da África Central, cuja costa se estende do golfo da Guiné à África meridional, na direção Norte-Sul - Angolas, Congos, Muxicongos, Benguelas, Monjolos, Rebolos, Cabidas dentre outros.

Apolinário (*op. cit.*) buscou os dados da sua pesquisa em inventários e livros de entradas em cartórios de Arraias e outras cidades, e garante que no período entre

1739 a 1800 foi observado que a maioria dos africanos que trabalharam nesse local eram sudaneses: Minas e Nagô. De acordo com a sua pesquisa, os sudaneses atingiram um percentual de 66% em relação aos escravos bantos (Angolas e Benguelas) e esses não ultrapassaram 34% do total de africanos identificados.

Nas terras do norte goiano, conforme a autora acima citada, antes do processo de povoamento, eram habitadas por populações nativas, ou seja, povos indígenas que na sua grande maioria pertenciam ao tronco linguístico Macro-Jê, a saber, os Akroá, Xakriabá, Xavante, Xerente, Krahô, Apinyé, Javaé, Xambioá e Karajá. Esses povos indígenas foram destruídos, ou subjugados a aldeamentos, ou procuraram outros lugares para viver.

A primeira denominação desse local foi Povoado de Nossa Senhora dos Remédios de Arraias que, em 1807 eleva-se à categoria de vila e, em 1914, à cidade.

Esse município, atualmente, conta com uma população estimada em 10.928 habitantes, segundo o senso do IBGE de 2008 e sua extensão territorial é de aproximadamente 5.757 km².

Arraias é conhecida como “Cidade das Colinas” por ser cercada por serras que proporciona a ela um aspecto muito interessante. Na arquitetura da cidade predomina o estilo colonial português e suas casas mais antigas encontram-se gravadas as iniciais dos patriarcas das famílias e o ano de construção³.

Esse município conta com grande potencial turístico ainda pouco explorado. Como atrativos naturais têm-se a Chapada dos Negros com suas ruínas de casas, muralhas e galerias, as Grutas da Lapa. Têm-se também as festas religiosas em homenagem a santos católicos, como a Romaria de Nossa Senhora dos Remédios, padroeira da cidade, Santos Reis, São Sebastião e a Festa do Divino, bem como o contato intenso com quilombolas que, dentre outros, formam o patrimônio histórico-cultural desse local.

1.2 COMUNIDADE QUILOMBOLA DE LAGOA DA PEDRA

No Estado do Tocantins, a exemplo do Brasil, o negro faz parte da sua

² Dado segundo o site www.ecosdotocantins.com.br/municipio.

³ Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Arraias>.

formação histórica e cultural. Essa participação é mais intensa ao sudeste do Estado onde se desenvolveu a mineração no século XIX, em que a mão-de-obra escrava foi muito utilizada e com a decadência das minas auríferas, ela foi incorporada à agricultura de subsistência, na lida com o gado e aos serviços domésticos.

Durante mais de três séculos de escravidão, muitos se revoltaram contra essa situação de vida subumana, fugiram e formaram vários quilombos. Na região do município de Arraias não foi diferente. Apolinário (2007, p. 131) destaca que “na busca de alternativa longe do cativo, lá iam os escravos negros de Arraias embrenhando-se nas matas, tentando ultrapassar as barreiras que os separavam da liberdade”.

Conforme essa autora, a comunidade quilombola de Lagoa da Pedra, nesse município, é tida como um território de resistência em que homens e mulheres lutam para manterem suas terras e pela preservação da continuidade da matriz cultural africana.

Dito isso, para reconstruir a história dessa comunidade dois aspectos importantes devem ser considerados. Uma deles é a história narrada pelos moradores mais velhos do local, Balbino Francisco Machado, 80 anos, Senhorinha Francisco Machado, 84 anos, Maria Antonio Dias, 77 anos, e o outro, a história registrada em escassos materiais escritos. Entre as duas versões da formação histórica da referida comunidade existem alguns pontos divergentes como, por exemplo, o nome do fundador dela.

Telles (1977) atesta que a comunidade quilombola de Lagoa da Pedra formou-se no início do século XIX quando Joaquim Evangelista Machado, um provável descendente de escravos, tomou posse de uma gleba de 500 alqueires de terra. De acordo com a autora, convivem nesse local aproximadamente 200 habitantes, quase todos descendentes desse primeiro ancestral.

Em contrapartida, Soares (2006) atribui a formação dessa comunidade a um casal de negros que chega ao local, por volta de 1854, provavelmente, fugindo da escravidão. Afirma ainda que a comunidade quilombola de Lagoa da Pedra tem a mesma origem dos Kalungas do Estado de Goiás e que seus ancestrais surgiram da Chapada dos Negros, um ex-núcleo de exploração aurífera que se serviu da mão-de-obra escrava no século XIX.

Todavia, os moradores dessa comunidade relatam, de forma diferenciada, a história da formação desse local. O morador Balbino Francisco Machado, o homem mais velho do lugar, conta a história a partir do seu avô Vitorino. Ele conta que quando

se “entendeu por gente” ainda menino só tinha quatro moradores, era seu avô Vitorino com os filhos dele:

Ó mĩa sñora a cumunidadi conformi eu... eu nasci aqui mermu, a cumunidadi conformi cñinci i criei aqui, hoji tá uma cidadi, aqui era atrazadu mais pussivi, era roça i roça mermu i maribondi e caça era u qui tñia aqui i hoji não, hoji tá é ricu, cê óia já inxerga nóis, mñitu binifiçu, mñitu moradô, eu cñinci issu aqui quandu eu intindi pur genti, minimu nu meu intidimemtu só tia quatu moradô, era meu avô Vitorinu cuns fii, u restu era tudu matu, morrêra, pedrêra, onça...onça vña pegá a criação nu terreru assim, num tñia nada pa ispanotá elas né.

Ele expõe que no passado esse lugar era chamado de Terra da Nação por não possuir donos. Aos poucos, fazendeiros foram chegando e compraram ao seu redor, ficando aquele pedaço de terra vazio que, mais tarde foi adquirido pelo irmão do seu avô, o Sr. Paulino. Esse convida o irmão para morar em terras próprias, visto que, provavelmente, trabalhavam para fazendeiros da região.

B.F.: Ó é...Chicu Tacheru vêi da Bahia aí pra Canabraba e comprô issu aí, é Chicu Bentu comprô a Vagi num sei de quem, Rufinu de Mõra comprô u Jacaré dessis Barreti aí, Chicu Nuni comprô Itabira, tudu divisanu aqui né? Essa serra aqui i u buquerãu i Elimóis comprô a Lagoa, Joaquim Aire comprô a Bertioga i Mamedi vêi i comprô aqui us Macacu faladu, hoje tudu é Canabraba, mais antigamente era chamadu de Macacu. Dessa entrada pra cá e não tem ota saída, a saída é essa pra cá, tem saída sim, mais a cavalu, di a pé tem. Passa uns morru e otu aí, mais aí era só... i nessa comprassão qui elis comprarum, aqui ficô esse buquerãu, um compra daqui, otu compra daculá e foi ficanu essa ariazña aqui disabitada. Us bichu, as caça, us maribondo, as cobra foi fastanu tudu pra qui, tava disabitada, só tñia morru e aí meu avô morava aqui nu Alegre pertu da Água Boa e Paulinu comprô um pedaçú ali na ladêra dus Macacu pra saí pra Bertioga, aí eles era irimão, i disse “oia manu, agora ocê vem pra cá, comprei uma terrña aí, sê de ficá danu resultadu pru qui é dus otu, vamu trabaia nu qui é nossu”. Foi cum’ele puxô pra cá i daqui Paulinu mudô pra cá e logu tevi fãmia, a fãmia foi crescenu, e nissu foi entranu pra cá, trabaianu di roça i coisa i tali, até mudô dus Macacu pra cá e foi na épica de meu nascimentu e de muitus otus i otus i otus... nois era vinti i cincú irimão.

Maria Antonio Dias, prima do Sr. Balbino, relata também a história da comunidade a partir do seu avô Vitorino, mas um fato que pode ser relevante em seu relato é que a mesma afirma que a sua mãe contava que se casou com dezesseis anos na década de quatorze do século passado já morando no local. Esse fato pode confirma a informação que o local foi povoado nos meados do século XIX.

M.D.: Contava não, meu pai mais a mĩa mãe num era, já fõrum criadu mais civilizadu num contava essas históra não, quandu eu intidi pur genti meu avô Vitorinu já morava aqui só num cñinci mĩa vó a muié deli qu’ela morreu nova a

Raimunda mãe di mãe, mais aqui tã muito, mais achu qui tã muitus anus qu'eles tava aqui porque mãe falava cumigu sempi [...].

M.D.: [...] achu qui moradô fôrum muitxus anus qui mĩa mãe mi contava qui ela casô cum dizesseis anu, ela falava cumigu “ó mĩa fia cês tem di trabaiá di roça, sempi fazê as coisa eu casei nova eu casei cum dizesseis anu na era di catôzi já moranu aqui [...].

Senhorinha Francisco Machado, 84 anos, confirma a versão dos demais, apontando os Sr. Vitorino e Sr. Paulino como os primeiros moradores do local e, a partir dos dois, a comunidade foi se formando.

S.F.: um dus primeru cheganti pra qui era duas famia, era uma di Viturinu aqui i Paulinu na Canabraba, onde elis chama dus Macacu pur aí assim, entri Canabraba i us Macacu. Aí era onde Viturinu...era essas duas famia qui tã aqui, num tã vamu dizê qui tã uma genti di fora nãu, depois foi cheganu i aí fica um tempu depois sai, mais famia mermu daqui foi essas duas famia.

P.: quando eles vieram, eles já estavam casados?

S.F.: acho qui elis naceram aqui, pur aqui, isso já num foi du meu arcansi também né?

Convivem nessa comunidade 37 famílias, todos afrodescendentes e todos parentes entre si. Um aspecto interessante na comunidade quilombola de Lagoa da Pedra é o casamento entre primos. As famílias geralmente têm sobrenome *Dias* ou *Machado*.

Lagoa da Pedra destaca-se por ter sido a primeira comunidade rural negra no Estado do Tocantins a obter o reconhecimento de remanescente de quilombo⁴ por meio da Fundação Cultural Palmares e, devido a isso, a legalização de suas terras, fato esse que ocorreu em setembro de 2004. Por isso são chamados de quilombolas. De acordo com os relatos dos participantes, houve mais desenvolvimento nos últimos três anos após o reconhecimento de remanescentes de quilombos. Alguns benefícios foram alcançados com relação a serviços de infraestrutura, como água encanada, banheiros, luz elétrica, escola, meios de comunicação e de transporte.

As principais manifestações culturais e religiosas de Lagoa da Pedra são: a festa do Juda que ocorre em todo período de Semana Santa, a dança da Súcia e a Roda de São Gonçalo. Essa roda, conforme Araújo (2008), é uma festividade que reúne elementos da cultura portuguesa e da cultura afrobrasileira. Tem a sua origem em uma

⁴ Esses termos, quilombo e quilombola, são de origem banta. Quilombo é derivado de *ki-lombo*, uma sociedade iniciática de jovens guerreiros “mbumdu” formado por diferentes grupos étnicos africanos desvinculados de suas comunidades e quilombola é derivado de *ngolo* que quer dizer força; *nbula* “golpe”; calhambolas seria o destemido. No período colonial os habitantes dos quilombos eram chamados de quilombolas ou calhambolas (APOLINÁRIO, 2007, p. 123).

antiga lenda portuguesa, a qual relata que São Gonçalo, com intenção de preparar um determinado grupo de mulheres para o domingo comemorativo ao Dia do Senhor, anualmente, sujeitavam-no a uma dança semanal, em que ele mesmo era um dos tocadores e no dia esperado as mulheres, totalmente exaustas, repousavam. Conforme a lenda, São Gonçalo fazia isso por acreditar que o cansaço purificava o corpo.

A dança de São Gonçalo em Lagoa da Pedra e circunvizinhança é chamada de “roda” e é realizada em pagamento de uma promessa. A roda é composta por vinte pares, que na sua maioria são mulheres com vestimentas brancas enfeitadas de fitas vermelhas que são colocadas do ombro direito à cintura e nas mãos, arcos de madeira enfeitados com flores, iluminados com pavios feitos de cera de abelha.

A função de tocarem as violas e acompanharem as dançarinas compete aos homens para que elas não se percam no decorrer da dança. Durante a roda, os violeiros e os dançarinos entoam versos em louvor a São Gonçalo.

1.3 DISTRITO DE CANABRAVA

O distrito de Canabrava, conforme informações dos moradores, é de origem indígena e africana.

A história desse local foi relatada por um morador descendente de uma das famílias mais antigas do distrito. Ele afirma que a origem do nome Canabrava é devido à rivalidade entre duas famílias, há muito tempo atrás, a Tacheiro, que na realidade é a família Moura, tendo esse nome por confeccionar tachos de cobre, e a família Prego.

Durante muito tempo membros das duas famílias matavam-se uns aos outros até quase acabarem seus descendentes. Se um membro da família Tacheiro matava um membro da família Prego, um membro dessa vingava-se matando alguém daquela. A família Tacheiro quase exterminou a outra, nesse caso, tornando-se a vencedora desse conflito. Os motivos de tal discórdia são desconhecidos. Como resultado ficou o local conhecido como terra de guerrilheiros, pessoas bravas que matam pelo simples prazer de matar. Por isso ficou o lugar com nome Canabrava.

No entanto, esta rivalidade foi superada com o tempo, pois foram chegando pessoas de outras localidades em busca de terras férteis para cultivar e criar animais e

com isso as famílias foi se misturando, deixando para traz um histórico de conflitos e intrigas entre as famílias Tacheiro e Prego.

No trecho a seguir, um informante dessa comunidade ao relatar procedência de seus antepassados, afirma que eles vieram da região nordeste.

O. R.: Meus pai, meu bisavô era paraibanu né, vêi de lá da Paraíba tombanu de lá de Dianópi, vêi pa Taguatinga , de Taguatinga vêi pará qui nu Santiagu né, ai dexô um bucadu di arrebacão grande, ai ondi eu sô dentu dessa arrebacão e da parte da mãia mãia é da bêra du rii São Franciscu, ai vêi, meu avô vêi pra cá chegô aqui e achu qui veí casado aqui de novo e aqui tevi a distribuiçãu dus fii e eu sô netu du véi Grigoru que é di lá da Redençãu de lá du du ...cume qui chama?

A. R.: Rii di São Franciscu.

O. R.: Rio de São Franciscu adiente de Barrera achu que fica pertu de ...

P: Bahia, né?

O. R.: Na Bahia pra lá, di modu que eu tenhu sangui di paraibanu e baianu, ai eu naci bem aqui e fui criadu aqui, num cunheçu pra lá não.

Outro informante desse local ao relatar também a procedência dos seus pais, indica a Bahia como o Estado de origem.

D.V.: meu pai i mia mãe era da Bahia, di São Disideru, agora eu num sei si meu pai tamém era di São Disideru...

J. P.: di Santa Rita.

D. V.: di Santa Rita du Riu Pretu meu pai e mia mãe era di Disideru.

P. Na Bahia?

D. V.: na Bahia.

O distrito de Canabrava possui uma população estimada em 400 habitantes. Ela conta com serviços da agência de correios e telégrafos, posto telefônico, serviços de telefonia local, linha de ônibus para a sede municipal, Arraias, e escolas que oferecem o ensino básico completo (fundamental e médio).

A principal atividade econômica de Canabrava é a pecuária com predominância do rebanho de bovinos destinado ao corte. A agricultura também desenvolve papel muito importante nessa localidade. Cultivam-se principalmente arroz, feijão, soja, cana-de-açúcar, mandioca, banana e hortaliças em geral.

As festas religiosas em Canabrava em reverência aos santos católicos são tradições mantidas com muito fervor. Segundo relato de moradores, a maior adoração do povo de Canabrava está voltada para O sagrado Coração de Jesus que é o Padroeiro do local, comemorado no dia 28 de junho de todos os anos. Outros eventos também podem ser citados como a festa de São Sebastião em 20 de janeiro, a festa de São

Gonçalo, bem como a festa dos Santos Reis no início do mês de janeiro. A Semana Santa ainda é comemorada com vias-sacras, rezas, ladainhas, novenas e a festa do Juda.

1.4 CARACTERÍSTICAS DOS INFORMANTES

Os informantes têm idade entre 54 a 89 anos. Têm conhecimento reduzido da cultura letrada ou nenhum e são moradores das comunidades de Lagoa da Pedra ou de Canabrava, descritas anteriormente. Nasceram e se criaram nesses locais ou nas redondezas e poucos foram os que saíram das comunidades para viverem em outro lugar e os que saíram foram por um curto período de tempo.

Eles, de modo geral, demonstraram interesse em participar da pesquisa. Contudo, com alguns, foi necessário mais esclarecimentos a respeito dos objetivos do trabalho e a presença de um morador local, para se tornarem mais confiantes e motivados a colaborar.

O assunto que despertava o interesse de cada um variava dependendo da comunidade em que estava inserido. Por exemplo, os moradores da Comunidade de Lagoa da Pedra, principalmente os mais velhos, gostavam de relatar a história do surgimento da comunidade, fazendo um paralelo entre o passado e o presente, ressaltando a importância do reconhecimento da comunidade como remanescente de quilombo e o que mudou depois disso.

Outro tópico recorrente refere-se à passagem da Coluna Prestes pelo local em 1925, episódio denominado por eles de “Us Revoltosu” devido às atrocidades que cometeram na região, como mencionado pelos informantes. Alguns deles não tinham ainda nascido, outros eram crianças bem pequenas quando ocorreu esse fato, porém, eles contam o que seus pais lhes repassaram.

Além desses, outros acontecimentos, como mitos e lendas criados pelo imaginário local, fazem parte do repertório de assuntos encontrados nas entrevistas realizadas nessa comunidade específica. Suas memórias estão repletas de histórias de assombrações, lobisomens, feitiços, mitos que foram construídos na oralidade, com o passar do tempo, deixado pelos pais aos filhos e que hoje representam um acervo de cultura e saber popular local.

Os informantes do Distrito de Canabrava, por terem pouquíssimas informações a respeito da história local, prendiam-se, principalmente, às narrativas de experiências pessoais, tais como lembranças da infância, da juventude, a família, o casamento. Todavia, nesse local, as festividades religiosas tiveram maior relevância, principalmente a Roda de São Gonçalo e a dança da Súcia. Em seus relatos demonstram-se a religiosidade e a devoção, mas também o prazer pela dança como marcas identitárias.

As características marcantes dessas pessoas são vigor para o trabalho, apesar da idade, a alegria de viver e a hospitalidade. Quase todos, apesar de serem aposentados, exercem alguma atividade para o provento de seus alimentos, como roças, hortas, fabricação de farinha de mandioca e a criações de animais. É interessante observar que eles fazem esses serviços com prazer, têm orgulho de ver suas despensas cheias de mantimentos produzidos pelo próprio trabalho.

1.5 COLETA DOS DADOS

Para coleta de dados, estabeleceram-se três critérios para seleção dos possíveis colaboradores da pesquisa, a saber: pessoas com idade acima de 70 anos, nascidas e criadas nas comunidades de Lagoa da Pedra e Canabrava e que não fossem escolarizadas ou que possuíssem poucos anos de escolaridade.

O tipo de mecanismo selecionado para coleta dos dados foi a entrevista de narrativa livre referente a experiências pessoais por apresentar uma comunicação natural, sem preocupação com a forma linguística, visto que, “os estudos com narrativas de experiência pessoal tem demonstrado que, ao relatá-las, o informante está tão envolvido emocionalmente com o *que* relata que presta o mínimo de atenção ao *como*”, (TARALLO, 1994, p. 22).

Em contato com as comunidades, percebeu-se que a fala das pessoas com idades entre 50 e 70 anos, não-escolarizadas e que sempre moraram no local tinha muito em comum com a das pessoas acima 70 anos com as mesmas características. Assim sendo, foram entrevistadas dez pessoas com idade entre 70 a 89 anos, sete entre 63 e 66 anos e três pessoas com idade entre 54 a 58.

Os dados foram coletados em três etapas. A primeira aconteceu no dia 09 de julho de 2007. Nessa primeira etapa caracterizou-se como um contato inicial com as comunidades e serviu para conhecer um pouco do lugar e das pessoas. Nesse momento, foi feita apenas uma entrevista com um casal que demonstrou interesse em participar da pesquisa. A segunda etapa ocorreu uma semana depois. Nessa etapa foram gravadas cinco entrevistas com seis pessoas, pois um casal participou junto numa única gravação. A propósito, todos os casais que participaram da pesquisa preferiram gravar juntos, dando às entrevistas um aspecto ainda mais informal.

Em março de 2008 ocorreu a terceira etapa. Essa etapa se mostrou a mais produtiva devido à familiarização com as pessoas das comunidades. Foram realizadas 11 entrevistas, sendo que duas delas não foram gravadas por problema técnico no gravador, entretanto, as principais informações foram anotadas, as quais ajudaram a descrever a história local.

A temática das narrativas, inicialmente, teve como assuntos principais a história de vida, referindo-se à infância, ao casamento, ao trabalho; à história do lugar, comparando o passado e o presente; a procedência, caso não fossem do lugar, a chegada ao local e quando isso aconteceu. Todavia, a partir do interesse de cada informante, outros temas eram levantados, como religiosidade, manifestações culturais locais e “causos” de aparições que ocorrem nas comunidades desde as gerações anteriores.

O tempo para transcorrer a entrevista não era estabelecido previamente, ficava a critério dos informantes. A intenção era deixá-los à vontade para que a conversa transcorresse o mais natural possível. Percebendo que eles não estavam mais interessados na conversa, a entrevista era encerrada, demonstrando satisfação com o que tinha sido gravado.

Apesar de não ter sido estabelecido o tempo de duração das entrevistas, as gravações variam entre 21 minutos até 1h: 15 m. Todas elas foram realizadas uma única vez, geralmente, na residência dos informantes. Após a coleta dos dados, as entrevistas foram transcritas fonograficamente e, posteriormente, foi feita a seleção dos dados que constituiria o material de análise do processo de palatalização.

Para a descrição dos dados, levou-se em consideração os fatores internos à língua que podem favorecer o processo de palatalização de /t/ e /d/ tais como, o contexto fonológico seguinte, contexto fonológico precedente, posição da sílaba no vocábulo e a tonicidade, como pode ser verificado no capítulo 5.

A análise dos dados dividiu-se em duas partes, a primeira, a análise fonológica do processo de palatalização seguindo o modelo proposto pela teoria da Geometria de Traços e a segunda, a análise histórica do processo fundamentada na fonética histórica. Esse tópico é apresentado no capítulo 6.

CAPÍTULO 2

A FORMAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DO PORTUGUÊS DO BRASIL

Pontuou-se no capítulo anterior que a Linguística Histórica interessa-se essencialmente pelo fato de que as línguas humanas estão em constante processo de mudança no decorrer do tempo e a dinamicidade das línguas constitui seu principal objeto de estudo.

As mudanças linguísticas ocorrem, geralmente, de modo gradativo e cadenciado envolvendo partes do sistema linguístico, mas nunca o todo, para que a intercomunicação permanentemente entre gerações seja garantida. As mudanças linguísticas, além disso, estão intimamente ligadas às transformações da sociedade e às influências do contato entre línguas.

Do mesmo modo que as línguas não formam realidades estáticas, elas também não são sistemas homogêneos, pois toda língua é um conjunto heterogêneo de variedades. Posto que cada variedade é resultado das peculiaridades das experiências históricas e socioculturais da comunidade que a fala, como ela se constituiu, como é a sua posição na estrutura socioeconômica, como ela se organiza socialmente, quais seus valores e visão de mundo, quais as suas possibilidades de acesso à escola, aos meios de informação e outros aspectos.

A partir das considerações tecidas anteriormente, faz-se necessário estudar a história da língua portuguesa retomando as suas origens remotas até o momento em que ela foi transferida para o continente americano. A partir desse momento, o contexto sócio-histórico e linguístico do Brasil colonial, inclusive, os fatores políticos e sociais que tornaram essa língua hegemônica em um país onde imperava o multilinguismo de norte a sul.

Portanto, nesse capítulo apresentará a formação histórica da língua portuguesa desde as suas origens do latim até o período em que chegou ao continente americano, por ocasião da expansão marítima de Portugal. Apresentará também a formação histórica do português brasileiro, destacando os aspectos sócio-históricos e linguísticos que marcaram os primeiros séculos da colonização portuguesa no Brasil

como, por exemplo, o contato com as línguas indígenas e africanas. E ainda, as razões que justificam o português ser falado em todo o país e seu aspecto atual.

2.1 A ORIGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA

A língua portuguesa deriva do latim, língua da civilização romana que, de acordo com Ilari e Basso (2007), desenvolve entre a fundação de Roma por Rômulo (753 a.C.) e a deposição do último imperador, Rômulo Augústulo (476 d.C.).

O latim, assim como as demais línguas naturais, era composto pela diversidade linguística. Dentre elas, pode-se citar o *latim clássico*, que seria a língua escrita cultuada pelos escritores latinos como Cícero e Augusto, seus maiores representantes, o *latim eclesiástico*, utilizado pela igreja Católica até o Concílio Vaticano (1962-1965) e o *latim vulgar*, o vernáculo, ou seja, a língua aprendida de forma espontânea e inconsciente no ambiente familiar.

O latim vulgar era a língua falada pelo povo em geral, variedade do latim que representava os falares das camadas sociais mais humildes, bem como uma espécie de instrumento de comunicação familiar. Dessa maneira, essa variedade do latim, denominado de vulgar, que, por ocasião das conquistas do Império Romano, foi expandida para regiões conquistadas, já que era a língua falada pelos soldados e comerciantes romanos.

Em consequência da estabilidade política do Império Romano, depois das conquistas, o latim vulgar falado na maioria das regiões conquistadas apresentou, como se acredita, uma relativa uniformidade numa grande área geográfica que hoje corresponde à Europa ocidental.

Com a fragmentação do Império, devido às invasões de outros povos considerados “bárbaros”, a aparente uniformidade linguística foi colocada em xeque e surge um período de diversificação que se intensificou paulatinamente, impulsionada pelas forças inovadoras locais. Dessa diversificação surge uma gama de falares locais que se distanciaram do latim falado em Roma, culminando na formação de várias línguas denominadas de *línguas românicas*, como o romeno, o italiano, o sardo, o francês, o catalão, o espanhol, o português, dentre outras.

Assim, o português é o resultado do desenvolvimento do latim vulgar ocorrido na Península Ibérica. Nessa península o latim entrou em contato com outras línguas nativas e estrangeiras, primeiramente as de origens germânicas e depois com o árabe, no período da invasão mulçumana, constituindo assim, a princípio, os *romances*. Ao norte da península Ibérica os romances adquiriram características específicas, formando o galego-português. Esse romance do norte impôs-se aos demais romances de outras regiões por ocasião da Reconquista do território ibérico da dominação mulçumana pelos reis católicos. Teyssier (2004) confirma que, tanto o castelhano, como o português derivou-se de uma língua do norte, ou seja, o galego-português que foi levado ao sul em decorrência da Reconquista.

Finalmente, a língua portuguesa é constituída depois de um longo período de modificações ao longo de sua história em solo europeu, sendo transplantada para outros continentes como o asiático, o africano e o americano, em consequência dos descobrimentos marítimos, dando início à fase de expansão dessa língua.

Leite de Vasconcelos (1926 *apud* COUTINHO, 1976) ilustra a história da língua portuguesa dividindo-a em três grandes épocas. A época *pré-histórica* é a que começa com as origens e se prolonga até o século IX, é nesse período que surgem os primeiros documentos latino-portugueses. A *proto-histórica* que inicia no século IX e vai até o XII, e os textos que apareceram nesse período são redigidos em um latim modificado, pois já pode ser percebidas palavras em português. A terceira época é a *histórica* que começa no século XII, caracterizada pelo surgimento de textos ou documentos redigidos totalmente em português. Essa se divide ainda em duas fases: a *arcaica*, que se estende do século XII ao XVI, e a *moderna*, do século XVI em diante.

Portanto, quando a língua portuguesa foi transplantada para o Brasil por ocasião da colonização desse território, no início do século XVI, estava no final da fase arcaica e início da moderna. Nessa época a língua portuguesa, conforme Ilari e Basso (2007, pg. 14) “já tinha características bem definidas, tanto em fonologia e sintaxe, quanto em seu léxico. Tinha encontrado uma solução própria para o problema de fixar uma ortografia, e já era a língua de uma rica literatura”.

Ao chegar ao Brasil, a língua portuguesa entra em contato com outras línguas indígenas e depois africanas, porém, as teorias divergem ao considerar que essas línguas tiveram influências na língua portuguesa, exceto quando se fala na contribuição lexical.

Na próxima seção será feita um panorama histórico-social e linguístico do Brasil Colonial apresentando nesse contexto as línguas indígenas, línguas gerais e línguas africanas.

2.2 A HISTÓRIA SOCIAL E LINGUÍSTICA DO BRASIL COLONIAL

Quando os portugueses iniciaram a ocupação do território brasileiro, ele já era habitado por muitas tribos indígenas de cultura e línguas diversas. Estima-se que, no início da colonização portuguesa, a população indígena era de cinco milhões, sendo reduzida a 800.000 no fim desse mesmo período e 300.000 ao fim do império. Na atualidade, consta cerca de 262.000. Eram faladas mais de mil línguas nesse território. Como propõe Rodrigues (1993 *apud* MATTOS E SILVA, 2004), teriam sido exatamente 1.175 línguas, dessas, 80 % desapareceram ainda no período colonial.

As populações indígenas continuaram a desaparecer devido a diversos fatores como, a integração das populações indígenas na sociedade nacional e pela forte dizimação ocorrida por meios de conflitos com o colonizador ou por doenças trazidas da sua terra, das quais os indígenas foram vítimas.

Apesar do multilinguismo, eram faladas no litoral brasileiro duas línguas muito semelhantes entre si, que se distinguiram das demais em razão dessa semelhança. São elas, o *tupi*, no litoral paulista, e o *tupinambá*, falado do Rio de Janeiro até a foz do Rio Amazonas. Segundo Rodrigues (2002), essa situação peculiar predominante ao longo da costa favoreceu consideravelmente a comunicação dos portugueses com os tupinambá e os tupi, pois a língua que era aprendida num ponto da costa servia para as demais localidades, porém, desfavoreceu o estabelecimento da língua europeia como meio de comunicação geral no primeiro momento da colonização.

Fora dos limites litorâneos, no interior do território, havia muitos grupos indígenas de formação étnica e linguística diferente dos tupi, considerados por esses e pelos colonizadores como *Tapuia*, e que falavam uma variedade de língua pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê. Vale ressaltar aqui que, conforme Mattos e Silva (*op. cit.*), não se sabem o quanto as línguas desse tronco linguístico marcaram a língua portuguesa.

Paralelamente a esse contexto de eliminação cultural e linguístico, houve outra situação que se desenvolveu em consequência do contato linguístico e a convivência entre portugueses e indígenas. Nesse momento que se desenvolvem as línguas gerais, consideradas como adstrato, ou seja, numa situação de bilinguismo em que uma língua convive em pé de igualdade com outra. Essas línguas gerais são continuações das línguas indígenas faladas pelos filhos mestiços de portugueses e índias brasileiras, que não tinham contato com a família paterna, de língua portuguesa, e criavam-se imersos no universo indígena.

Presume-se que tenha havido inúmeras línguas gerais, no entanto, desapareceram sem deixar vestígios, mas algumas tiveram maior relevância histórica e, conseqüentemente, uma maior difusão, possuindo até mesmo material escrito. Uma delas de base tupi falada no estado de São Paulo, chamada *língua geral paulista*, constituída ainda no século XVI, e falada até o início do século XIX. Outra, de base tupinambá, falada do Rio de Janeiro ao Amazonas, chamada de *língua geral amazônica*, é também conhecida por *Nheengatu*, constituída pelos meados do século XVII e persistindo atualmente nos confins do rio Negro, e a língua geral *Kariri*, do tronco Macro-Jê, falada nos Estados de Sergipe e Pernambuco e parte da Bahia.

Essas línguas serviram como veículo de intercomunicação entre índios de diferentes etnias, entre índios e portugueses e seus descendentes, assim como entre portugueses e seus descendentes. Dessa forma, as línguas gerais são consideradas como língua franca. Guimarães (2005, p. 24), considera que “a língua portuguesa como língua oficial do estado português era a língua empregada em documentos oficiais e praticada por aqueles que estavam ligados à administração da colônia”.

Ainda no decorrer do século XVI, início da colonização, o tráfico de escravos africanos começou e perdurou até nos meados do século XIX, algumas décadas depois de ser considerado ilegal.

Os portugueses traziam os africanos para trabalharem como escravos no Brasil e eram absorvidos como mão de obra na lavoura de cana-de-açúcar, nas fazendas de café, na extração do ouro, em trabalhos domésticos na casa dos seus senhores e outros. A população brasileira que, na época era constituída, em sua maioria, de indígenas, passa a conviver com um número cada vez maior de portugueses e negros africanos. Como afirma Guimarães (*op. cit.*, p. 24), “no século XVI foram trazidos para o Brasil 100 mil negros, esse número salta para 600 mil no século XVII e 1,3 milhão no século XVIII”, chegando a ter um percentual de 60% da população brasileira entre os

séculos XVII ao XVIII. Esse contingente de africanos trazia consigo suas línguas maternas e que, ao chegar aqui, tinham de abandoná-las e aprender a língua dos senhores ou uma língua geral.

Castilho (2006) assegura que os negros que vieram para o Brasil integravam duas culturas, sendo essas, a banto e a sudanesa. Assim, os negros pertinentes à cultura banto dividem-se no grupo ocidental, oriundo do Congo e de Angola, e no grupo oriental, oriundo de Moçambique, Tanganika e regiões dos lagos. Esses grupos se fixaram no Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Maranhão, Pernambuco e Alagoas. Em contrapartida, os grupos que fazem parte da cultura sudanesa são os Fulá, os Mandinga, os Hauçá, os Fante-Ashanti, os Ewê e os Iorubá ou Nagô, procedentes da costa oeste africana onde se localizam Sudão, Senegal, Guiné, Costa do Ouro, Daomé e Nigéria. Esses, por sua vez, se fixaram principalmente na Bahia e chegaram em número menor que os bantos com uma diferença de dois séculos mais tarde.

Quanto às línguas africanas, estima-se um montante de 200/300 línguas, a maioria pertencente à cultura banto, porém, nenhuma delas se estabeleceu em território brasileiro, pois ainda nos portos da África os grupos étnico-culturais eram misturados a fim de que não houvesse reações indesejáveis aos comerciantes de escravos. No Brasil tiveram que abandonar suas línguas de origem e aprender a língua dos seus senhores.

2.3 FATORES HISTÓRICOS QUE FORTALECERAM A LÍNGUA PORTUGUESA

Como foi visto, no primeiro momento da colonização do Brasil, a língua portuguesa teve que dividir o espaço com inúmeras línguas indígenas, com as línguas gerais e também com outras línguas de origens europeias como a holandesa, francesa e espanhola. A língua portuguesa estava restrita, nesse momento, a poucos usos como em documentos oficiais, por aqueles que participavam da administração da colônia ou era ensinada na escola pelos padres católicos. O momento compreende o início da colonização em 1532 até 1654, finalizando com a expulsão dos holandeses.

Com a saída dos holandeses e dos franceses do território brasileiro e depois a expulsão dos jesuítas, que eram espanhóis, a língua portuguesa passa a disputar o espaço nacional com as línguas indígenas e especificamente com as línguas gerais. O período é caracterizado pelo interesse de Portugal em um processo de colonização mais

específico. Assim, lança medidas diretas e indiretas que irão culminar na decadência das línguas gerais. Dentre essas medidas, pode ser destacado o aumento da população brasileira que, antes predominantemente indígena, passa a receber um contingente cada vez maior de portugueses, bem como de africanos introduzidos no Brasil para servir de escravos aos portugueses ricos, tendo esses que aprenderem o português, língua de seus senhores. À medida que aumentam os lusitanos, conseqüentemente aumenta os falantes específicos de língua portuguesa.

Embora o aumento dos lusitanos seja significativo no século XVII, é somente na segunda metade do século XVIII que fatores políticos conduzem o idioma português a ser uma língua hegemônica no Brasil. Nesse período, dois fatos de grande relevância se despontam. Um deles é a ação direta do império português com o intuito de impedir o uso das línguas gerais nas escolas. Essa ação se traduz numa tentativa de transformar o Brasil em colônia de língua majoritariamente portuguesa. Nesse período entra em cena a figura do Marquês de Pombal, ministro de Dom José I, em seu conhecido Édito dos Índios, em 1757, que proibia o uso da língua geral na colônia, assim sendo, os índios estavam proibidos de falar outra língua, senão a portuguesa.

Esse último fato muda a trajetória cultural e linguística do país que poderia ser, como deixa claro a história das línguas gerais, uma nação de língua majoritária indígena. Pombal, ao definir a língua portuguesa como a língua da Colônia, obriga seu uso na documentação oficial e implementa o ensino leigo que antes era restrito aos Jesuítas, expulso por sua vez do Brasil.

No século XVIII pode ser constatada também a diminuição de negros africanos, indígenas e portugueses, em contrapartida, o aumento da presença dos mulatos e brancos brasileiros. Essa miscigenação pode ser indicadora de que houve uma língua geral brasileira, a qual, não seria africana, nem indígena, visto que os índios, o outro atuante dessa história, os que não morreram, estavam integrados ou acoitados em lugares protegidos, mas uma continuação do português que já se diferenciava do falado pelos primeiros colonizadores, mas que, na realidade, era o prolongamento desse (MATTOS e SILVA, 2004).

Outro fato importante é a chegada de imigrantes portugueses seduzidos pelo ouro em Minas Gerais. A ação do Império representado por Pombal, em conjunto com a crescente população de falantes de língua portuguesa tem efeito catalisador para o declínio das línguas gerais. Desse modo, a língua portuguesa passa a ser a língua mais

falada no Brasil, mas vale ressaltar que essas medidas políticas não tiveram um efeito repentino e simples como pode fazer supor pelo exposto aqui.

Além desses fatores, outros se somam durante o século XIX, como a chegada dos imigrantes vindos de vários pontos e com várias línguas e localizando-se, principalmente, no sudeste e no sul do país, favorecendo assim a diversidade regional. Outro também, favorecendo a implantação de um ideal linguístico homogeneizador, próximo ao português de Portugal como a vinda da família real para o Rio de Janeiro a partir de 1808. A importância desse acontecimento se traduz no aumento da população portuguesa no Rio de Janeiro e sua transformação em capital do império, assim como a criação da imprensa e a fundação da Biblioteca Nacional, por Dom João VI, que muda a vida cultural do Brasil. E em seguida, a independência política que tencionou tornar o ensino universal e obrigatório na primeira constituição de 1823.

Nesse período, o Romantismo como movimento literário está em evidência na Europa e surge no Brasil no momento em que estava sendo formada a identidade nacional, pelo menos culturalmente falando. Nessa ocasião, nasce o desejo de formar uma literatura nacional e os escritores românticos brasileiros se afastam, gradualmente, dos modelos lusitanos a fim de criar um estilo que estivesse em consonância com a realidade brasileira. Dessa consciência de brasilidade surge, também, a consciência do português como língua nacional do Brasil. Portanto, é nesse cenário que aparece José de Alencar, cujo estilo foi muito criticado por escritores portugueses por buscar retratar em suas obras uma linguagem mais condizente com o português que se falava aqui no Brasil.

Ainda nesse período, os brasileiros começam a organizar suas gramáticas destinadas ao ensino da língua e constituir seus dicionários, despertando assim a consciência para uma língua nacional com características próprias que se diferenciassse da oficial imposta no processo de colonização.

2.4 AS CARACTERÍSTICAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

As várias fases históricas do português no Brasil revelam que esse foi se distanciando do europeu, adquirindo características próprias, tanto no aspecto fonético-fonológico como morfossintático. A literatura a esse respeito é vasta. Atualmente,

estudiosos têm se dedicado a descrever e interpretar a constituição do português falado no Brasil, expondo algumas diferenças com o português europeu.

Esse interesse pela interpretação do português brasileiro teve início em 1826 quando Domingos Borges de Barros, o visconde de Pedra Branca, publicou um texto a respeito do português falado no Brasil. Assim, deu início a muitos trabalhos com intuito de explicar essa diferença entre português americano *versus* europeu. Muitos desses trabalhos não tiveram bases científicas que garantissem veracidade aos estudos, foi uma fase marcada pelo amadorismo e o nacionalismo, característico do período romântico (CASTILHO, 2006). Ao passar essa fase, as pesquisas linguísticas se concentram em três hipóteses para explicar as características do português brasileiro: i) a hipótese conservadora ou da ancianidade; ii) a hipótese do contato ou crioulística e iii) a hipótese da deriva linguística.

Na hipótese conservadora, o que se prega é que os traços linguísticos encontrados no português brasileiro devem-se à conservação do português transplantado para o Brasil no início da colonização, século XVI. Enquanto o português de Portugal passava por mudanças que culminaram no que é falado hoje, o português do Brasil manteve as características anteriores devido ao isolamento das populações transplantadas. Aqui a argumentação é para que o português do Brasil seja um contínuo do português arcaico.

Exemplos que fundamentam tal hipótese são apresentados por Castilho (*op. cit.*), tanto no aspecto fonético quanto gramatical, que, dentre tantos, podem ser citados: i) o fechamento da vogal média átona final (*-e > -i, o > u*), pronúncia corrente em Portugal até o século XVIII; ii) a modificação da pronúncia do ditongo [*ej*] como [*aj*] ocorrida em Portugal, mas não no Brasil; iii) uso do pronome pessoal nominativo em função de acusativo e iv) o emprego do verbo *ter* em lugar de *haver*.

Pela hipótese do contato ou crioulística, as características linguísticas do português brasileiro devem-se ao contato do português europeu com outras línguas de origem indígena e africana.

Acredita-se que ao entrar em contato, uma língua europeia do colonizador com outra de origem ameríndia, africana ou asiática, ocorrem dois processos, sendo o primeiro, a formação de uma língua franca chamada de *pidgin*, para uso em circunstância de comercialização. O *pidgin* é adquirido por adultos como segunda língua e depois, em outro momento, é adquirida pelos filhos desses como língua materna. Desse modo, acontece o segundo processo, o *pidgin* se evoluirá para o crioulo

e esse, em contrapartida, representará um formato mais elaborado, adquirindo, dessa feita, prestígio de língua natural.

O fenômeno que justifica a hipótese criouísta na formação do português brasileiro é a variabilidade dos sistemas de concordância nominal e verbal, conforme ressaltam Naro e Scherre (2007), pois as línguas crioulas conhecidas apresentam uma forma simplificada para indicar as noções de gênero, número, pessoa, tempo e aspecto.

É nesse contexto que se discute a possibilidade do português do Brasil ter sido uma língua crioula, pois o histórico de bilinguismo ocorrido nos séculos iniciais da colonização do território brasileiro é semelhante a outros lugares em que ocorreu a crioulição. Como agravante para essa situação, o português popular brasileiro apresenta características gramaticais que aludem às línguas crioulas típicas.

A hipótese da deriva linguística atribui o que ocorreu ao português brasileiro a um processo de mudança linguística lenta, mas gradual e implacável que afeta todas as línguas. Segundo Castilho (2006, p. 243),

Sapir deu uma importante contribuição a este modo de ver as coisas quando falou em *deriva*, que é uma tendência própria dos sistemas a acomodarem-se, independente de continuarem em seu berço de origem ou serem transplantados para outros ambientes.

Exemplos que legitimam essa teoria são apresentados por Pagotto (2005), como sendo a perda da inversão do sujeito, cujo fenômeno seria um jogo de interesse de estrutura, visto que as flexões verbais se simplificaram impulsionando a perda dos pronomes acusativos e a preposição *a*, que seria a marca do objeto preposicionado. Dessa forma, a ordem dos constituintes se torna rígida para fazer as marcações sintáticas necessárias, conforme argumenta esse autor.

Outro exemplo da teoria da deriva do português do Brasil pode ser encontrado em Camara Jr. (1957), em que esse autor busca uma razão interna para o uso do pronome *ele* na posição de objeto direto.

Naro e Scherre (2007) são adeptos dessa teoria e enfatiza que o contato entre línguas não estabeleceu nenhum traço estranho à estrutura original da língua portuguesa que chegou à América. As características do português atual no Brasil já estavam presentes na variedade da língua que serviu de entrada para o processo histórico de implantação no novo continente. Logo, o português do brasileiro moderno é o resultado natural da deriva secular inerente à língua trazida de Portugal.

As características morfosintáticas e fonológicas do português brasileiro que, atualmente, veem-se envolvidas em estigmas e preconceitos sociais, são heranças românicas e portuguesas arcaicas e clássicas, reforçadas pelo contato com outras línguas.

Até onde vai nosso conhecimento dos fatos, no português do Brasil inexistiu influência gramatical específica de qualquer língua africana, ou de língua de qualquer outra proveniência não portuguesa, como também não existe nenhuma forma ou estrutura inteiramente nova criada por um processo geral de simplificação durante a fase de aquisição da língua. O que aqui aconteceu foi à ação conjunta das forças genéticas com as de contato. (NARO e SCHERRE, 2007, p. 182)

Em contrapartida, Mattos e Silva (2004) considera que para discorrer sobre a caracterização da língua portuguesa no Brasil alguns aspectos devem-se levar em consideração como os aspectos sócio-históricos, demográficos e linguísticos que marcaram o país nos primeiros séculos de colonização.

A autora classifica como primeiro fato marcante na história do português em solo americano foi o encontro ou confronto entre a língua do colonizador europeu e as línguas indígenas e logo depois, entre as línguas africanas trazidas pelos povos africanos, aos quais se integraram à população por meio da exploração da força do trabalho escravo.

A demografia histórica do Brasil, por sua vez, apresenta resultados reveladores de um perfil demográfico geral em que os europeus e brancos brasileiros, no século XVI à metade do século XIX eram de 30%. A partir da segunda metade do XIX passa a 41%, enquanto que os tradicionalmente chamados de “alóglotas” (aspas da autora), isto é, os outros e seus descendentes, vão de 70% a 69% até 1850 e diminuindo somente na segunda metade do século XIX para 59%. Dessa forma, fica evidente que em toda a história brasileira a maioria da população foi de não-brancos e isso quer dizer que essa maioria da população, em sua origem, não era portuguesa (MATTOS e SILVA, 2004).

Com relação à população indígena, quando os primeiros colonizadores portugueses aqui chegaram encontraram uma variedade de povos de diferentes culturas e falantes de diferentes línguas, as quais, podem ser estimadas, de forma desigual, por Rodrigues (1993 *apud* MATTOS e SILVA, 2004) e Houaiss (1985 *apud* MATTOS e SILVA, 2004) entre 360 a 1500 línguas. Porém, é fato que os indígenas que viviam no litoral foram dizimados ainda no XVI, restando uma pequena população sobrevivente,

atualmente, nos interiores brasileiros, em pequenos grupos populacionais, falantes de aproximadamente 180 línguas, com uma população estimada em 250.000 indivíduos.

Tendo em vista o exposto acima, leva a crer que a participação da população não-branca, que chegou a atingir um percentual de 60% na metade do século XIX, foi quem difundiu a língua portuguesa no interior do Brasil. A língua portuguesa diversificada e multifacetada que se conhece, atualmente, na fala da grande nação brasileira e inclusive os falares das comunidades rurais.

Dessa forma, considera-se que a fala da comunidade quilombola de Lagoa da Pedra e Canabrava, objeto de estudo deste trabalho, seja uma dessas faces da língua portuguesa que pode ser encontrada marcas de influências decorrentes do contato, mas também aquelas herdadas do português arcaico.

CAPÍTULO 3

A PALATALIZAÇÃO NO PORTUGUÊS

A fim de apresentar o processo de palatalização das consoantes /t/ e /d/ em sucessivos momentos da história da língua portuguesa, retoma-se a questão das características da mudança linguística, referidas brevemente no capítulo 2.

Diante disso, as mudanças linguísticas, inerentes a toda e qualquer língua, são contínuas, graduais, lentas e relativamente regulares. A mudança é contínua porque cada estado de língua, estabelecida no presente ou em algum período do passado, será sempre consequência de um processo histórico longo e ininterrupto. É gradual e lenta porque a mudança não ocorre subitamente, de um momento para outro. Da mesma forma que a mudança de uma língua para outra ou de um estágio para outro não acontece integralmente, elas vão ocorrendo gradativamente, atingindo cada parte da língua.

A mudança é relativamente regular, pois um elemento quando em processo de mudança, em condições semelhantes – no mesmo contexto linguístico, no mesmo período de tempo e na mesma língua – normalmente, é alcançado em todas as suas ocorrências. Dessa maneira, como enfatiza Faraco (2005, p. 50) “observa-se que as mudanças linguísticas não são fortuitas, nem se dão a esmo sem rumo”.

Assim, justifica-se um estudo da evolução dos sistemas vocálico e consonantal na evolução do latim ao português, encaixando nesse estudo o processo de palatalização que vem ocorrendo na língua desde os tempos primórdios do latim. Esse processo, segundo Teyssier (2004) é responsável por criar algumas consoantes ainda no latim imperial e que, em razão disso, trouxe consequências importantes à estrutura fonêmica portuguesa.

A partir dessa discussão, será apresentado também o processo de palatalização que ocorre, atualmente, em algumas consoantes, como as oclusivas dentais /t/ e /d/.

3.1 SISTEMA VOCÁLICO DO LATIM AO PORTUGUÊS

Camara Jr. (1975), afirma que o sistema vocálico latino apresentava uma vogal central (ou ligeiramente anterior) baixa, pronunciada com a língua praticamente em posição de repouso (/a/), duas anteriores média e alta (/e/, /i/) apresentando um avanço em dois graus em direção a parte anterior da boca e uma simultânea elevação gradual da língua. Apresentava também duas posteriores que recuava e elevava gradualmente a língua, acompanhadas de um arredondamento dos lábios (/o/, /u/).

No entanto, a realidade fonológica desse sistema era mais complexa devido essas vogais se desdobrarem em duas, sendo que uma tinha pronúncia mais demorada e outra, mais rápida, constituindo a vogal longa e a breve, respectivamente. A quantidade⁵ fazia aparecer para cada vogal - baixa, anterior média, anterior alta, posterior arredondada média, posterior arredondada alta – outra, criando um par opositivo em breve *versus* longa. Essa distinção não era marcada na ortografia usual, contudo, em certas condições de estudo gramaticais era indicada por um sinal diacrítico adicionado à letra. Esses diacríticos são (¯) o macron, para vogal longa, e a (˘) bráquia, para breve.

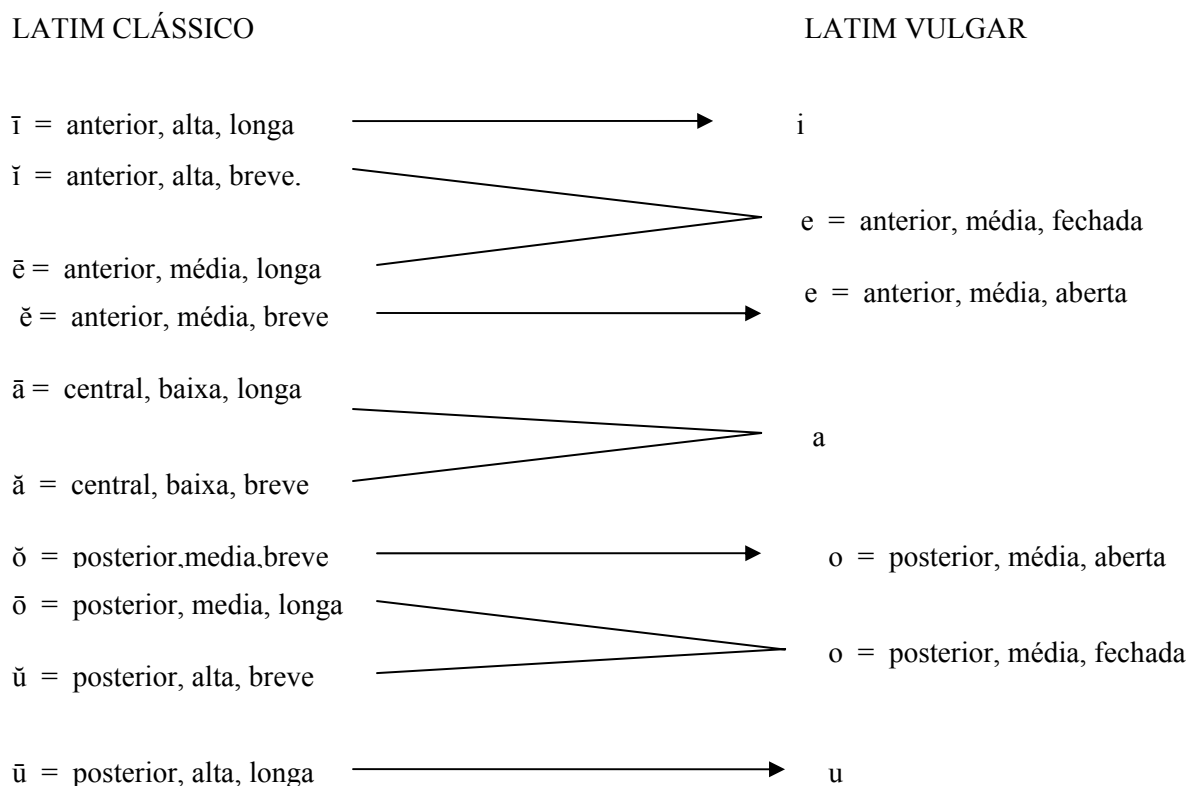
A quantidade, no latim clássico, tinha função distintiva, porém, no latim vulgar à medida que se intensificava o uso do acento, a quantidade perdia o valor distintivo vocálico até desaparecer por completo. Com isso, as vogais passaram a ser condicionadas pela incidência ou não do acento e, em caso de átonas, por sua posição de anterior ou posterior a ele. Desse modo, a quantidade, como traço distintivo, foi eliminada e constituíram-se em seu lugar três quadros diferentes para as vogais, conforme tônicas, pretônicas ou átonas finais.

A consequência da perda da quantidade como traço distintivo resultou na redução do número de vogal no latim vulgar em relação ao latim clássico. Das dez vogais presentes no latim clássico, reduziu-se a sete no latim vulgar, quando tônicas.

⁵ Qualidade física do som que caracteriza o tempo de duração das vibrações em longos, breves e brevíssimos (COUTINHO, 1978).

(1) quadro das vogais do latim clássico e do latim vulgar

Fonte: Tarallo (1990, p. 95)

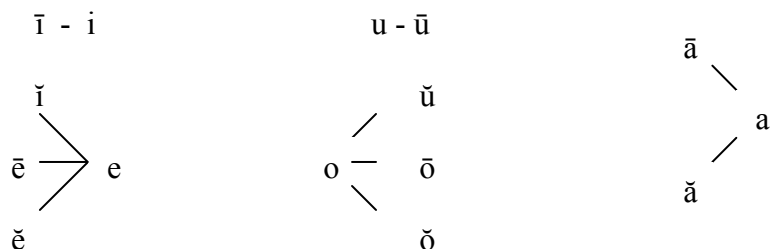


ẽ O quadro registra a incorporação de dois graus de elevação da língua em posição intermediária entre a posição baixa (/a/) e alta (/i/, /u/), gerando uma oposição distintiva entre um /e/ ou /o/ abertos, com pouca elevação da língua, e um /e/ ou /o/ fechados, com maior elevação da língua. O grau médio aberto deriva de /e/ ou /o/ breves, respectivamente, enquanto que o grau médio fechado deriva da junção das vogais médias longas e das altas breves. Somente as vogais /i/ e /u/ longos, ao perderem a quantidade distintiva, permaneceram como vogais altas.

Quanto à posição pretônica, houve uma redução ainda maior, pois a oposição entre o grau fechado e aberto nas médias não se estabeleceu. Assim, constituiu um quadro de cinco vogais como apresentado a seguir:

(2) quadro das vogais pretônicas no latim vulgar

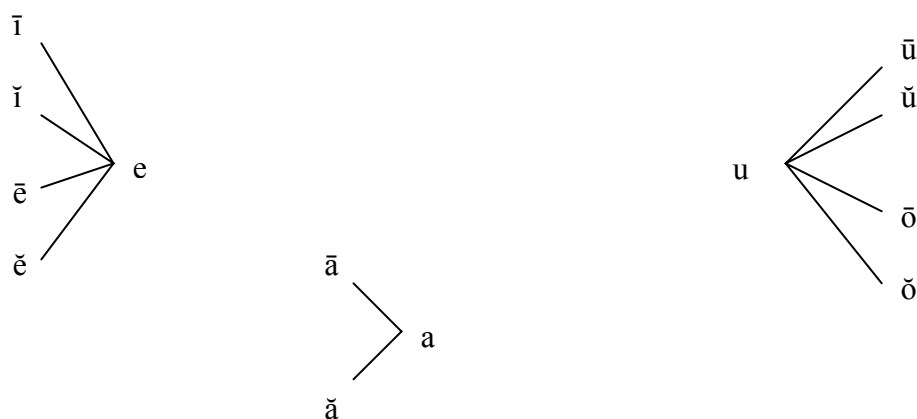
Fonte: Tarallo (1990, p. 96)



Na posição de átonas finais, o quadro se reduziu ainda mais, ficando com três vogais, já que a série posterior arredondada se reduziu a uma única vogal /u/ e a série anterior, depois de um estágio /e/-/i/ também se reduziu a /e/. Na realidade, esse quadro já se insere no português.

(3) quadro das vogais átonas finais do latim vulgar

Fonte: Tarallo (1990, p. 96)



Supõe-se que tenha sido esse tríplice quadro vocálico o que foi trazido para o Brasil no primeiro período da colonização. Posteriormente, ocorrem outras alterações que proporcionarão novos aspectos ao vocalismo português (CAMARA Jr., 1975).

3.2 SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS

No português moderno, o sistema vocálico possui sete vogais em posição tônica. Todavia, se a sílaba tônica estiver seguida de uma consoante nasal, a oposição entre as vogais médias de 1º e 2º graus desaparece, mantendo apenas as médias de 2º grau. Os quadros a seguir apresentam esse sistema:

(4) Vogais em posição tônica

Fonte: Camara Jr. (1977, p. 33)

altas	/u/		/i/	
médias	/ô/		/ê/	2º grau
médias	/ò/		/è/	1º grau
baixas		/a/		
	/posterior/	/central/	/anteriores/	

(5) Vogais em posição tônica diante de nasal

Fonte: Camara Jr. (1977, p. 33)

altas	/u/		/i/
médias	/o/		/e/
baixa		/a/	
		[â]	

Quando as vogais estão em posições átonas, tanta pretônicas como postônicas, há uma redução do número de fonema. Em outras palavras, a oposição que

existia entre alguns fonemas desaparece, ficando para cada par opositivo um único fonema, ocorrendo, dessa forma, o fenômeno de neutralização.

Consequentemente, nas vogais pretônicas a oposição entre vogais médias de primeiro grau *versus* segundo grau vai desaparecer, com prejuízo da primeira em alguns dialetos brasileiros. Além da neutralização das vogais médias 1º e 2º graus, o quadro das vogais pretônicas reduz-se pela tendência a harmonizar a altura das vogais médias com a altura da vogal alta da sílaba tônica.

(6) Vogais em posição pretônica

Fonte: Camara Jr. (1977, p. 34)

Altas	/i/		/u/
Médias	/e/		/o/
Baixa		/a/	
	anterior	central	posterior

Em posição postônicas não-finais, há a neutralização entre as vogais posteriores /o/ e /u/, mas não entre anteriores /e/ e /i/. Logo, o quadro das vogais postônicas não- finais fica da seguinte forma:

(7) Vogais em posição postônica não-final

Fonte: Camara Jr. (1977, p. 34)

Altas	/i/		/u/
Média	/e/		/ . /
Baixa		a	
	anterior	central	posterior

No entanto, nas vogais átonas finais, seguida ou não de /s/ na mesma palavra, ocorre à neutralização entre /o/ - /u/ e entre /e/ - /i/, reduzindo o quadro de vogais para três quando essas estiverem em sílabas de átona final.

(8) Vogais em posição postônica final

Fonte: Camara Jr. (1977, p. 33)

Alta	/i/		/u/
Baixa		/a/	
	anterior	central	posterior

Por fim, para o quadro das vogais átonas finais, nas palavras de Camara Jr. (1975, p. 47), houve no português brasileiro:

Um cerramento variável do /e/, que no Rio de Janeiro, por exemplo, deu francamente /i/. Podemos considerar esta a articulação normal do português brasileiro, em simetria com /u/, que, [...] substituiu muito cedo em português /o/ átono final.

3.3 AS CONSOANTES DO LATIM AO PORTUGUÊS

As consoantes latinas, segundo Camara Jr. (1975), se caracterizam, especificamente, pela predominância de consoantes oclusivas, as quais são produzidas por uma obstrução dos órgãos fonadores em qualquer ponto da boca e uma breve interrupção da corrente de ar dos pulmões. Além das oclusivas, havia duas nasais e duas constrictivas, bem como duas consoantes chamadas de “líquidas” (aspa do autor) e o caso das vogais /i/ e /u/ que funcionava como consoantes.

As consoantes oclusivas constituíam três pares opositivos de surda e sonora, sendo as labiais /p/ - /b/; par anterior ou ântero-lingual /t/ - /d/; par posterior ou pósterolingual /k/- /g/.

Quanto às duas constrictivas, uma pertencia à série labial - /f/, enquanto que a outra, a “sibilante” (aspa do autor), era anterior - /s/; e ambas eram surdas. O /r/ era uma vibrante anterior e o /l/ apresentava uma variação entre dental e velar. Além de cada consoante poder ficar em oposição com uma articulação idêntica que se desdobrava numa gemação, entre duas vogais, no vocábulo como /pp/, /bb/, /tt/ e outros.

Ao comparar o conjunto das consoantes latinas com as portuguesas, verifica-se que a série oclusiva foi conservada com, aproximadamente, as mesmas características. As constrictivas, por sua vez, se enriqueceram e passaram a constituir-se de uma série idêntica à oclusiva com três pares de surdas e sonoras, consideradas, respectivamente, como labial, anterior e posterior, apesar de seus pontos de articulação não coincidirem com os dos pares oclusivos. Assim, as labiais são labiodentais (/f/- /v/); as anteriores são alveolares (/s/-/z/) e as posteriores correspondem às consoantes articuladas no médio-palato pela zona média da língua, enquanto a ponta avança para os dentes superiores (/š/-/ž/).

Com relação à nasal anterior, adicionou outra que pode ser considerada posterior, com uma articulação do meio da língua com o médio-palato que, atualmente, é conhecida como nasal palatal /ɲ/. Igualmente, uma consoante equivalente passou a existir ao lado de /l/, conhecida como lateral palatal /ʎ/. As geminadas foram simplificadas sem deixar vestígios, restando apenas /rr/ por fazer distinção com o /r/ simples intervocálico, na escrita.

Desse exposto, Tarallo (1990) apresenta um quadro das consoantes latinas e em português. Essas últimas, preenchendo as casas vazias existente no quadro latino, estarão entre parênteses, definindo assim as consoantes adquiridas no sistema consonantal português e que faz dele um sistema mais rico e equilibrado do que o do latim.

(9) quadro das consoantes do latim e do português

Fonte: adaptado de Tarallo (1990, p. 108)

Oclusivas:	<div style="border: 1px dashed black; padding: 5px; display: inline-block;"> <p>/p/ - /b/ /t/ - /d/ /k/ - /g/</p> </div>		
Constritivas:	<div style="border: 1px dashed black; padding: 5px; display: inline-block;"> <p>/f/ - (/v/) /s/ - (/z/) (/ʃ/) - (/ʒ/)</p> </div>		
Nasais:	<div style="border: 1px dashed black; padding: 5px; display: inline-block;"> <p>/m/ /n/ (/ɲ/)</p> </div>		
Líquidas:	<div style="border: 1px dashed black; padding: 5px; display: inline-block;"> <p>/l/ (/ʎ/)</p> <p>/r/ (/r/)</p> </div>		
	<p>□ = Português</p> <p>⋮ = Latim</p>		

Essas consoantes que foram acrescentadas ao sistema consonantal português devem-se a um processo evolutivo ocorrido na passagem do latim para português, em que preponderaram as tendências à lenização articulatória e à palatalização.

3.4 AS CONSOANTES DO PORTUGUÊS

As consoantes são elementos que se combinam a uma vogal para formar a sílaba. Quanto ao vocábulo, elas podem manifestar diferenças articulatórias dependendo da posição em que se encontram, a saber: pré-vocálica, intervocálica e pós-vocálica.

Com a consoante pré-vocálica ocorre a fase articulatória inicial, em que se desfaz uma desobstrução da passagem do ar. Em contrapartida, com a consoante pós-vocálica, a articulação centraliza-se na fase final, pois, a abertura da boca, provocada pela articulação da vogal, se reduz ou se anula para produzir a consoante. As consoantes intervocálicas são marcadas pelo enfraquecimento articulatório, que leva ao aparecimento de alofones posicionais das não-intervocálicas, que são mais fortes, no início ou no meio de vocábulo (CAMARA Jr., 2008).

Dessa forma, a posição intervocálica é considerada o ambiente mais favorável ao aparecimento de consoantes, havendo dezenove tipos com oposições expressivas, divididas fonologicamente, em labiais, anteriores e posteriores, como apresentado a seguir:

(10) Consoantes intervocálicas

Fonte: Monaretto et al (2005, p. 208)

/p/ /b/ /f/ /v/ /m/
 /t/ /d/ /s/ /z/ /n/ /l/ /r/
 /k/ /g/ /ʃ/ /ʒ/ /ɲ/ /ʎ/ /r/

Por outro lado, na posição não-intervocálica, algumas consoantes não são encontradas, como o /r/ brando, /l/ e /n/ palatais, em consequência da neutralização da oposição entre /r/ forte e /r/ brando, entre líquida dental e palatal e entre nasal dental e palatal. Em posição inicial, a líquida e a nasal palatais são raras, encontradas apenas em empréstimos como *lhama*, *nhata*. As vibrantes, por sua vez, somente se opõem em posição intervocálica, como em *carro*: *caro*, *murro*: *muro*.

Os grupos consonânticos pré-vocálico são formados sendo que a segunda consoante seja uma lateral ou vibrante anterior, criando-se, por exemplo, oposições como nas palavras *flagrante* e *fragrante*. Dessa forma, o quadro das consoantes na posição pré-vocálica fica da seguinte maneira:

(11) Consoantes pré-vocálicas

Fonte: Monaretto et al (2005, p. 208)

Em CV: Quadro (10) exceto /r/, /ʎ/ e /ɲ/
 Como segunda consoante em CCV: só /l/ e /r/

Na posição pós-vocálica, ocorre também à redução do quadro (10). Mantém-se a líquida não-palatalizada /l/ (mal, balde) variando entre uma realização fonética velar [ɫ] e outra vocalizada [w], o /r/ (mar, porta) velar [x], uvular [R] ou faríngeo [h], a nasal e as fricativas /s/, /ʃ/, /z/, /ʒ/.

Essas últimas, a depender do dialeto, podem ser sibilantes ou chiantes e surdas ou sonoras, conforme o ambiente seguinte, como *mesmo*, *paz*, *pasta*, *mês*, se reduz a uma só unidade fonológica denominada de arquifonema, marcado pelo traço de fricção, em razão do desaparecimento das oposições distintivas desses elementos nessa posição. Esse elemento é representado fonologicamente por /S/.

Em relação à nasal pós-vocálica, a sua realização está condicionada à consoante seguinte, caso essa for oclusiva. Posto isso, será labial, como em *tambor*; dental, como em *mundo*, palatal como em *pente* e velar, como em *denço*. Essa consoante na posição pós-vocálica é considerada também como um arquifonema, marcado pela ressonância nasal e sua representação fonológica é feita pela letra maiúscula do fonema não-marcado /N/.

A representação a seguir sintetiza o quadro das consoantes pós-vocálicas em português:

(12) Consoantes pós-vocálica
Fonte: Monaretto et al (2005, p. 209)

/S/ /N/ /l/ /r/

A teoria fonológica gerativa utiliza-se de traços distintivos para formar o conjunto dos fonemas necessário de uma língua. Os traços são unidades mínimas, contrastivas que servem para distinguir os elementos lexicais. Para indicar característica oposta é usado um sistema binário de sinais positivo, representando a presença de um atributo, e sinal negativo, representando ausência.

Callou e Leite (2005 p. 73) baseando-se em Chomsky e Halle (1968), apresentam os traços que dariam conta da oposição entre as consoantes portuguesa, são eles: anterior, coronal (traços relacionados com o ponto de articulação), contínuo (relacionado com o modo de articulação), sonoro (relacionado com o modo de emissão), além dos traços nasal, lateral e soante (traço de classe). Serão considerados segmentos distintos quando os valores (+) e (-) se oporem pelo menos por um dos traços. O quadro a seguir representa a matriz fonológica das consoantes portuguesa.

(13) matriz fonológica das consoantes portuguesa

Fonte: Callou e Leite (2005, p. 74)

	p	b	t	d	k	g	f	v	s	z	ʃ	ʒ	m	n	ɲ	l	ʎ	r	r
soante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+
cont.	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	-	-	-	+	+	+	+
ant.	+	+	+	+	-	-	+	+	+	+	-	-	+	+	-	+	-	+	-
cor.	-	-	+	+	-	-	-	-	+	+	+	+	-	+	+	+	+	+	-
son.	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+
nas.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	-	-	-	-
lat.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	-

Na matriz fonológica, o traço [+contínuo] incorpora-se às consoantes fricativas laterais e vibrantes (sons produzidos sem interrupção do ar), o [+anterior], às consoantes labiais dentais e alveolares e o traço [+coronal] às consoantes alveolares e palatais. Em compensação, o traço [+soante] (sons produzidos sempre com vibrações das cordas vocais) reúne as consoantes líquidas (laterais e vibrantes) e nasais.

Os traços, na fonologia autosegmental, são unidades independentes que podem ser dispostas em camadas hierarquizadas. Clements (1985), desenvolveu uma teoria em que os traços são organizados em unidades funcionais expressas em nós de classe, denominada geometria de traços, que será apresentada na seção (3.7.3).

Os segmentos, na geometria de traços, são considerados simples, complexos ou de contornos. Os segmentos simples são aqueles que têm o nó de raiz ligado a um único traço articulador, os complexos são aqueles que têm o nó de raiz ligado, por no mínimo, dois traços articuladores e os de contorno, por sua vez, são aqueles que têm dois nós de raiz ligados a uma única posição no esqueleto.

De acordo com essa teoria, a maior parte das consoantes portuguesas é considerada segmentos simples, exceto as oclusivas palatalizadas, as laterais velares, as laterais e nasais palatais.

Uma questão importante que deve ser levada em conta é a da segunda articulação, a qual se refere a uma articulação com grau menor de fechamento que ocorre no mesmo momento que a articulação maior. Essa articulação secundária é interpretada como articulação vocálica. Logo, uma consoante é considerada complexa quando tem uma articulação primária, ou seja, consonantal, e outra secundária, isto é,

vocálica. Os tipos mais conhecidos de segunda articulação são palatalização, labialização e velarização.

3.5 CONTEXTO HISTÓRICO DA PALATALIZAÇÃO

Camara Jr. (1984) considera a palatalização, analisada a partir do aspecto articulatorio, uma mudança fonética ocorrida devido a alargamento da zona de articulação na produção de uma consoante, em consequência do desdobramento da parte média da língua no palato médio.

No decorrer da evolução da língua portuguesa, a palatalização foi responsável por criar algumas consoantes que não existiam na estrutura fonêmica do latim. É o caso das chiantes surda [ʃ] e sonora [ʒ], da nasal palatal [ɲ] e da líquida palatal [ʎ]. Aquelas consoantes resultaram da mudança de grupos consonânticos e essas, devido ao contato de uma consoante com uma semivogal anterior (ou palatal) [y].

No entanto, essa semivogal [y] que também não existia, é o resultado da evolução de outros fonemas ocorrido anteriormente. Assim, ficou claro que mesmo na evolução dos grupos consonantais em fase intermediária, essa semivogal [y] esteve presente.

Nessa perspectiva, considera-se a palatalização um processo assimilatório determinado pelo fonema palatal /y/, o assimilador, em contato com uma consoante, considerada a assimilada. O autor exemplifica esse fenômeno demonstrando a evolução do grupo consonantal *cl* na palavra latina *veclu* (-cl- > yl) que no português passou a *velho* e do grupo *sl* na palavra *pulsare* (-ls- > ys) que passou a *puxar*.

Dubois (2004) apresenta a palatalização a partir do ponto de vista fonológico, o qual considera um fenômeno particular de assimilação que algumas vogais e consoantes sofrem em contato com um fonema palatal.

A palatalização é um fenômeno muito importante nos estudos de fonética histórica, como propõe o autor acima citado. O caso da consoante velar [k] na evolução do latim para as línguas românicas é um exemplo disso. Ainda no latim, essa consoante avançou seu ponto de articulação influenciada pelas vogais palatais [i] e [e] ou iode [j]. Esse avanço do ponto de articulação resultou na criação da africada alveodental [ts],

encontrada no francês antigo. Esse fonema passa, depois, à pré-palatal [tʃ] encontrada no espanhol e no italiano, como na palavra [tʃera], e a partir daí teve manifestações diferenciadas nas línguas românicas. No francês e no português passou a [s], em *cent* [sɑ] francês e *cento* no português, no espanhol passa a [θ], como em *ciento* [θjento], e [tʃ] no italiano, *cento* [tʃɛnto]. Todas elas originadas do vocábulo latino *centum*. Esse tipo de palatalização é considerada regressiva.

Na evolução do grupo consonantal [kt] para [yt] e depois à africada [tʃ] ocorrida no espanhol, a exemplo da evolução da palavra latina *noctem* > *noche*, corresponde a um fenômeno de palatalização progressiva.

Outros casos de mudança do ponto de articulação, no latim clássico, que geraram novas consoantes foi o que aconteceu com os grupos *ci*, *ce* e *gi*, *ge*. As consoantes *c* e *g* pronunciavam-se como as iniciais das palavras portuguesas *quilha*, *queda* e *guizo*, *guerra*, como oclusivas velares. Neste período, o ponto de articulação destas consoantes aproximaram-se do ponto de articulação das vogais *i* e *e* que as seguiam, apresentando uma pronúncia palatalizada do tipo [kyi], [kye] e [gyi], [gye].

Essa mudança na articulação das consoantes velares teve início ainda no latim imperial, em quase toda România, acarretando modificações importantes em que [kyi], [kye] passaram a [tʃi], [tʃe] e depois a [tʃi], [tʃe]; como pode ser verificado nas palavras *ciuitatem* > *cidade*, *centum* > *cento*, atualmente *cem*.

Os grupos *gue* e *gui*, por sua vez, terão como resultado da palatalização um iode puro e simples [y], que depois desaparece em posição intervocálica, segundo mostra o exemplo: *regina* > *rainha*, *frigidum* > *frio*. No entanto, em posição inicial esse mesmo iode modifica-se para [dʒ], a maneira da palavra *gente*, visto que na idade média o *g* representava [dʒ].

Esse iode inicial gerado de *gi*, *ge* confundiu-se ainda com outro procedente do latim clássico que, nesse período já era considerada como uma consoante, modificou-se, naturalmente, para [dʒ], como pode ser observado na evolução da palavra *iulium* > *julho*.

No latim imperial, em várias palavras que tinham *i* e *e* não tônicos, seguidos de uma vogal, eram pronunciados como iode, como em *pretium*, *platea*, *hodie*, *video*, *facio*, *spongia*, *filium*, *seniorem*, *teneo*. A partir dessa pronúncia iotizada, desenvolveram-se grupos fonéticos como [ty], [dy], [ly] e [ny] que se palatalizaram em

[tsy] e [dzy], [lh] e [nh]. Contudo, para os grupos [ky], [gy] em palavras como *facio*, *spongia*, que a palatalização inicialmente gera [tšy] e [džy] terão resultados complexo a depender da posição na palavra e do caráter mais ou menos popular dela. Exemplos dessa variação têm-se em palavras como *pretium* > *preço*, *pretiare* > *prezar*, *platea* > *praça*, *hodie* > *hoje*, *medium* > *meio*, *video* > *vejo*, *facio* > *faço*, *spongia* > *esponja*.

Teyssier (2004) observa que nas letras *c*, *z* e *j*, no galego-português medieval representavam as africadas [ts], [dz] e [dž], respectivamente, em todas as palavras acima referidas. Isso demonstra que na origem dessas transformações fonéticas houve sempre, no latim imperial, uma palatalização.

Quando o iode originado de *i* e *e* em hiato vinha depois de *-ss-*, essa consoante passou a [š], que é representada pela letra *x* na ortografia portuguesa, como no exemplo a seguir: *russeum* > *roxo*.

Do mesmo modo, ocorreu com as consoantes *l* ou *n*, seguidos de iode, proveniente de *i* ou *e*, em hiato, que transformaram nas consoantes palatais ou “molhada” [lh] e [nh], respectivamente, como apresentam os exemplos a seguir: *filium* > *filho*, *seniorem* > *senhor*, *teneo* > *tenho*.

Dessa maneira, os fenômenos de palatalização descritos aqui, que se iniciaram no latim imperial tiveram consequência muito importante para a estrutura fonêmica da língua. Como resultado, o galego-português medieval acrescentou ao seu sistema fonológico seis fonemas novos, dos quais, três deles ainda se mantém no sistema fonológico do português atual, sem modificações. São eles:

- /ts/; ex.: cidade, cem, praça, faço
 - /dz/; ex.: prezar
 - /dž/; ex.: gente, hoje, vejo, esponja
 - /š/; ex.: roxo (sem modificação em português moderno)
 - /lh/; filho (sem modificação em português moderno)
 - /nh/; senhor, tenho (sem modificação em português moderno)
- (TEYSSIER, 2004, p. 12).

Outro fenômeno de palatalização ocorrido no latim que também teve consequências importantes para as línguas românicas foi o que ocorreu com o grupo *ct*. Elia (1979) considera que a palatalização desse grupo consonantal é uma característica fonética marcante da România Ocidental, onde se inclui o idioma francês, o provençal, o português, o espanhol e o catalão. Por conseguinte, a palavra *nocte* em latim passa a *noite* em português, *noche* em espanhol, *nit* em catalão, *nuech* em provençal e *nuit* em francês.

Na opinião de W. von Wartburg (*apud* ELIA, op. cit), a evolução do grupo -ct- na România Ocidental é motivada pela influência remota de um ancestral celta, tendo como base comum a fricativação do *c*, representado pelos antigos como *khi* semelhante ao grego (χ), que depois vocalizou-se na palatal *i*. Essa evolução pode ser expressa da seguinte maneira: ct > cht > it.

Para finalizar a discussão a respeito do contexto histórico da palatalização, acrescentam-se também alguns exemplos de Maurer Jr. (1959), ao fazer referência à palatalização do grupo consonantal -ct- nas línguas do Ocidente. Ele demonstra a evolução do grupo consonantal -ct- nas línguas românicas com exemplos como: *pectu(s)* > port. *peito*, esp. *pecho*, cat. *pit*, prov. *peitz*, fr. *pis* (ant. *piz*); *octo* > port. *oito*, esp. *ocho*, cat. *vuyt*, prov. *oit* e fr. *huit*.

3.6 PALATALIZAÇÕES DAS OCLUSIVAS DENTAIS /t/ E /d/ ANTES DE [i]

No decorrer da evolução do latim ao português, as consoantes que sofreram o processo de palatalização tiveram como princípio a assimilação do ponto de articulação da vogal alta anterior [i] que as precediam ou seguiam.

No português brasileiro registra-se a ocorrência das consoantes oclusivas dentais /t/ e /d/ que se palatalizam quando seguidas de uma vogal foneticamente realizada como alta anterior [i], em várias regiões brasileiras. A realização fonética dessa vogal alta anterior pode ser a realização fonológica do [i] como nas palavras *típico* [tʃipiku] e *dia* [dʒia], ou ser produto da elevação da vogal [e] como em *leite* [leitʃi] e *pode* [podʒi], ou como a realização do *glide* [y] em processo de ditongação como no exemplo retirado de Abaurre e Pagotto (2002), *de um jeito* [dyũ'zeytu], assim como na realização de um [i] epentético, a exemplo de *advogado* [adʒivogadu], *ritmo* [ritimu] ou um [ĩ] nasalizado, como em *tinha* [fĩna].

Todas as realizações da vogal alta [i], em consideração ao exposto anterior, irão influenciar da mesma forma no processo de palatalização das consoantes /t/ e /d/. Esse processo descrito como a assimilação do traço coronal da vogal [i] pela consoante

produz um novo segmento complexo que, conseqüentemente, é realizado como uma africada [tʃ] no lugar do fonema /t/ e [dʒ] para o fonema /d/.

A palatalização das consoantes oclusivas dentais /t/ e /d/ pode ocorrer em sílaba átona como no exemplo *leite* [leitʃɪ] ou tônica como em *típico* [tʃipiku], bem como em sílaba inicial, *difuso* [dʒifusu], ou final, *noite* [noitʃɪ].

A palatalização pode ocorrer por meio de três processos diferentes: elevação, frontalização da língua e espirantização. Esses processos distinguem-se pelo ambiente que promove a palatalização, pelas consoantes afetadas ou pela língua ou dialeto que sofrem o processo (BHAT, 1978 *apud* DUTRA, 2007).

A elevação da língua ocorre em consoantes dentais ou alveolares e labiais em contato com uma semivogal ou vogal anterior palatal seguinte em sílaba não acentuada. O processo de frontalização vai ocorrer com as consoantes velares seguida de vogal anterior, preferencialmente, em sílaba acentuada. Enquanto que o processo espirantização é o acréscimo de uma estridência ou fricção a uma consoante velar, apical ou palatal, raramente é acrescentado em uma labial, em contexto determinado.

3.7 MODELOS DE ANÁLISE FONOLÓGICA DA PALATALIZAÇÃO

3.7.1 Modelo Estruturalista

O modelo estruturalista teve início com o Círculo Linguístico de Praga, que era um grupo de estudiosos formado em torno do príncipe Nikolai Trubetzkoy, ocorrido entre 1923 a 1939. O objetivo desse grupo era a criação de uma ciência diferenciada da fonética para análise dos sons da linguagem, que veio a chamar de Fonologia.

Os estudiosos do Círculo Linguístico de Praga se inspiraram nas ideias dicotômicas de Ferdinand de Saussure principalmente na dicotomia língua-fala (*langue-parole*) para estabelecer o conceito de fonema como uma unidade operacional mínima e discreta, que compete à língua e suas variações fonéticas, variações posicionais, combinatórias e estilísticas compete à fala.

O fonema aqui é visto como um feixe de traços distintivos, em que cada traço que compõe o feixe opera em oposição a outro traço que compõe outro fonema.

Callou e Leite (2005) afirmam que o sistema fonológico deve ser encarado como um encadeamento de relações de diferentes conteúdos entre os vários tipos de oposições e não como o estabelecimento automático de unidades distintas, isoladas e autônomas.

Outro modelo estruturalista é o que provém da corrente norte-americana que, segundo as autoras acima citadas, tiveram maior repercussão no Brasil, tendo Leonard Bloomfield como expoente dessa corrente. Para os estruturalistas norte-americanos, o fonema é definido como um conjunto de sons foneticamente semelhantes que estão tão relacionados que se torna impossível um desses sons ocorrerem no mesmo ambiente que qualquer outro som componente do mesmo fonema.

Nesse caso, para estabelecer os fonemas de uma língua são usados dois procedimentos básicos, a saber: o contraste e a distribuição complementar. Os sons que sua ocorrência não é atribuída ao ambiente fonético adjacente e sua troca num mesmo ambiente geram mudança de significado são considerados fonemas distintos e estão em contraste. Em contrapartida, os sons que não apresentam contraste, mas variação de um mesmo fonema, sendo ela explicada pelo contexto fonético, está em distribuição complementar.

Nessa perspectiva, o fenômeno da palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ é descrito nesse modelo como alofones em distribuição complementar. Assim, Callou e Leite (2005 p. 56) apresentam as africadas palatais [tʃ] e [dʒ] em distribuição complementar com as oclusivas dentais [t] e [d], no português, referindo-se especificamente ao dialeto carioca por ser o objeto de estudo das autoras. No entanto, é um fenômeno que ocorre na maioria das regiões brasileiras.

(13) Quadro da distribuição complementar das oclusivas dentais /t/ e/d/

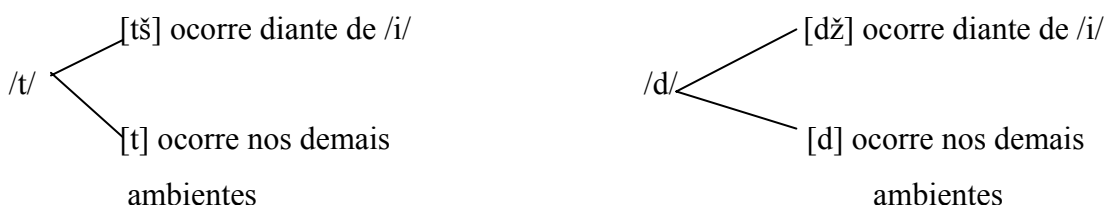
Fonte: Callou e Leite (2005, p. 56)

	Diante de i	Diante de Outras Vogais
t		x
d		x
tʃ	x	
dʒ	x	

O tipo de descrição privilegiado pelo modelo estruturalista era por elemento e arranjo e desprezava qualquer tipo de regra que não fosse a demonstração não-formalizada da distribuição complementar. A descrição da alofonia característico dos fonemas /t/ e/d/, seria da seguinte forma:

(14) descrição da alofonia de /t/ e /d/

Fonte: Callou e Leite (2005, p. 59)



3.7.2 Modelo Gerativo

Os pressupostos teóricos do modelo gerativo tiveram início em 1968 com a publicação de *The Sound Pattern of English*, de Chomsky e Halle. Nesse modelo, o fonema deixa de ser a unidade mínima de análise. Ele agora é visto como um conjunto de propriedade que se realizam simultaneamente. Essas propriedades mínimas de natureza acústica ou articulatória são denominadas de traços distintivos por eles servirem para diferenciar um fonema do outro.

Os traços distintivos são unidades mínimas que não podem mais ser segmentadas. Elas vão se combinar de diferentes maneiras para formar sons das línguas humanas. Para representar as generalizações linguísticas, Chomsky e Halle (1968) propuseram uma formalização a partir de uma matriz de traços binários desordenados entre si, em que o apagamento de um segmento, conseqüentemente, causava o desaparecimento de todo o conjunto de traço que o caracterizava, pois cada matriz de traços era exclusiva de um segmento. Essa relação é conhecida como bijetiva, ou seja, de um-para-um entre o segmento e o seu conjunto de traços.

A partir dos traços distintivos foi possível agrupar sons que compartilham de traços comuns em classes naturais. Como estabelece Hyme (1975 *apud* MATZENAUER, 2005, p. 30), os segmentos pertencerão a uma mesma classe natural se um ou mais dos critérios apresentados a seguir forem verificados numa determinada língua. Logo, formarão uma classe natural quando:

- dois segmentos sofrerem regras fonológicas juntos;
- dois segmentos funcionarem juntos nos ambientes de regras fonológicas;
- um segmento é convertido em outro através de uma regra fonológica;

- um segmento é derivado no ambiente do outro segmento (casos de assimilação).

No português, com base nesses critérios, as consoantes oclusivas dentais /t/ e /d/ é um caso de classe natural, por elas sofrerem a regra de palatalização juntas, além do que os traços exigidos para defini-las serem inferior ao número exigido para defini-las isoladamente. Dessa forma, apresenta-se a seguinte formalização de classe natural para as consoantes /t/ e /d/:

(15)

t	d	t, d
$\left(\begin{array}{l} - \text{ soante} \\ - \text{ contínuo} \\ + \text{ coronal} \\ + \text{ anterior} \\ - \text{ met.ret.} \\ - \text{ sonoro} \end{array} \right)$	$\left(\begin{array}{l} - \text{ soante} \\ - \text{ contínuo} \\ + \text{ coronal} \\ + \text{ anterior} \\ - \text{ met.ret.} \\ + \text{ sonoro} \end{array} \right)$	$\left(\begin{array}{l} - \text{ soante} \\ - \text{ contínuo} \\ + \text{ coronal} \\ + \text{ anterior} \\ - \text{ met.ret.} \end{array} \right)$

Por isso, em uma representação formal de fenômeno linguístico, conforme o modelo gerativo, não será um segmento em um contexto linguístico determinado que será afetado pela mudança, como foi proposto no modelo estruturalista, mas um ou mais traços que estabelecem uma classe natural.

A regra de palatalização representada sem a segmentação dos sons em traços distintivos ficaria da seguinte maneira:

(16) Palatalização das oclusivas dentais conforme o modelo gerativista

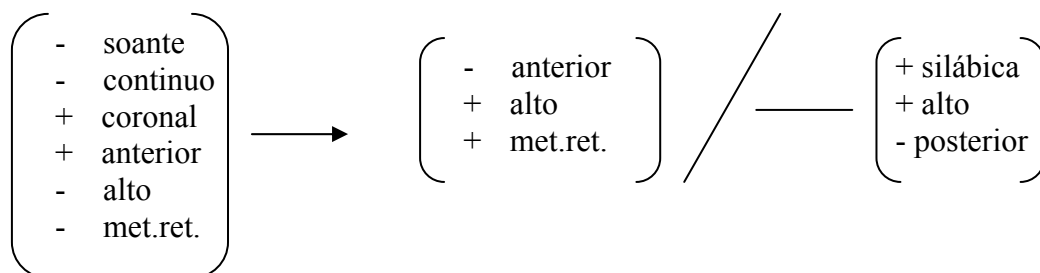
Fonte: Matzenauer (2005, p. 26)



Apesar disso, essa formalização não é capaz de expressar a naturalidade de um processo, nem deixar evidente qualquer generalização. Portanto, outra formalização é apresentada, de acordo com os princípios do modelo gerativo, como a seguir:

(17) Palatalização das oclusivas dentais conforme o modelo gerativo

Fonte: Matzenauer (2005, p. 26)



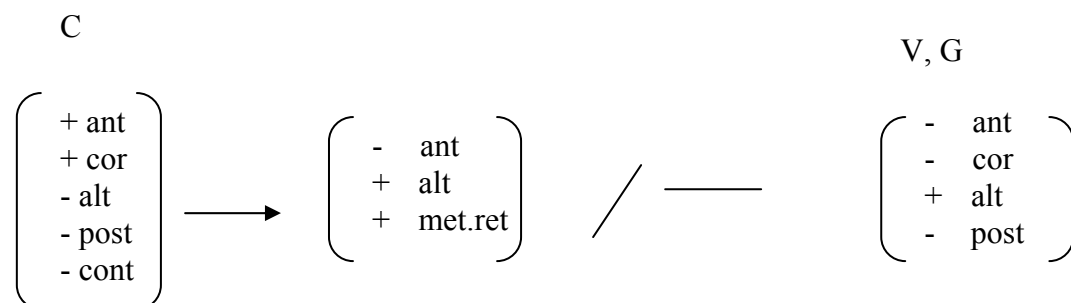
Com traços distintivos, essa regra mostra que o traço [-alto] se torna [+alto] diante de [+alto]. Dessa forma, os traços indicam a motivação fonética ou a “naturalidade” da mudança expressa na regra: “consoantes dentais tornam-se palatais (ou seja, altas) antes de vogal *i*, que também é palatal (é [+alta]); trata-se, pois, de um processo de palatalização” (MATZENAUER, 2005, p. 27).

Monaretto (2005) refere-se ao trabalho de Lopez (1979) sobre a palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ no dialeto carioca, com base nos padrões estabelecidos pelo SPE. Conforme essa autora, a palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante de [i] e do glide [j] é um dos traços mais característico do dialeto carioca. Para ela, a regra se aplica em todas as posições da palavra diante da vogal subjacente /i/ acentuado ou não, e antes das vogais médias frontais subjacentes não acentuadas que são realizadas com [i] ou [j].

Com base no modelo SPE, Lopes apresenta fonologicamente a passagem das oclusivas dentais /t/ e /d/ para as africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] diante da vogal alta ou do glide palatal, da seguinte maneira:

(18) Palatalização das oclusivas dentais

Fonte: Matzenauer (2005, p. 26)



Lê-se: uma consoante [-cont, +ant, +cor...], ou seja, /t, d/ torna-se [-ant, +alt, +met. ret] uma africada, quando preceder uma vogal ou glide [+alt, -post...] ou seja, [i,j]. Nessa descrição, o processo assimilatório de palatalização é visto como cópia de traços de segmento vizinho.

3.7.3 Modelo Autossegmental

A fonologia autossegmental ocupa-se com os segmentos completos, com matrizes inteiras de traços distintivos e também com autossegmentos, que é a possibilidade de segmentação independente de partes dos sons das línguas. Com isso, rejeita a relação de bijetividade (um-para-um) entre segmentos e o conjunto de traços que o caracteriza, estabelece uma hierarquia dos traços e permite a representação do fato de que os traços funcionem em conjunto ou isoladamente em uma regra fonológica.

Em consequência, estabelece que os traços distintivos possam estender-se para além ou para aquém de um segmento e que o apagamento de um segmento não necessariamente implica o apagamento dos traços que o compõem, fato observado por Goldsmith (1976) em algumas línguas tonais. Ele constatou que o apagamento de um segmento não apaga o tom que recai sobre ele, mas pode espalhar-se para outra unidade fonológica.

Na teoria autossegmental, o segmento apresenta uma estrutura interna formada por camadas hierarquicamente organizadas dos traços que o compõe. Com isso, possibilita uma nova representação formal dos seus traços distintivos, onde é

possível perceber que eles podem funcionar em conjunto ou isoladamente nas regras fonológicas.

Por conseguinte, a fonologia autosegmental, ao recusar o princípio da bijetividade e reconhecer que os traços possuem uma estrutura interna hierarquizada, parte para uma análise dos segmentos em que esses são divididos em camadas ou *tiers*, que são tomadas independentemente. Dessa forma, uma regra pode atuar somente numa camada e não em outra.

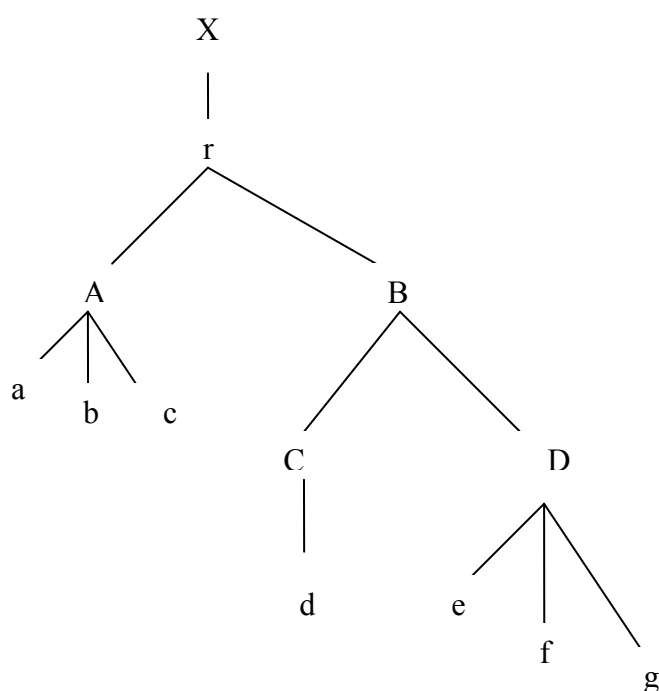
Com a intenção de reproduzir essa hierarquia, Clements (1985), propôs uma *Geometria de traços*. Os segmentos são representados, nessa geometria, por uma organização interna, que se manifesta por meio de configurações de *nós hierarquicamente ordenados*, em que os *nós terminais* são traços fonológicos e os *nós intermediários*, classes de traços.

Nessa perspectiva, um segmento tem um tempo fonológico, ocupando uma posição X na linha temporal, chamada também de esqueleto ou nível prosódico, tem um nó de raiz que domina o nó laríngeo e o nó cavidade oral. Esses últimos nós dominam os traços fonológicos terminais. E, sob o domínio do nó cavidade oral, tem o nó ponto de consoante.

Dessa forma, a geometria de traços é entendida como a organização interna dos segmentos por meio de nós hierarquicamente organizados, conforme mostra o diagrama a seguir:

(19) Diagrama arbóreo dos traços distintivos

Fonte: Matzenauer (2005, p. 48)

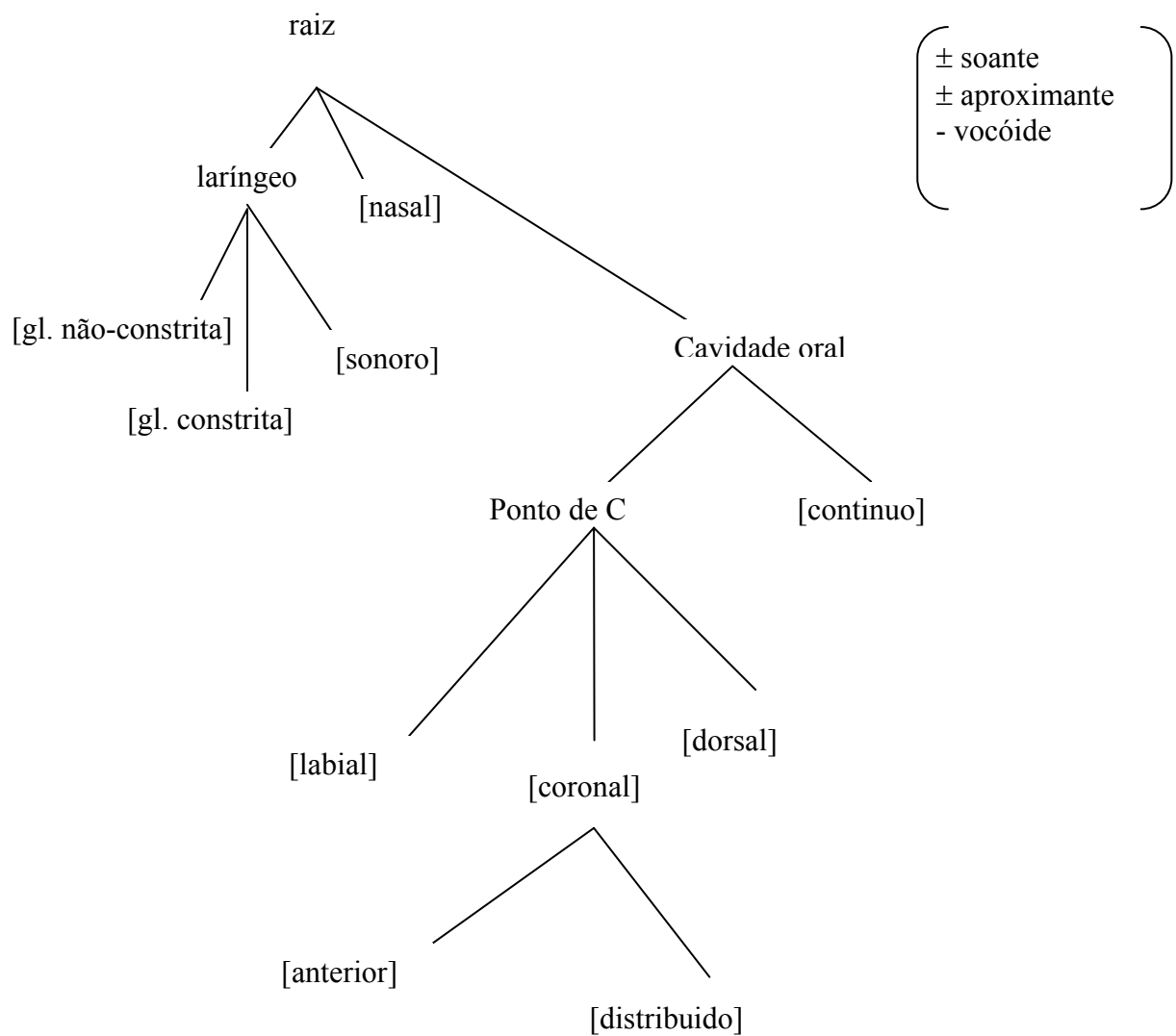


O nó de raiz, o qual depende todos os traços, representa o segmento e está ligado a uma unidade abstrata de tempo (X). Os nós A, B, C e D representam os nós de classe, que dominam grupos de elementos que funcionam como unidades ou classes naturais em regras fonológicas. Os nós terminais a, b, c, d, e, f, g são traços fonológicos. Os nós são ligados por linhas de associação.

Na versão atual da Geometria de traços (CLEMENTS e HUME 1995 *apud* MATZENAUER, 2005) os autores propõem a seguinte estrutura arbórea para as consoantes e as vogais.

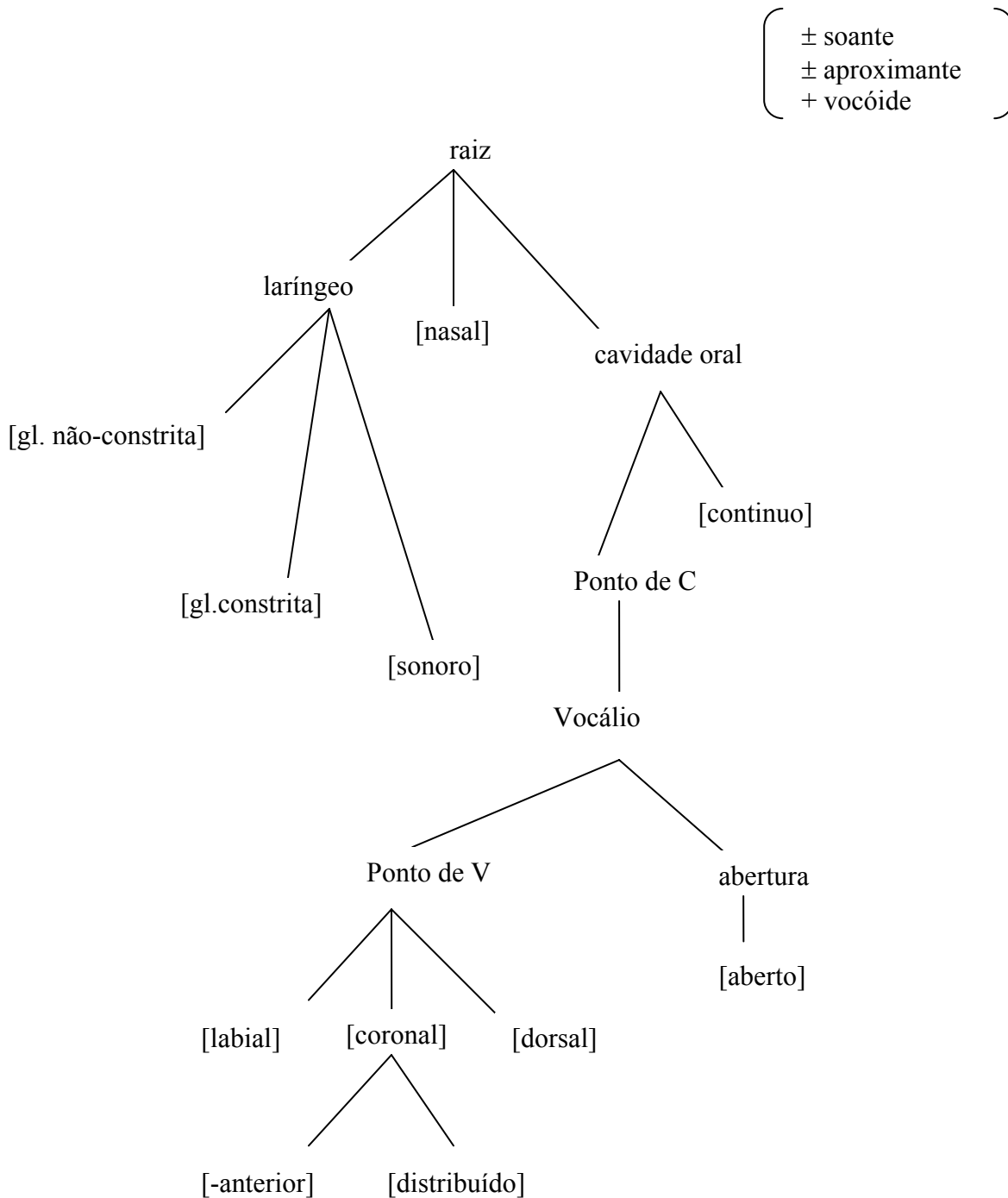
(20) Estrutura das classes de nós e suas formas de organização em consoantes

Fonte: Matzenauer (2005, p. 50)



(21) Estrutura das classes de nós e suas formas de organização em vogais

Fonte: Matzenauer (2005, p. 50)

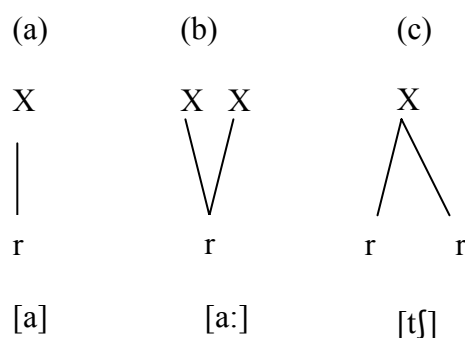


Todos os sons da fala podem ser representados de acordo com essas estruturas. Nelas, alguns traços são binários, podendo ser descritos com um sinal (+) indicando presença e com um sinal (-) indicando ausência, e outros são *monovalentes*, pois permitem a representação apenas em termos de presença e são expressos em cada caso particular.

Os segmentos podem ser definidos a partir da posição que ocupa na linha temporal (X) - denominada também de esqueleto ou nível prosódico - que domina o nó de raiz, como mostram os exemplos a seguir:

(22) Representação dos tipos de segmentos no modelo não-linear

Fontes: Matzenauer (2005, p. 48)



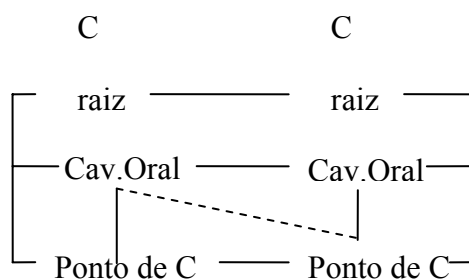
Dessas representações constata-se que em (a) tem-se uma vogal ou uma consoante simples por ser representada por uma unidade de tempo, em (b) tem-se vogais longas ou consoantes geminadas, ocupando duas unidades de tempo ligadas a um nó de raiz e em (c), tem-se segmentos de contornos, como a africada, representados por uma unidade de tempo ligada a duas raízes.

Na proposta da Geometria de Traços as regras não são aplicadas ao acaso, elas possuem princípios e convenções que as limitam.

Clements e Hume (1995 *apud* MATZENAUER, 2005) referem ao Princípio de Não-Cruzamento de Linhas de Associação, que funciona como uma Condição de Boa Formação, que proíbe o cruzamento de linhas no mesmo plano. O objetivo desse princípio é limitar as possibilidades de espriamento de nós e de traços. Isso quer dizer que regras de assimilação do nó de ponto ficarão restritas a consoantes que são imediatamente adjacentes, uma vez que uma vogal ou uma consoante entre elas bloquearia a assimilação porque o espriamento cruzaria linhas no mesmo plano. Posto isso, a representação (23a) está em consonância com tal princípio, mas não a (23b).

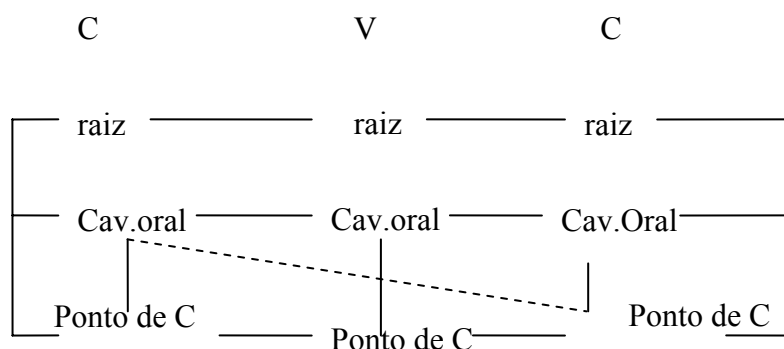
(23a.) regra de assimilação possível

Fonte: Matzenauer (2005, p. 65)



(23b) regra de assimilação impossível

Fonte: idem



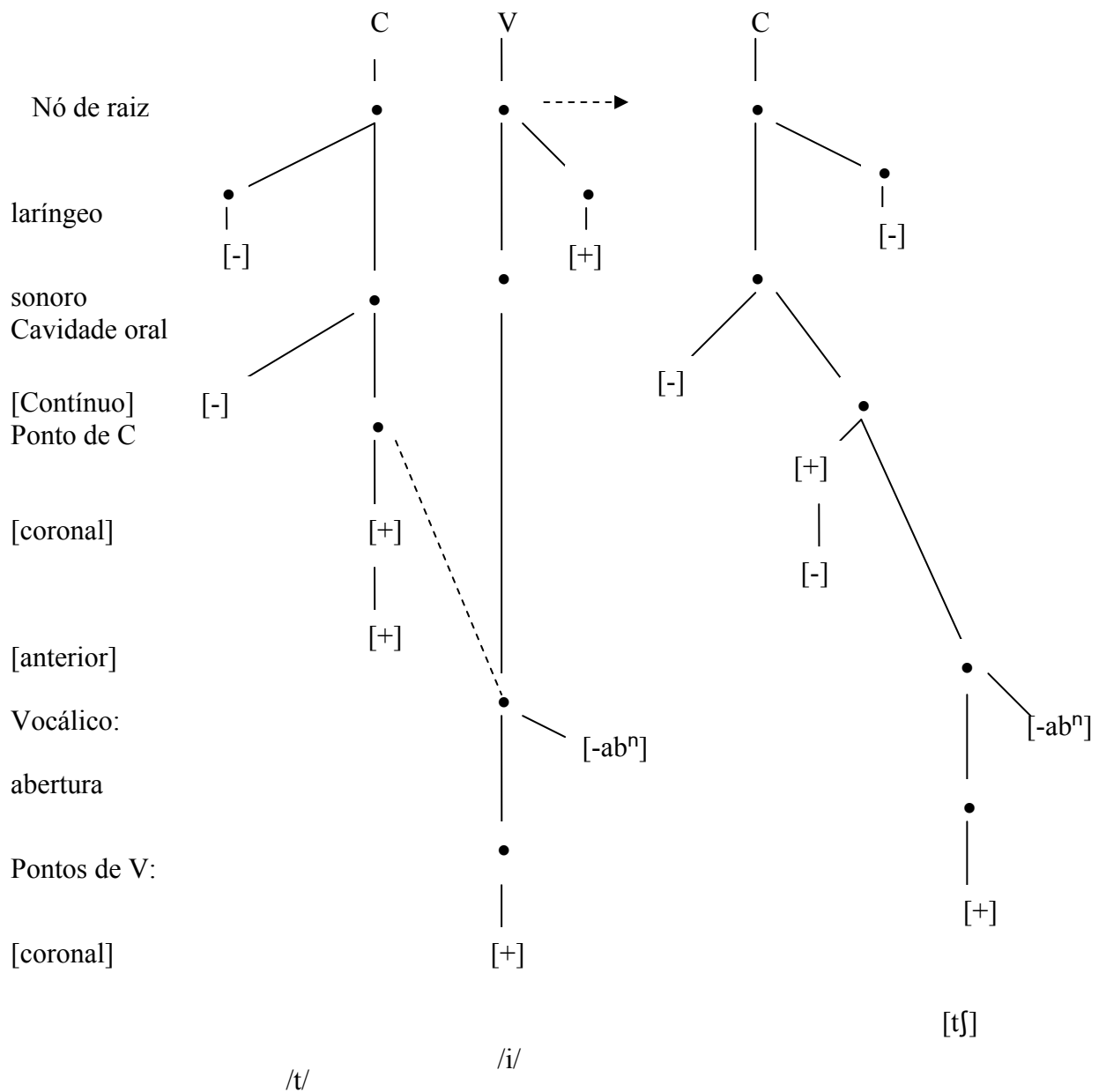
Fazem referência também ao Princípio do Contorno Obrigatório que proíbe segmentos adjacentes ou traços adjacentes idênticos em um determinado *tier*, bem como regras que possam criar violações a esse princípio. Aqui, é importante observar que o processo de dissimilação é utilizado para evitar a violação do Princípio do Contorno Obrigatório em muitas línguas.

Estudo referente ao processo de palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/, no português brasileiro, pautadas no modelo autosegmental encontra-se em Hora (1993) e Bisol e Hora (1993).

Hora (*op. cit*) considera o processo de palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ antes de /i/, interpretado por esse modelo, como um processo de assimilação regressiva, devido ao espriamento de um traço [+coronal] que converte o traço [+anterior] das consoantes /t/, /d/ em [-anterior], motivando, portanto, a criação das coronais palatalizadas [tʃ], [dʒ]. A estrutura a seguir apresenta tal processo:

(24) Representação do processo de palatalização de /t/ antes de [i]

Fonte: Bisol e Hora (1993, p. 32)



As linhas pontilhadas demonstram que o traço coronal da vogal /i/, ao espalhar-se para a consoante anterior, entra no nó dos pontos de C e opera primeiramente no vazio, pois encontra a linha do traço coronal ocupada, no entanto, tem o efeito de converter [+anterior] em [-anterior], uma vez que leva com ele o traço [-ant], inerente a toda vogal.

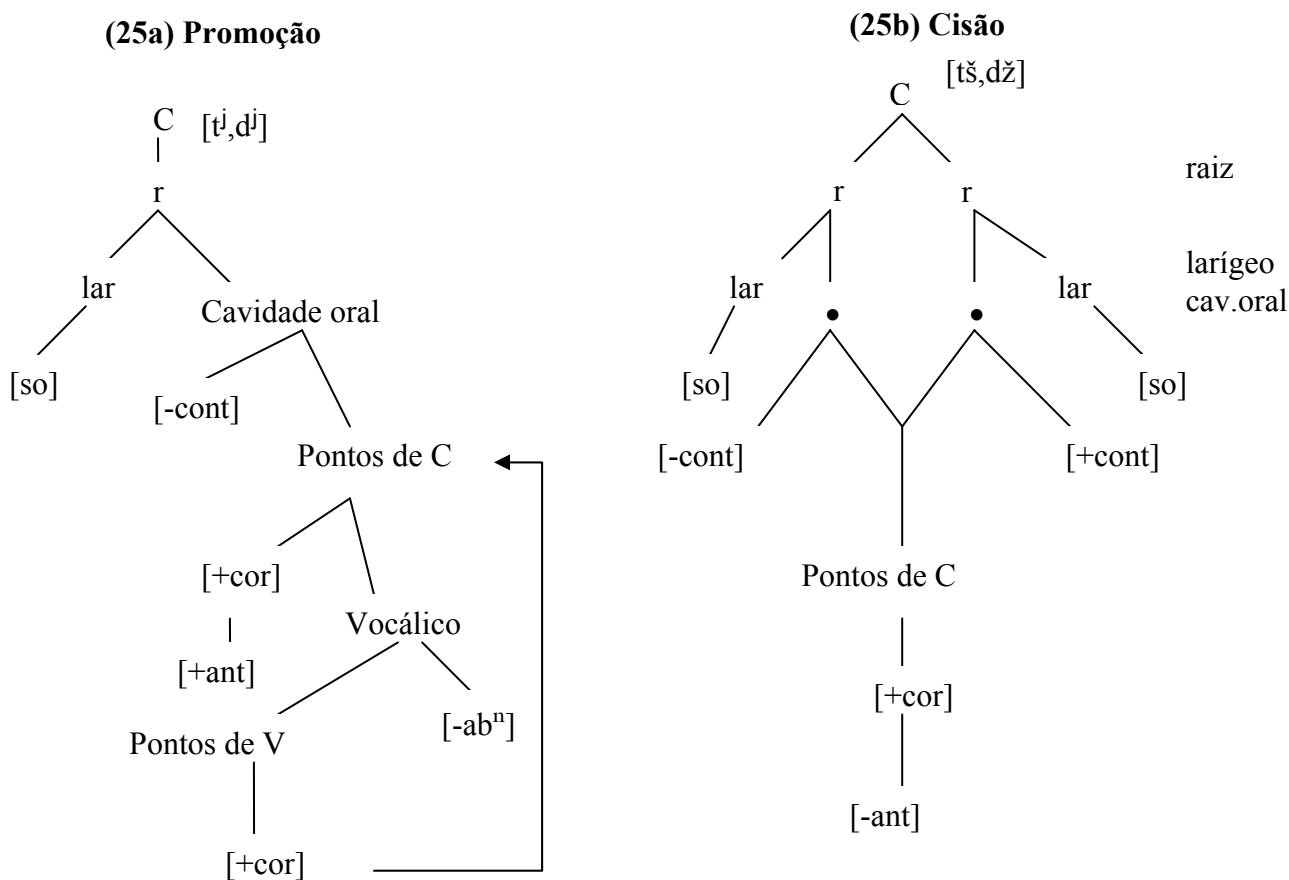
Esse processo indica a incorporação de um traço secundário à matriz de uma consoante, antes, formada apenas por traços primários. O resultado é a mudança da consoante.

Essa mudança pode envolver dois estágios. O primeiro estágio refere-se à mudança das consoantes oclusivas simples [t] e [d] que se palatalizam diante de [i], por receber uma articulação secundária, representado em (25). Com isso, converte-se em um segmento com duas articulações, sendo uma articulação maior acima do Ponto Consoante -PC e uma articulação menor ou secundária, relacionada ao nó vocálico.

No segundo estágio ocorre a promoção do traço secundário da consoante à articulação primária, bifurcando-se a consoante em duas raízes, criando as africadas [tʃ, dʒ], como indicam as figuras a seguir:

(25) Representação dos dois estágios do processo de palatalização das oclusivas

Fonte: Bisol e Hora (1993, p. 33)



Nessa seção foram apresentados exemplos de descrição fonológica do processo de palatalização conforme modelos estruturalista, gerativista e autosegmental.

Para a análise do processo estudado neste trabalho optou-se pelo modelo autossegmental, por acreditar que esse modelo seja capaz de responder aos questionamentos feitos no início do estudo. Será utilizado como modelo o tipo de análise de Hora (1993) e Bisol e Hora (1993) para a palatalização de /t/ e /d/ que se mostrou acima.

CAPÍTULO 4

A SÍLABA EM PORTUGUÊS

Por entender que o processo de palatalização das consoantes /t/ e /d/ acontece no domínio da sílaba, formulou-se uma hipótese que as ocorrências dessas consoantes realizadas como africadas no *corpus* de Lagoa da Pedra e Canabrava devem-se a inserção epentética de um [i] entre esses segmentos e as vogais, como nos exemplos *muitiu, oitio, deitiado, oitienta*. Com o objetivo de buscar fundamentação teórica para confirmar ou refutar essa hipótese é que se faz necessário neste capítulo uma revisão das principais teorias acerca da estrutura silábica do português discutidas no âmbito da fonologia, conforme os modelos lineares e não-lineares.

4.1 ESTRUTURA DA SÍLABA EM PORTUGUÊS NA PERSPECTIVA DO MODELO ESTRUTURALISTA

Camara Jr. (1977) assegura que a definição de sílaba no âmbito da fonética é um problema complexo, uma vez que pode ser analisada considerando vários aspectos, tais como, o efeito auditivo (sílabas sonora), a força expiratória (dinâmica), o encadeamento articulatorio na produção contínua dos sons vocais (sílabas articulatoria), descrita por Saussure (1922), a tensão muscular (sílabas intensiva), desenvolvida por Grammont (1933), ou o jogo da musculatura peitoral, estabelecida por Stetson (1951), que recriou com mais rigor o conceito de sílaba dinâmica.

Todos esses pontos de vista convergem num denominador comum que é um movimento de ascensão, ou crescente, chegando num ápice denominado de centro silábico, seguido de um movimento decrescente, não importando se foi analisado a partir do efeito auditivo, da força expiratória ou da tensão muscular.

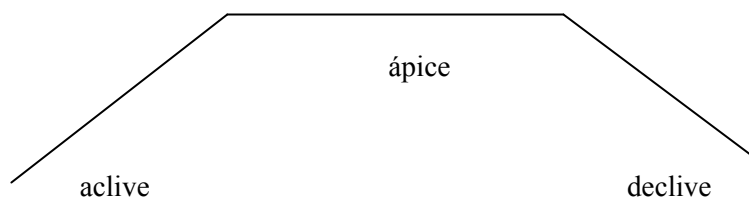
Portanto, a sílaba como unidade fonética “se caracteriza por possuir um ponto culminante de audibilidade entre dois mínimos de audibilidade” (LOPES, 2003, p. 147).

Como unidade fonológica, a sílaba é uma combinação de fonemas (consoantes e vogais) regida por princípios e parâmetros imanentes à estrutura fonológica das línguas. Nessa perspectiva, a sílaba é considerada a unidade básica que contém as informações de como se organiza o sistema de sons e, conseqüentemente, ela é vista como o centro das representações fonológicas.

Dessa forma, a estrutura silábica das línguas do mundo mais comum é a CV(C), que consiste em uma consoante seguida de uma vogal e de outra consoante, que pode ocorrer ou não. As vogais formam o centro silábico e são consideradas *núcleo* da sílaba. As consoantes, por sua vez, ficam nas margens do núcleo. As margens podem ser preenchidas por uma ou mais consoante ou nenhuma, contudo, o núcleo deverá ser sempre preenchido. As consoantes que antecedem o núcleo são chamadas de *explosivas* ou *ascendentes* e as que sucedem o núcleo são *implosivas* ou *descendentes* (DUBOIS, 2004).

De acordo com Camara Jr. (1969, 1977), a enunciação da sílaba completa deve conter de um *active*, de um *ápice* e de um *declive*. A mudança de termos não altera a representação da sílaba como tendo um momento de ascensão ou descende, um de plenitude e outro de descensão ou decrescente, como está apresentado em (27):

(27) Esquema da enunciação da sílaba completa



O autor apresenta três estruturas fundamentais para a sílaba: V (**sílabas simples**), CV (**sílaba complexa**, contudo, *aberta* ou *livre* por terminar em vogal) e como sílaba *fechada* ou *travada* apresenta VC (em que falta o *active* e é incluída também na sílaba complexa) e CVC (**sílaba completa** com *active* e *declive*). Esses três tipos de sílabas são possíveis de ser encontrados na maioria das línguas em todo mundo.

Posto isso, a estrutura silábica predominante na língua portuguesa, é a CV, designada de sílaba livre ou aberta por terminar em vogal, incluindo também a sílaba simples, constituída de apenas V, enquanto que sílabas travadas ou fechadas, por

terminarem em consoante ou em vogal assilábica, não é um tipo silábico muito frequente.

Todas as consoantes portuguesas podem aparecer no aclave de uma sílaba, como crescente. Nessa posição, é possível ter até duas consoantes. Caso isso ocorra, a primeira deve ser uma das consoantes oclusivas (/p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/) ou fricativas labiais (/f/, /v/) e a segunda sempre será uma líquida /r/ ou /l/, conforme mostra nas sílabas iniciais das palavras *floresta*, *trabalho*, *frango*, *bloco*, ou nas sílabas finais como nas palavras *livro*, *vidro*.

No entanto, aparecem na grafia grupos consonantais em que a segunda consoante não é uma líquida, como em *pneu*, *psicologia*, *pneumático*. Camara Jr. (1969) considera que esses vocábulos são grafados sem fundamentação fonológica, visto que, na realidade, a primeira consoante forma uma sílaba distinta que o seu ápice silábico é um /i/. Acrescenta ainda que esses grupos consonantais aparecem também no interior de vocábulos, entre duas vogais como em *apto*, *técnica*, *opção*. Nesse caso, ocorre o mesmo fenômeno, pois um /i/ é também acrescido entre as duas consoantes produzindo sílabas distintas.

Quanto às sílabas travadas ou fechadas, por não serem um tipo silábico muito frequente na língua, existe uma limitação das consoantes que podem estar em posição decrescente, ou seja, em declive. Entretanto, esse fato é compensado por ser possível configurar também nessa parte da sílaba as vogais /i/ e /u/. Nessa posição, elas tornam-se assilábicas ao se juntarem com outra vogal silábica na formação de ditongos decrescentes.

Por conseguinte, as consoantes que podem figurar como declive travando a sílaba são /l/, /r/ e /z/, acrescentando também um quinto tipo V/N/ interpretada como vogal nasal. O /z/ pode ocorrer como sibilante ou chiante dependendo do dialeto, precedendo consoante sonora e como /s/, também sibilante ou chiante conforme o dialeto, quando está diante de consoantes surdas ou de pausa.

O /l/ em final de sílaba apresenta duas possibilidades de realização, uma delas como uma consoante velar que ainda ocorre em alguns dialetos brasileiros e em Portugal, outra como /w/, realização mais comum no português do Brasil.

Portanto, torna-se inexata a suposição das consoantes *p* e *k* em posição de declive fechando sílabas, em vocábulos como *apto* e *técnica*, bem como inexato é o tratamento desses grupos consonantais no aclave. Igualmente, não tem fundamentação fonológica a convenção ortográfica de separar sílaba como *ap-to* ou *a-pt*, *téc-ni-ca* ou

té-cni-ca. Exemplos dessa regra fonológica da língua portuguesa seriam observados em palavras de empréstimos de outras línguas que tem consoantes oclusivas fechando sílaba, que a convenção ortográfica trata de “aportuguesá-las” colocando um *e*, correspondente a um *i* depois da consoante, como em *Judite* e *clube*.

Como foi considerado, as vogais /i/ e /u/ tornam-se assilábica ao se juntarem a outra vogal na formação dos ditongos, ocupando uma posição de declive ou decrescente na sílaba, pode-se descrever os padrões estruturais da sílaba portuguesa da seguinte maneira:

(28) padrões estruturais da sílaba portuguesa

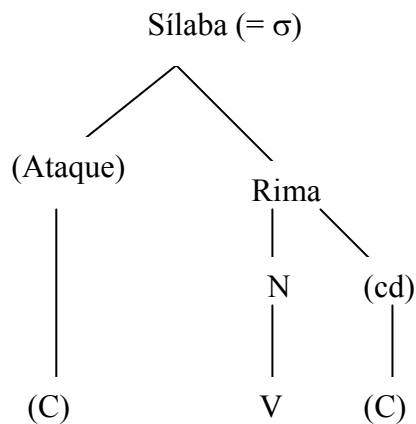
- (1) V – é (sílabas simples)
- (2) CV – marça (sílabas abertas)
- (3) VC – arco (sílabas fechadas)
- (4) CVC – perto (sílabas completas: com aclave, ápice e declive)
- (5) CVCC – superstição
- (6) CCV – trator
- (7) CCVC – três
- (8) CCVCC – transporte

Os exemplos demonstram que o elemento V, não pode faltar e nem apresentar duas vezes na mesma sílaba portuguesa, ao contrário do elemento C. Portanto, Lopes (2003, p. 149), “a sílaba fonológica do português pode ser definida, ou como uma vogal, ou, bem, como uma sequência de uma ou mais consoantes unitariamente pronunciadas com uma vogal única, sequência essa coerentizada por um acento”.

4.2 NA PERSPECTIVA DA TEORIA MÉTRICA

Na teoria métrica os constituintes da sílaba são estruturados hierarquicamente, em forma de árvore, como pode ser verificado abaixo, conforme Selkirk (1982).

(29) Estrutura da sílaba em forma de árvore



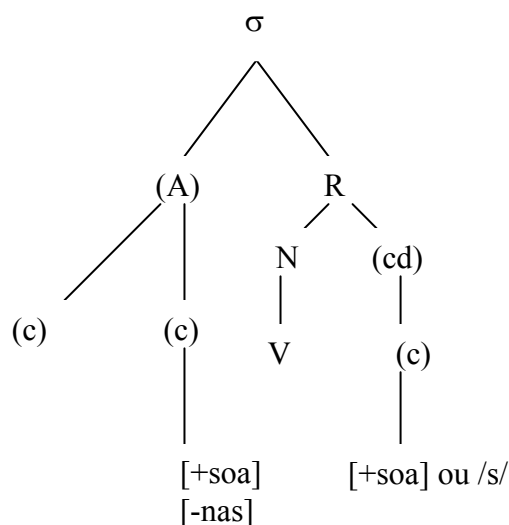
A sílaba se compõe de um ataque (A) e uma rima (R), a rima, por sua vez, consta de um núcleo (Nu) e uma coda (Co). Dessas categorias todas poderão ser vazias, exceto o núcleo (Nu).

Cada categoria que participa da estrutura da sílaba, ataque, núcleo e coda, estabelece relação com uma ou mais posições da camada CV. O ataque precede a rima e alia-se a unidades C. O núcleo, que é a única posição obrigatória a ser preenchida na estrutura silábica, alia-se a unidades V. A coda segue o núcleo e alia-se a unidades C. Nesse modelo é previsto que o relacionamento entre a vogal do núcleo e a consoante da coda é mais estreito do que entre essa vogal e a consoante do ataque.

De acordo com Bisol (1999), essa estrutura é capaz de produzir o inventário básico {CV, VC, V, CVC} possível de descrever a maioria das línguas do mundo, sendo que estruturas mais complexas como {CCV, VCC, CCVCC} originam-se dele.

Assim, a estrutura silábica vista desse modo, está sendo considerada como um conjunto de regras de composição da sílaba básica. Essas regras, segundo autora, baseada em Selkirk (1982), são princípios que podem ser expressos através de uma árvore de ramificação binária. No caso do português, eles formarão o padrão canônico CCVC(C), em que o C entre parênteses é o resultado de uma regra particular adicionada à rima já formada.

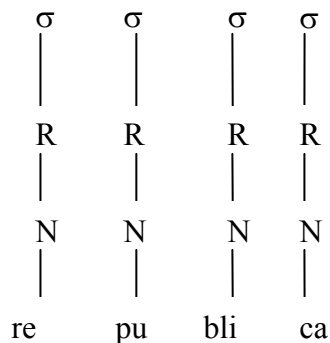
(30) Princípios de composição da sílaba básica (PCSB).
 Fonte: Bisol (1999, p. 703)



Desse modo, as regras resultantes da árvore representada em (30) informam que a sílaba em português tem uma estrutura binária, que está representada pelos constituintes, ataque e rima. A rima, que também tem uma estrutura binária, é formada pelo núcleo e a coda. O núcleo é preenchido sempre por vogal e a coda por uma soante ou /S/. No caso do ataque, ele pode ser preenchido por até dois segmentos, contanto que o segundo seja uma soante não-nasal.

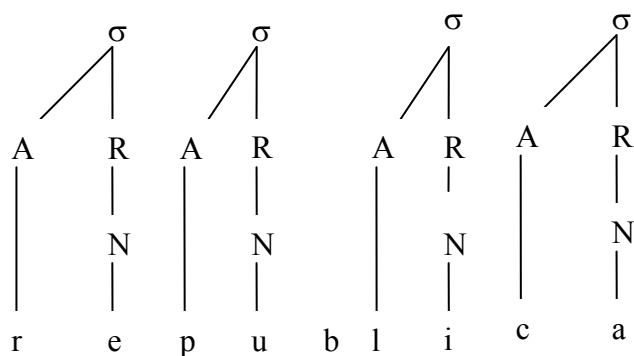
A silabificação, entendida como o mapeamento dos segmentos de uma cadeia de sons conforme o padrão canônico da língua, determina que o primeiro passo para constituir uma sílaba é identificar os núcleos, por meio da escala de sonoridade. Na língua portuguesa somente as vogais podem ficar em posição de núcleo. No início da silabificação todas as vogais são consideradas núcleos silábicos, até mesmo as altas.

(31) Projeção do núcleo
 Fonte: Bisol (1999, p. 706)



Com a identificação do núcleo, conseqüentemente, a rima é projetada e essa projeta a sílaba. A sílaba, por sua vez, ramifica-se para esquerda mapeando a consoante imediatamente mais próxima, formando o padrão universal CV.

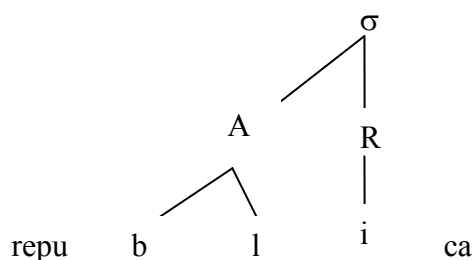
(32) Formação de ataque
 Fonte: Bisol (1999, p. 706)



Caso haja mais consoantes, o mapeamento continuará, formando assim o ataque complexo, atendendo ao princípio de maximização do ataque e também ao princípio de sonoridade sequencial.

(33) Formação de ataque complexo

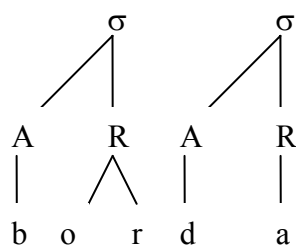
Fonte: Bisol (1999, p. 706)



Depois que o ataque for formado, inicia a formação da coda juntando-se à rima as consoantes que ainda não tinha sido silabificadas. No exemplo de Bisol (1999, p. 707), na palavra *borda* a consoante associada à direita da primeira rima, nesse caso o /r/, constitui uma rima complexa, depois que todos os ataques da palavra foi constituído.

(34) Expansão da rima

Fonte: Bisol (1999, p. 707)



Geralmente, os princípios de Composição da sílaba Básica contidos em (30) não são suficientes para criar sílabas bem formadas. Eles podem criar muito mais do que a língua suporta. Portanto, princípios universais e condições de língua particular são de extrema importância na composição da sílaba bem formada.

As condições de língua particular são de natureza fonotática por expressar as escolhas mais restritas da língua e também por argumentar em favor da sílaba possuir dois constituintes. Sendo assim, considera-se que há uma relação fonotática mais estreita entre os elementos do ataque bem como há entre os elementos da rima. É daí que advêm à condição do ataque e a condição da coda que serão estudados a seguir.

4.2.1 Condição do Ataque

Na língua portuguesa se aceita qualquer consoante no ataque simples, porém, em início de palavras não são permitidos ataques formados com /ɲ/, /ʎ/ e /r/, com exceção de /ɲ/ e /ʎ/ em palavras de origem estrangeira.

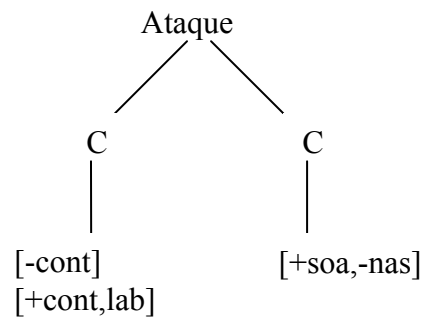
É possível ter até dois elementos na posição de ataque. Se isso ocorrer, forma-se ataque complexo ou grupo consonantal. Todavia, para que eles sejam bem formados é preciso selecionar adequadamente os elementos que o compõem. Os grupos permitidos são aqueles formados por obstruintes não-contínua ou contínua labial, combinada com líquida, vibrante simples ou lateral. Porém, nem todas as combinações de obstruinte e líquida são permitidas, como o caso dos grupos /dl/ e /vl/ que não existem no português, salvo o /vl/ em alguns nomes de empréstimos de outras línguas. Os grupos permitidos podem ser verificados no quadro a seguir.

(35) grupos consonantais permitidos no português

br	branco	tl	atleta
tr	trator	dl	∅
pr	preto	kl	clima
dr	droga	gl	glória
fr	frevo	fl	floco
kr	crua	vl	∅
gr	grande	bl	blusa
pl	planta	vr	livro

Nos grupos permitidos verifica-se que na primeira posição há uma consoante [-contínua] ou [+contínua, labial] e na segunda posição, uma soante não-nasal, manifestando dois graus de distanciamento de sonoridade entre os segmentos que compõem o ataque, e um grau, no mínimo, entre os que compõem a rima.

(36) Condição positiva do ataque complexo
 Fonte: Bisol (1999, p. 718)

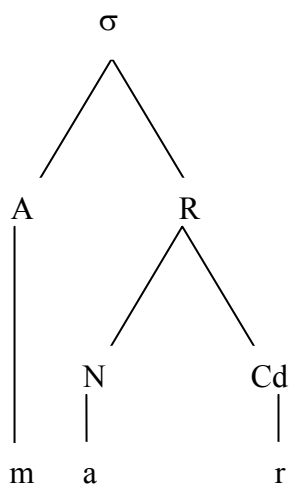


Essa restrição exclui grupos como *sr, sl, zr, zl, fr, fl, zr, zl*, bem como *xr, xl* e todos os demais que não estiverem de acordo com a representação acima. Grupos formados por segmentos com seqüência de sonoridade semelhante também são rejeitados pela língua portuguesa.

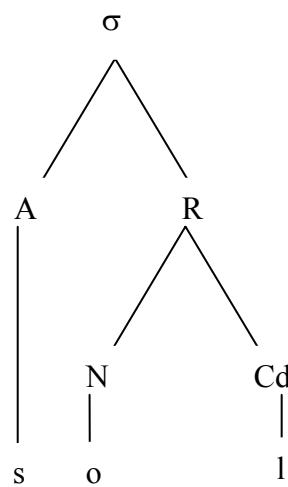
4.2.2 Condição da Coda

A coda pode ser formada por qualquer soante e também por /s/. Os exemplos seguintes irão mostrar essa condição.

(37a)



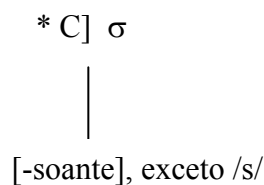
(37b)



Bisol (1999) enfatiza que a única obstruente [-soante] prevista para tal posição é /s/. Essa não é uma particularidade do português, mas das línguas românicas, em geral. Por isso, uma restrição negativa de estrutura silábica (também chamada de filtro) se faz necessário.

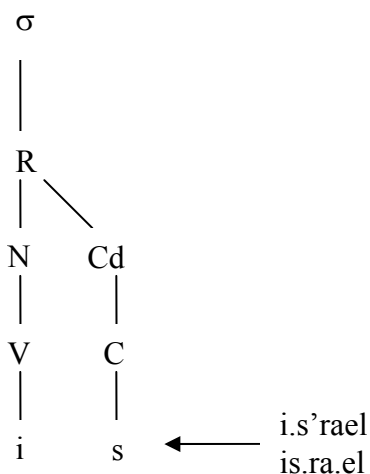
(38) Condição da Coda

Fonte: Bisol (1999, p. 720)

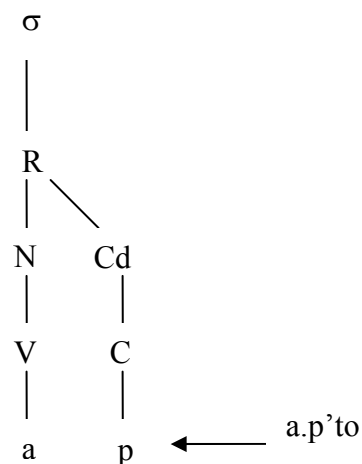


Essa condição negativa de boa formação, proibindo qualquer obstruente exceto /s/, elimina sílabas mal formadas, em que elementos que não puderam ser incorporados ao ataque, sejam admitidos na posição de coda. Porém, ela não é suficiente para resolver o problema das consoantes que não são incorporadas nem pelo ataque e nem pela coda devido às restrições imposta por cada um desses constituintes.

(39a)



(39b)



Na expressão *Israel*, o segmento /s/ não pode ser admitido no ataque, com isso, é incorporado devidamente à coda. Já, na expressão *apto*, o segmento /p/ não é aceito na posição de ataque, por não se adequar à Condição positiva do Ataque

Complexo e também não é aceito na posição de coda por não estar de acordo com a Condição da Coda. Essa consoante considerada flutuante vai ser salva pelo mecanismo da epêntese, cujo assunto será abordado na próxima seção.

4.3 ANÁLISE DOS FONEMAS EPENTÉTICOS NO PORTUGUÊS

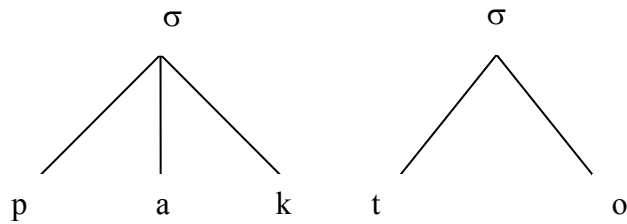
No início desse capítulo foi dito que a hipótese inicial deste trabalho seria da epêntese de [i] entre as consoantes /t/ e /d/ e um segmento vocálico como em *muitiu*, *oitio*, *deitiado*, *oitienta* que estaria provocando a palatalização desses segmentos na fala da comunidade estudada. Posto isso, propõe-se aqui algumas discussões que aparentam ser relevantes sobre esse processo que podem orientar a análise dos dados do corpus de Lagoa da pedra e Canabrava.

A epêntese é um processo fonológico responsável pela inserção de fonema, quando estruturas subjacentes (nível fonológico) apresentarem segmentos extrassilábicos, isto é, segmentos que não pertencem a nenhum constituinte silábico, ataque ou coda, por não satisfazerem às suas condições, como é o caso dos segmentos /k/, /f/ e /d/ nas palavras *pakto*, *afta* e *adverso*, criando assim sílabas mal formadas. Esses segmentos extrassilábicos se valerão desse processo que irá corrigir a estrutura silábica mal formada, inserindo uma vogal que, se tratando do português é a vogal /i/, formando após eles, uma nova sílaba dentro do padrão considerado bem formado, ou seja, o universal CV.

A epêntese é vista como uma característica da sílaba do português brasileiro, que não permite sequências de duas consoantes com nível de sonoridade semelhante em margens silábicas (ataque e coda). Como exemplos têm-se sequência de oclusiva + fricativa, em palavras como *óbvio*, *adjetivo*, *opcional*, de oclusiva + oclusiva em *compacto*, *obter*, *captou*, de oclusiva + nasal, em *abnegado*, *signo*, *ritmo*, de nasal + nasal ou nasal + líquida, em *amnésia*, *kremlin*, de fricativa bilabial + oclusiva, como em *afta* e *Luftal*.

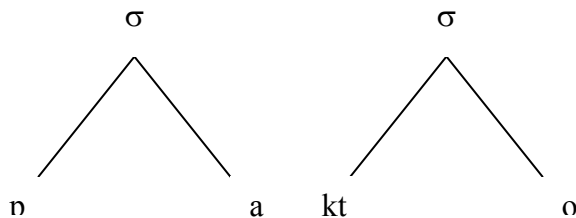
Conforme as considerações tecidas anteriormente sobre a epêntese, palavra como *pacto* pode, inicialmente, supor uma estrutura, na forma subjacente, da seguinte maneira:

(40)



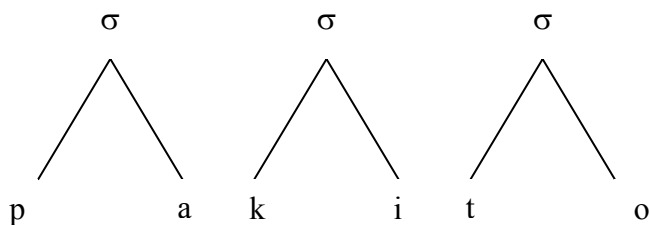
Essa estrutura supõe que a primeira sílaba termine em uma oclusiva, porém, essa representação não é permitida pelas condições que regem a estrutura silábica em português. Outra estruturação silábica poderia ser imaginada como a seguir:

(41)



Essa representação não seria a ideal ainda, pois apresenta a segunda sílaba com um ataque formado por uma sequência de oclusiva + oclusiva, igualmente não concedida pelas condições de estrutura silábica. Aqui, a função da epêntese mostra-se necessária para modificar as sequências que, de alguma forma, não cabem no padrão silábico da língua. Isso se faz inserindo uma vogal que estabelecerá o padrão considerado bem formada da sílaba em do português, o CV (COLLISCHONN, 2007).

(43)



As palavras citadas como exemplo de ocorrência do fenômeno de epêntese, na sua grande maioria, são consideradas como eruditas, de origem grega ou latina ou são empréstimos de outras línguas.

No latim, a posição de final de sílaba (coda) poderia ser preenchida por qualquer consoante, com exceção de *ku*, *gu*, *f* e *h*. Com a mudança do latim para o português arcaico, sílabas que eram formadas com coda preenchida por obstruinte desapareceram por meio de processo de apagamento ou vocalização do segmento, nessa posição.

Em consequência do retorno da valorização do período clássico, ocorrido no século XIV e XV, palavras foram incorporadas ao léxico do português, de origem latina e grega, com sílabas em que a coda era preenchida por obstruinte. Essas formas incorporadas depois ao léxico são modificadas pela epêntese, conforme o padrão licenciado pela língua. Assim, sílabas fechadas (CVC) são transformadas em sequência de sílabas abertas (CV. CV).

Uma última observação no processo de epêntese é o que Bisol (1999) considera como epêntese inicial (prótese) em que se trata do grupo consonantal formado por /s/ seguido de outra consoante em início de palavras. É o que acontece com s + obstruinte, em exemplos como: *stá* ~ *istá*; *strela* ~ *istrela*; *spaço* ~ *ispaço* (está, estrela, espaço), bem como em s + líquida em *slide*/*islide*.

O português, assim como muitas línguas romanas, tem a tendência de impedir que ataque seja formado por inicial de s+obstruinte. Esse tipo de ataque de origem latina, já era resolvido no latim vulgar por vogal protética, como mostra os exemplos: *scutum* > *escudo*, *studium* > *estudo*, *strictum* > *estreito*, *sperare* > *esperar*, *scriptum* > *escrito*, *smaragdum* > *esmeralda*.

No português atual, podem ser encontradas palavras em que se alterna o uso ou não de /e/ em sequências de s + obstruinte no início de palavra, como em *stoque* ~ *estoque*, *stranho* ~ *estranho*, *strela* ~ *estrela*.

O mesmo ocorre em empréstimos, proveniente de outras línguas, como foi verificado em combinação de s + líquida, a exemplo de *slavo* ~ *eslavo*, *slaque* ~ *eslaque*, *sloper* ~ *esloper*.

Assim também em siglas criadas com a sequência de /s/ + obstruinte têm formas variantes como em *spa* ~ *ispá*.

Ainda nesse estudo sobre a epêntese, vale lembrar também a sequência de consoante + s final, em que uma vogal epentética é gerada por extensão à coronalidade

de /s/. Esse fato é evidenciado em palavras oxítonas, em que um glide é inserido antes do /s/, como em *rapaz ~ rapaiz, mês ~ meis, feroz ~ feroiz*.

Em palavras terminadas em consoantes que, ao pluralizar-se, forma uma nova sílaba com uma vogal coronal: *mal ~ males, pomar ~ pomares*.

Finalmente, em nominais com terminação nasal, as quais dão origem a uma variante com glide coronal, conforme alguns dialetos, segundo Bisol (1999), como em: *bõws ~ bõys, irmãs ~ irmãys*. Assim, foi deduzido que é característico do /s/ da coda desenvolver uma vogal epentética.

Para finalizar o estudo referente à sílaba, considera-se que, para o modelo estruturalista, ela é composta de aclave, ápice e declive. O ápice será uma vogal e o aclave e declive será uma consoante. Na teoria métrica, a sílaba é composta pelos constituintes, ataque e rima. A rima apresenta uma estrutura binária formada pelo núcleo e a coda. O núcleo é o constituinte principal dessa estrutura, sendo preenchido sempre por uma vogal, enquanto que os outros serão preenchidos por consoantes, de acordo com as condições de boa formação da sílaba, no caso, as condições do ataque e a condição da coda.

CAPÍTULO 5

DESCRIÇÃO DA PALATALIZAÇÃO DO *CORPUS* DE LAGOA DA PEDRA E CANABRAVA

Nesse capítulo expõe-se o processo de palatalização das consoantes /t/ e /d/ antes de todas as realizações fonéticas de [i], fenômeno observado na língua portuguesa, em várias regiões brasileiras. Em seguida, descreve a realização do processo de palatalização dessas mesmas consoantes antes de outras vogais, constatado no *corpus* de Lagoa da Pedra e Canabrava, apresentando os contextos em que foram possíveis perceber esta realização como, contexto pós /t/ e /d/, posição da sílaba, tonicidade, contexto antecedente a /t/ e /d/.

5.1 PALATALIZAÇÃO DE /t/ E /d/ ANTES DE [i]

A palatalização é considerada, em Dubois (2004), um fenômeno particular de assimilação motivado pelo contato de uma consoante ou vogal com outro fonema palatal. Desse modo, observa-se que no decorrer da evolução do latim ao português, as consoantes que sofreram o processo de palatalização tiveram como princípio a assimilação do ponto de articulação do segmento vocálico alto anterior [i] que as precediam ou seguiam, como apresentado no capítulo 3.

No português brasileiro registra-se a ocorrência das consoantes oclusivas dentais /t/ e /d/ que se palatalizam quando seguidas de uma vogal foneticamente realizada como alta anterior [i], em várias regiões brasileiras. No *corpus* de Lagoa da Pedra e Canabrava, esse fenômeno se faz presente também. Assim, será apresentado, a seguir, a descrição do fenômeno de palatalização ocorrido no *corpus* citado. Esse fenômeno ocorre sempre quando as consoantes oclusivas dentais /t/ e /d/ estiverem antes das inúmeras realizações fonéticas da vogal alta anterior [i], como se pode verificar nos quadros abaixo. Dito isso, as consoantes oclusivas dentais /t/ e /d/ palatalizam-se:

➤ antes da realização fonológica do [i], como em:

transcrição fonográfica	transcrição fonética	transcrição ortográfica
adiēti	[ɛdʒɪ'ɛtʃɪ]	diante
testinu	[tɛs'tʃɪnʊ]	intestino
tiru	['tʃɪrʊ]	tiro
mĩtinu	[mĩ'tʃɪnʊ]	mentindo
cãtiga	[kã'tʃigə]	cantiga
difiçu	[dʒɪ'fisʊ]	difícil

➤ quando a realização fonética do [i] é produto da elevação da vogal /e/, como em:

transcrição fonográfica	transcrição fonética	transcrição ortográfica
dimais	[dʒɪ'mais]	demais
duēti	[dʊ'ɛtʃɪ]	doente
noiti	['nojtʃɪ]	noite
dismaiô	[dʒɪsma'io]	desmaiou
sodadi	[sɔ'dadʒɪ]	saudade
ticia	[tʃɪ'siə]	tecia

➤ antes do glide [j] em ditongos, como em:

transcrição fonográfica	transcrição fonética	transcrição ortográfica
remediu	[çɛmɛ'dʒju]	remédio
iscãidiu	[ɪskã'dʒju]	escândalo
rédia	['çɛdʒja]	rédea
Leocádiu	[lɛɔ'kadʒju]	Leocádio

➤ antes da realização fonética de um [i] epentético, como em:

transcrição fonográfica	transcrição fonética	transcrição ortográfica
rítimu	['çitʃɪmʊ]	ritmo
adivogadu	[ɛdʒɪvɔ'gadu]	advogado
adiquiriu	[ɛdʒɪɪ'rɪʊ]	adquiriu
adiquirí	[ɛdʒɪɪ'ri]	adquirir
adimirá	[ɛdʒɪmɪ'ra]	admirar
adimira	[ɛdʒɪ'mirə]	admira

- ocorre também antes da realização de um [i] nasalizado, como em:

transcrição fonográfica	transcrição fonética	transcrição ortográfica
tia	[ˈtʃiə]	tinha
dêru	[dʒiˈeru]	dinheiro
preti	[preˈtʃi]	pretinho
cãdêru	[kãdʒiˈeru]	candeeiro
catiga	[keˈtʃigə]	catinga
mĩtinu	[mĩˈtʃĩnu]	mentindo

Todas as realizações da vogal alta [i], tendo em vista os quadros expostos, influenciará da mesma forma no processo de palatalização das consoantes /t/ e /d/. Esse processo é descrito como a assimilação do traço coronal da vogal [i] pela consoante, que produz um novo segmento complexo, o qual é realizado como uma africada [tʃ] no lugar do fonema /t/ e da africada [dʒ] no lugar do fonema /d/.

A sílaba, quanto à tonicidade, pode ser classificada em tônica ou átona. No *corpus* estudado, analisando a ocorrência do processo de palatalização das consoantes /t/ e /d/ antes da vogal alta anterior em sílabas átonas e tônicas, verificou-se que a tonicidade não interfere nesse processo. Dessa forma, constatou-se que o fenômeno de palatalização descrito aqui é indiferente à tonicidade, pois ocorre tanto nas sílabas átonas como nas tônicas, como pode ser observado nos quadros a seguir:

- sílabas átonas

transcrição fonográfica	transcrição fonética	transcrição ortográfica
ticei	[tʃiˈsej]	aticei
cativeru	[katʃiˈveru]	cativeiro
rimidiá	[çimidiʒiˈa]	remediar
dispô	[dʒisˈpo]	dispor
discambá	[dʒiskãˈba]	descambar
sĩtinela	[sĩtʃiˈnelə]	sentinela

➤ sílabas tônicas

transcrição fonográfica	transcrição fonética	transcrição ortográfica
mĩtira	[mĩ'tʃirə]	mentira
vistidu	[vis'tʃidʊ]	vestido
rematismu	[çɛmɐ'tʃismʊ]	reumatismo
sadia	[sɐ'dʒiə]	sadia
midida	[mɪ'dʒidə]	medida
títu	[tʃitʊ]	título

Igualmente, constatou-se que a palatalização ocorre tanto em sílabas iniciais, em sílabas mediais, bem como em sílabas finais, como apresenta os próximos quadros.

➤ sílabas iniciais

transcrição fonográfica	transcrição fonética	transcrição ortográfica
Dianópi	[dʒiɛn'ɔpɪ]	Dianópolis
Dias	['dʒias]	Dias
diferēti	[dʒifɛ'rɛtʃɪ]	diferente
tirá	[tʃɪ'ra]	tirar
tipu	[tʃipʊ]	tipo
tibūgá	[tʃibũ'ga]	tibungar

➤ sílabas finais

transcrição fonográfica	transcrição fonética	transcrição ortográfica
cumadi	[qu'madʒɪ]	comadre
padi	['padʒɪ]	padre
gēti	['ʒɛtʃɪ]	gente
idadi	[ɪ'dadʒɪ]	idade
dēti	['dɛtʃɪ]	dente
Õti	['õtʃɪ]	ontem

Nos dados descritos acima, observa-se que nem a posição da sílaba em que se encontram as oclusivas dentais /t/ e /d/ antes da vogal alta [i], nem a tonicidade, não interferem no processo de palatalização. Assim, tanto na sílaba tônica quanto na sílaba

átona, bem como em sílaba inicial, medial ou final, o fenômeno ocorre da mesma maneira.

5.2 PALATALIZAÇÃO DE /t/ E /d/ ANTES DE [ã], [a], [ẽ], [o] E [u]

Esses contextos, até então descritos, são contextos em que se espera que ocorra o fenômeno de palatalização das consoantes oclusivas dentais, as quais passam a ser realizadas como africadas, na maioria dos casos, em muitos dialetos brasileiros. Porém, no *corpus* de Lagoa da Pedra e Canabrava foram encontradas essas mesmas consoantes palatalizadas em contextos não esperado para o português brasileiro, como informa a literatura referente ao caso, ou seja, a palatalização dessas consoantes antes de outras vogais como [ã], [a], [ẽ], [o] e [u].

Nessa seção, serão descritos os dados que comprovam a ocorrência da palatalização das oclusivas dental surda [t] e sonora [d] antes das vogais [ã], [a], [ẽ], [o] e [u], contexto não apontado pela literatura, até então, como causador de palatalização. Os contextos são os seguintes:

5.2.1 Contexto pós /t/ e /d/

➤ /t/ antes de [a] realizado como [tʃ]

transcrição fonográfica	transcrição fonética	transcrição ortográfica
mũitxas	['mũjtʃəs]	muitas
mũitxa	['mũjtʃə]	muita
feitxa	['fejtʃə]	feita
ĩpleitxa	[ĩ'plejtʃə]	empreita
Txaduricu	[tʃedʊ'riçʊ]	Teodorico
respeitxá	[çɛspɛj'tʃa]	respeitar
pruveitxava	[pruvej'tʃavə]	aproveitava
luitxá	[lʊj'tʃa]	lutar
açoitxa	[ɐ'sojtʃə]	açoita

pruveitxadu	[pruvej'tjadu]	aproveitado
aceitxa	[e'sejtʃə]	aceita
deitxadu	[dej'tjadu]	deitado
deitxá	[dej'tja]	deitar

➤ /t/ antes de [ã] realizado como [tʃ]

transcrição fonográfica	transcrição fonética	transcrição ortográfica
eitxãu	[ej'tʃãw]	eitão
mũitxãu	[mũj'tʃãw]	muitão

➤ /t/ antes de [ẽ] realizado como [tʃ]

transcrição fonográfica	transcrição fonética	transcrição ortográfica
óitxêta	[oj'tʃêtə]	oitenta
oitxêta	[oj'tʃêtə]	oitenta

➤ /t/ antes de [o] realizado como [tʃ]

transcrição fonográfica	transcrição fonética	transcrição ortográfica
deitxô	[dej'tʃo]	deitou
disajeitxô	[dʒizeʒej'tʃo]	desajeitou

➤ /t/ antes de [u] realizado como [tʃ]

transcrição fonográfica	transcrição fonética	transcrição ortográfica
oitxu	[ˈojtʃu]	oito
feitxu	[ˈfejtʃu]	feito
mũitxus	[ˈmũjtʃus]	muitos
mũitxu	[ˈmũjtʃu]	muito
leitxura	[lej'tʃurə]	leitura
prefeitxu	[pre'fejtʃu]	prefeito
defeitxu	[de'fejtʃu]	defeito
prefeitxura	[prefej'tʃurə]	prefeitura
jeitxu	[ˈʒejtʃu]	jeito

satisfeitxu	[setʃis'feitʃu]	satisfeito
direitxu	[dʒi'rejtʃu]	direito
eleitxu	[e'lejtʃu]	eleito
aceitxu	[e'sejtʃu]	aceito

➤ /d/ antes de [u] realizado como [dʒ]

transcrição fonográfica	transcrição fonética	transcrição ortográfica
doidzu	['dojdʒu]	doido

A ocorrência da consoante [d] realizada como /dʒ/ apareceu uma única vez nos dados, na palavra descrita acima. Porém, esse baixo registro não invalida a afirmação de que essa consoante se palataliza em contextos semelhante à consoante /t/ nesse *corpus*.

5.2.2 Posição da sílaba

Referente à posição na sílaba em que ocorrem essas consoantes palatalizadas antes das vogais [ã], [a], [ẽ], [o], [u], verificou-se que houve apenas uma ocorrência em sílaba inicial, como se verifica a seguir:

➤ em sílaba inicial

transcrição fonográfica	transcrição fonética	transcrição ortográfica
Txaduricu	[tʃedu'riqu]	Teodorico

Em sílabas mediais, a ocorrência foi bem maior, como mostra o quadro seguinte:

➤ em sílaba medial

transcrição fonográfica	transcrição fonética	transcrição ortográfica
pruveitxava	[pruvej'tjavə]	aproveitava
pruveitxadu	[pruvej'tjadu]	aproveitado
prefeitxura	[pɾefej'tʃurə]	prefeitura
oitxêta	[oj'tjẽtə]	oitenta
deitxadu	[dej'tjadu]	deitado
leitxura	[lej'tʃurə]	leitura

Em contrapartida, nas sílabas finais, a ocorrência do fenômeno foi predominante, como pode ser verificado no quadro a seguir:

➤ em sílaba final

transcrição fonográfica	transcrição fonética	transcrição ortográfica
oitxu	['ojtʃu]	oito
feitxu	['fejʃtʃu]	feito
mũitxus	['mũjtʃus]	muitos
mũitxu	['mũjtʃu]	muito
mũitxas	['mũjtʃəs]	muitas
mũitxa	['mũjtʃə]	muita
feitxa	['fejʃtʃə]	feita
ĩpleitxa	[ĩ'plejtʃə]	empreita
prefeitxu	[pre'fejʃtʃu]	prefeito

5.2.3 Tonicidade

Quanto à tonicidade, verificou-se que a palatalização das oclusivas dentais antes das vogais [ã], [a], [ẽ], [o] e [u] vai ocorrer tanto em sílabas tônicas quanto em sílabas átonas. Logo, entende-se que a tonicidade não vai interferir no processo de palatalização aqui descrito, como mostram os quadros seguintes:

➤ em sílabas tônicas

transcrição fonográfica	transcrição fonética	transcrição ortográfica
respeitxá	[çɛspɛj'tʃa]	respeitar
deitxadu	[dɛj'tʃadu]	deitado
leitxura	[lej'tʃurə]	leitura

➤ em sílaba átona

transcrição fonográfica	transcrição fonética	transcrição ortográfica
oítxu	['oɪtʃu]	oito
açoitxa	[e'soɪtʃə]	açoita
satisfeitxu	[sɛtʃis'feɪtʃu]	satisfeito

5.2.4 Contexto antecedente a /t/ e /d/

Na maioria dos casos em que ocorreu a palatalização das consoantes [t] e [d] antes das [ã], [a], [ẽ], [o], [u], há, anterior a esses segmentos consonantais, a presença de um glide [j], como apresenta o quadro:

transcrição fonográfica	transcrição fonética	transcrição ortográfica
mũitxas	['mũɪtʃəs]	muitas
mũitxa	['mũɪtʃə]	muita
feitxa	['feɪtʃə]	feita
ĩpleitxa	[ĩ'pleɪtʃə]	empreita
Txaduricu	[tʃɛdu'riɲu]	Teodorico
respeitxá	[çɛspɛj'tʃa]	respeitar
pruveitxava	[pruvej'tʃavə]	aproveitava
luitxá	[luɪ'tʃa]	lutar
açoitxa	[e'soɪtʃə]	açoita
pruveitxadu	[pruvej'tʃadu]	aproveitado
aceitxa	[e'seɪtʃə]	aceita
deitxadu	[dɛj'tʃadu]	deitado
eitxãu	[ej'tʃãw]	eitão
mũitxãu	[mũɪ'tʃãw]	muitão

óitxêta	[ɔj'tʃētə]	oitenta
oítxêta	[oj'tʃētə]	oitenta
deitxô	[dej'tʃo]	deitou
disajeitxô	[dʒɪzɛzɛj'tʃo]	desajeitou
oítxu	['ojtʃu]	oito
feitxu	['fejtʃu]	feito
mũitxus	['mũjtʃus]	muitos
mũitxu	['mũjtʃu]	muito
leitxura	[lej'tʃurə]	leitura
prefeitxu	[pre'fejtʃu]	prefeito
defeitxu	[de'fejtʃu]	defeito
prefeitxura	[prefej'tʃurə]	prefeitura
jeitxu	['zejtʃu]	jeito
satisfeitxu	[sətʃis'fejtʃu]	satisfeito
direitxu	[dʒɪ'rejtʃu]	direito
eleitxu	[e'lejtʃu]	eleito
doidzu	['dojdʒu]	doido

A seguir, os dados apresentado nessa seção serão analisados, de início, de acordo com a proposta de Hora (1993) e Hora e Bisol (1993), fundamentados na geometria de traços. Em seguida, faz-se uma análise histórica do processo de palatalização, baseando-se nos pressupostos da fonética histórica.

CAPÍTULO 6

ANÁLISE DA PALATALIZAÇÃO DO *CORPUS*

A palatalização é o processo fonológico em que consiste no levantamento da língua em direção à região palatal, ocorrendo quando uma consoante está antes de [i] ou [ɪ], no português brasileiro. Pode ocorrer, segundo Abarurre e Pagotto (2002), tanto com consoantes que são articuladas na região posterior como [k] e [g], bem como consoantes articuladas na região anterior da boca como [t], [d] e [s]. Nesses termos, a palatalização é considerada um fenômeno assimilatório condicionado à posição alta da vogal [i].

Nessa seção será feita a análise do comportamento das consoantes /t/ e /d/ seguidas de outras vogais como [ã], [a], [ẽ], [ô], [u], que são realizadas como consoantes africadas palato-alveolares [tʃ] e [dʒ], encontradas no *corpus* de Lagoa da Pedra e Canabrava.

Vocábulos pronunciados como [pre'fejtʃu] *prefeito*, [oj'tʃêtê] *oitenta*, [çɛspej'tʃa] *respeitar*, [dej'tʃo] *deitou*, [mũj 'tʃãw] *muitão*, ['dojdʒu] *doido*, são encontrados no *corpus* referido com bastante frequência, exceto *doidzu*, que foi percebido em apenas uma vez. Essa alta frequência mostra uma preferência pela realização das consoantes dentais oclusivas [t] e [d] como as africadas palato-alveolares [tʃ] e [dʒ] em contexto não esperado que haja essa ocorrência, no português brasileiro, como aponta a literatura.

Aqui se chega a um impasse. Se, para haver a palatalização de uma consoante é necessário que ela esteja seguida pela vogal [i] foneticamente realizada, então, isso implica na impossibilidade de haver processo de palatalização das consoantes oclusivas /t/ e /d/ antes de outras vogais que não seja o [i]. Dessa maneira, como se explica a ocorrência de palatalização das consoantes oclusivas dentais, tanto surda /t/, na maioria das ocorrências, como sonora /d/ antes de outras vogais como [ã], [a], [ẽ], [o], [u] encontradas no *corpus* de Lagoa da Pedra e Canabrava?

A hipótese inicial era que um [i] estivesse sido inserido entre a consoante e uma das vogais [ã], [a], [ẽ], [o], [u] acontecendo então um processo de epêntese antes

do processo de palatalização. Em outras palavras, um [i] epentético levaria as consoantes oclusivas dentais /t/ e /d/ a palatalizar-se. Assim, a apresentação dos dados seria a seguinte:

transcrição fonográfica	transcrição fonética	transcrição ortográfica
prefeitiu,	[pre'fejʧjʊ]	prefeito
oitiêta	[oj'tʃjẽtə]	oitenta
deitiô	[dej'tʃjo]	deitou
mũitiãu	[mũj'tʃjãu]	muitão
doidiu	[doj'dʒjʊ]	doido

E não como foi apresentado anteriormente:

transcrição fonográfica	transcrição fonética	transcrição ortográfica
prefeitu,	[prefej'tʃu]	prefeito
oitxêta	[oj'tʃẽtə]	oitenta
deitxô	[dej'tʃo]	deitou
mũitsãu	[mũj'tʃãu]	muitão
doidzu	[doj'dʒu]	doido

A hipótese do [i] epentético foi levantada quando, pela primeira vez em que se ouviu a gravação das entrevistas feitas na primeira etapa da pesquisa de campo com o intuito de transcrevê-las, observou-se que a pronúncia de algumas palavras como *muito(s)* ['mũjtu], *muita(s)* ['mũjta], *oitenta* [oj'tẽtə], *respeitar* [çɛspɛj'ta], *prefeito* [prefej'tu], *oito* ['ojtu] dentre outras, apresentou algo incomum àquela que habitualmente se ouve.

Pelo fato do ouvido não estar preparado para detectar um fenômeno linguístico ao primeiro contato, o som palatalizado da consoante [t] confunde-se com a realização da vogal alta [i] antes das vogais [ã], [a], [ẽ], [o] e [u]. Posto isso, os dados foram transcritos sem nenhuma reflexão sobre o fato, com uma vogal [i] inserida entre a consoante oclusiva dental /t/ e as vogais já mencionadas. As palavras *muito(s)*, *muita(s)*, *oitenta*, *respeitar*, *prefeito*, *oito*, foram transcritas fonograficamente como *muitiu*, *muitius*, *muita*, *muitias*, *oitienta*, *respeitiã*, *oitiu*.

Ao recorrer ao exposto sobre epêntese (4.9.) pode-se constatar que é um processo fonológico responsável pela inserção de fonema, com função de salvar

segmentos extrassilábicos, isto é, segmentos que não pertencem a nenhum constituinte silábico, ataque ou coda, por não satisfazerem as condições de nenhum deles.

Assim, o processo de epêntese serve para ajustar estrutura silábica mal formada, inserindo uma vogal que, se tratando do português é a vogal [i], após segmentos extrassilábicos com intuito de formar uma nova sílaba dentro do padrão considerado bem formado, o padrão universal CV (DUBOIS, 2004).

Todavia, não é o caso dos dados analisados aqui. As sílabas são bem formadas, pois não há segmentos extrassilábicos. Depois da consoante oclusiva dental /t/ ocorrem às vogais [ã], [a], [ẽ], [o], [u] que funcionam como núcleo da sílaba. Portanto, não teria sentido levar a adiante a hipótese de que poderia haver um [i] epentético entre a consoante oclusiva dental e as vogais referidas anteriormente, o qual seria o fonema motivador da palatalização das consoantes oclusivas dentais /t/ e /d/ no *corpus* estudado.

No segundo momento da pesquisa de campo, observando atentamente o fato, os dados foram transcritos fonograficamente da seguinte maneira: *muitsu, muitsus, muitsa, muitsas, oitsenta, respeitsá, oitsu, doidsu*, na tentativa de representar o “chiado” produzido pelo falante ao pronunciar as consoantes oclusivas dentais [t] e [d] nessas palavras, dentre outras. Na sequência, com as leituras referentes à palatalização e o conhecimento dos dados, elas foram transcritas como *muitxu, muitxus, muitxa, oitxenta, respeitxá, oitxu, doidzu*.

Isso quer dizer que outra hipótese foi levantada a partir dessas transcrições iniciais. Nessa segunda hipótese considera-se que o “chiado” produzido pelo falante ao pronunciar as consoantes oclusivas [t] e [d] é o resultado da realização fonética dessas consoantes como as africadas palato-alveolares [tʃ] e [dʒ].

Em Cagliari (2007, p. 38), “um som é africado quando ocorre uma oclusiva seguida de uma fricativa homorgânica, isto é, pronunciada no mesmo lugar de articulação da oclusiva”. Em português, os principais sons africados são [tʃ] e o [dʒ], que diferem apenas em vozeamento, surdo e sonoro, respectivamente, e são articuladas na região pós-alveolar. Ocorrem em certos dialetos, como o carioca, o mineiro, o baiano, e sempre são seguidos de [i] ou [ɪ] conforme consideração do autor.

Entretanto, nos dados do *corpus* de Lagoa da Pedra e Canabrava que estão sendo analisados são as ocorrências das consoantes oclusivas dentais /t/ e /d/

palatalizadas antes de outras vogais como [ã], [a], [ẽ], [o] e [u], contexto esse não esperado para ocorrência do processo de palatalização.

Como o processo de palatalização é um fenômeno assimilatório condicionado pela realização fonética da vogal alta anterior [i] antes de uma consoante ou, dito de outro modo, a assimilação do traço da vogal [i] por uma consoante, que aqui se restringe às oclusivas dentais /t/ e /d/. O questionamento que se levanta a partir dessa colocação é o seguinte: o que condiciona a palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ antes das vogais [ã], [a], [ẽ], [o], [u] nesse *corpus*? Como foi rejeitada a hipótese do [i] epentético, os contextos em que ocorreu esse fato serão analisados a seguir.

O ambiente que mais favoreceu a realização das consoantes [t] e [d] como africadas [tʃ] e [dʒ] antes das vogais [ã], [a], [ẽ], [o], [u] foi o contexto anterior a essas consoantes em que, na maioria dos casos, há presença de um glide [j] em decorrência de um ditongo na sílaba anterior. Consequentemente, os contextos referentes à posição das sílabas mostraram-se mais produtivo em sílabas mediais e finais.

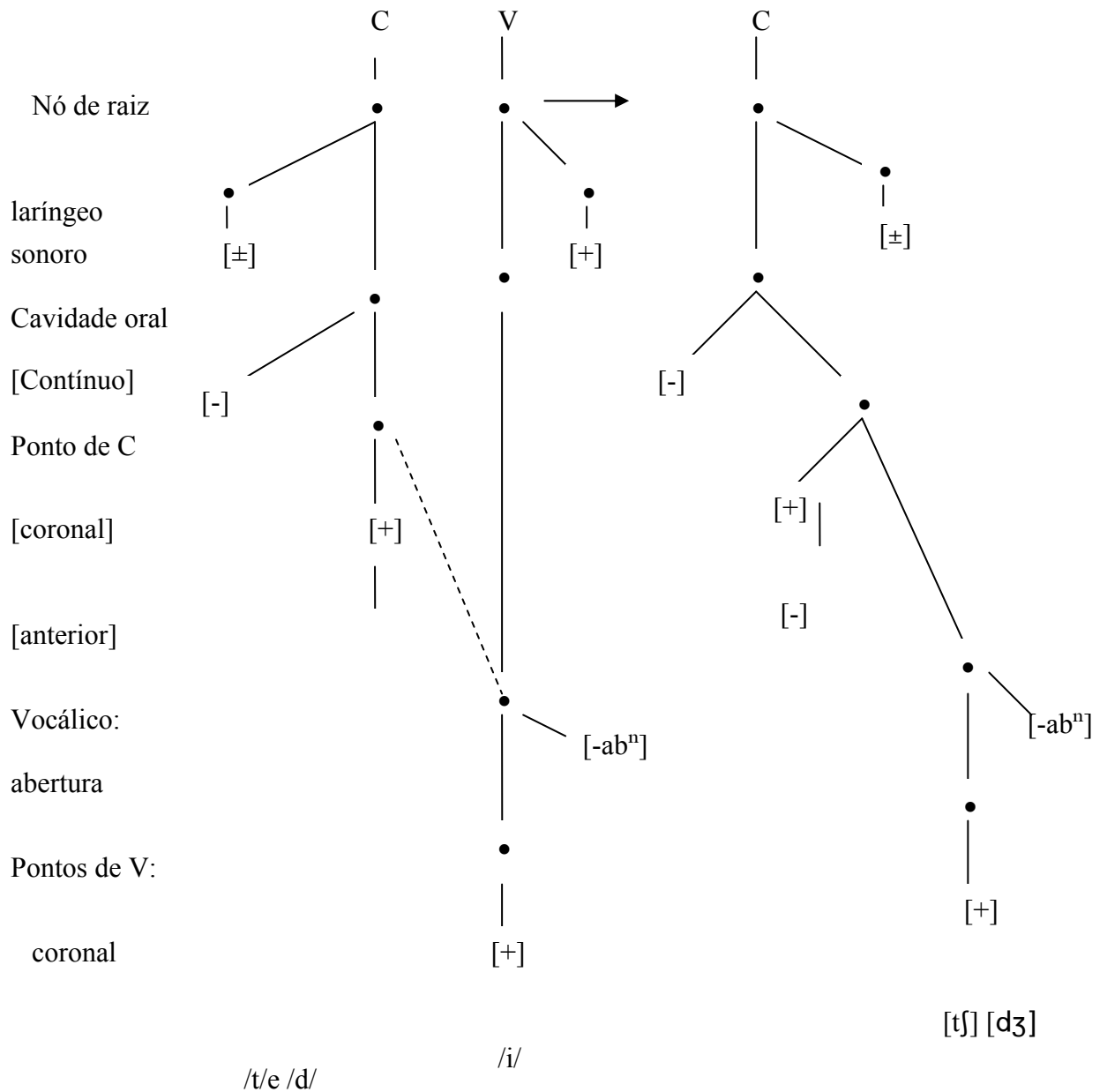
Pode-se argumentar aqui em favor de que a realização fonética da vogal alta [i] precedendo às consoantes oclusivas /t/ e /d/ motiva a palatalização dessas consoantes tanto quanto a sua realização posterior a elas. O mesmo processo de assimilação que ocorre com as oclusivas /t/ e /d/ antes da vogal [i], apresentado na seção 3.6, ocorre com [i] anterior às consoantes.

O traço coronal da vogal [i] é assimilado pelas consoantes, não importando se ele está antes ou depois delas. Esse tipo de assimilação é descrito por Dubois (2004), como um fenômeno de palatalização progressiva, pois o fonema assimilador está antes do fonema assimilado, [doj'dʒu], [dej'tʃo], [prefej'tʃu].

De acordo com a teoria da geometria de traços, o processo de palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ antes de [i] é entendido como um processo de assimilação regressiva, devido ao espraiamento de um traço [+coronal] que converte o traço [+anterior] das consoantes /t/, /d/ em [-anterior], motivando, então, a criação das coronais palatalizadas [tʃ], [dʒ], (BISOL e HORA, 1993). Esse processo é representado da seguinte maneira:

(44) Representação do processo de palatalização de /t/ e /d/ antes de [i]

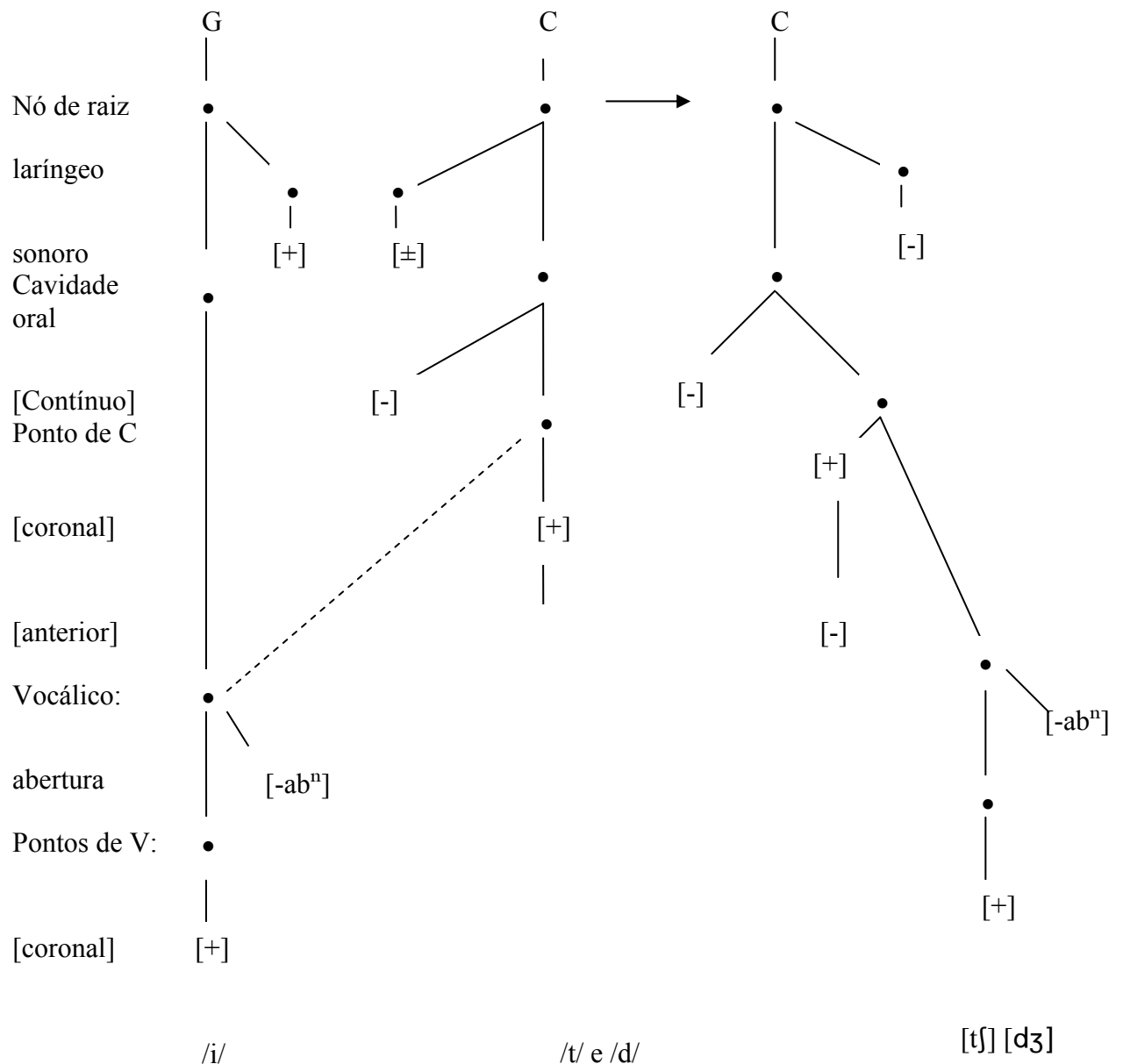
Fonte: Bisol e Hora (1993, p. 32)



Nessa representação arbórea do processo de palatalização, observa-se que o traço [+coronal] da vogal [i] espalha-se para a consoante /t/ ou /d/ que estão anteriores a ela. Porém, na assimilação progressiva pode-se, com base na figura (44), supor que o traço [+coronal] da vogal alta [i], que agora está antes das consoantes /t/ ou /d/, espalha-

se para frente, contagiando-as. Nesses termos, uma nova representação desse processo pode ser formulada da seguinte maneira:

(45) Representação do processo de palatalização de /t/ e /d/ após [j]



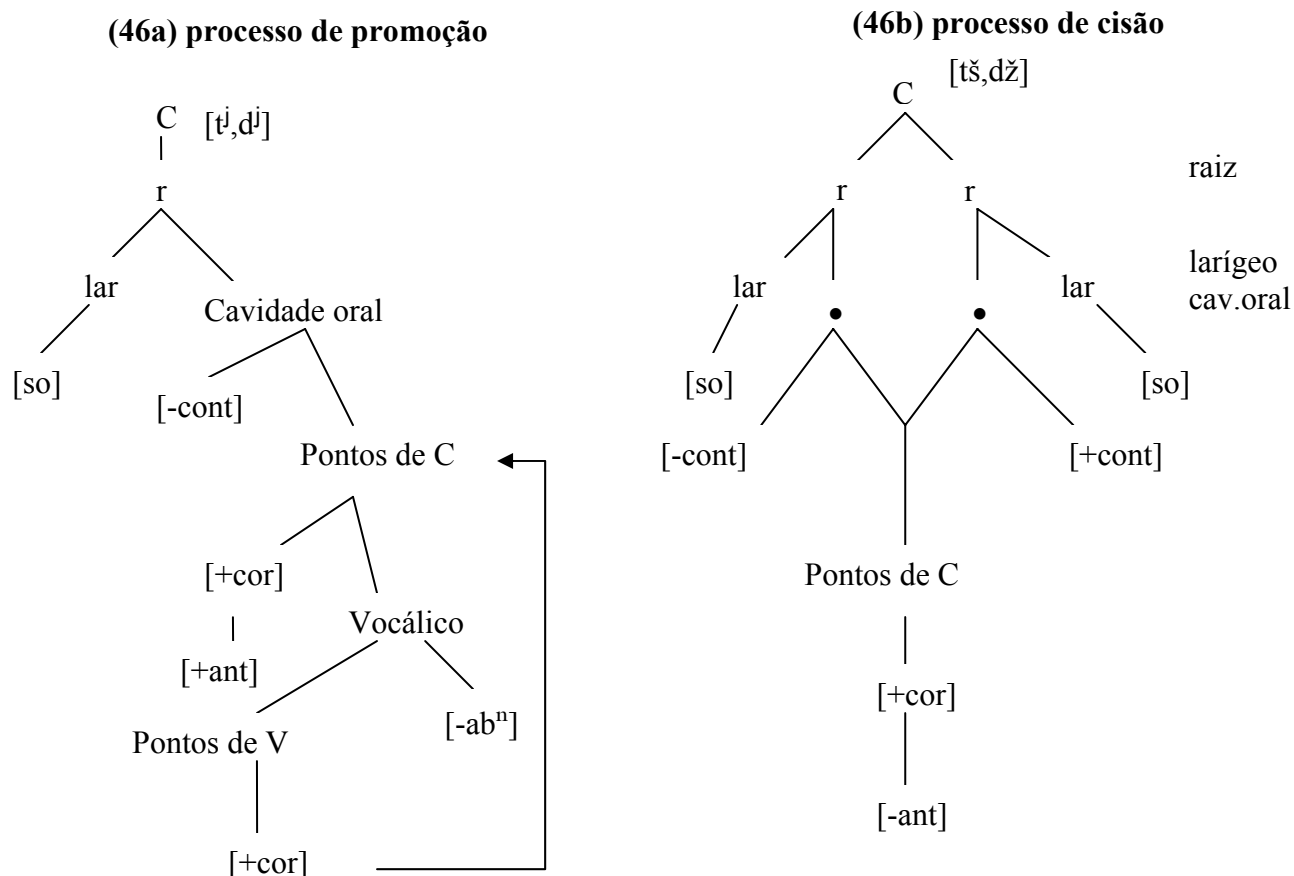
Nessa representação também o traço [+coronal] da vogal [i] converteu o traço [+anterior] das consoantes /t/ e /d/ em [-anterior], ocorrendo assim palatalização desses segmentos.

Considerando que a palatalização das oclusivas leva à mudança de uma consoante simples em uma complexa, visto que /t/ e /d/ ao receber o traço vocálico

[+coronal] de [i], muda o traço [+anterior] da consoante em [-anterior], essas consoantes passam a ser realizadas como consoantes africadas, em que /t/ muda-se para [tʃ] e /d/ para [dʒ].

Como já foi visto, essa mudança pode envolver dois estágios. O primeiro estágio refere-se à mudança das consoantes oclusivas simples /t/ e /d/ que se palatalizam antes de [i], por receber uma articulação secundária e por isso converte-se em um segmento com duas articulações, sendo uma articulação maior acima do Ponto Consoante - PC e uma articulação menor ou secundária, relacionada ao nó vocálico, como foi representado na figura (44).

No segundo estágio, ocorre a promoção do traço secundário, neste caso o traço [+coronal] da consoante, à articulação primária, acontecendo então uma bifurcação da consoante em duas raízes, criando assim as africadas [tʃ] e [dʒ] como mostra a figura a seguir:



Pode-se argumentar que é nesses dois processos que está a resposta para os questionamentos iniciais, em que se perguntava se era possível a palatalização das consoantes /t/ e /d/ antes de outras vogais, já que a literatura que trata do assunto é unânime em afirmar que, o que motivava a palatalização dessas consoantes é a presença da vogal [i] depois delas.

Na realidade, o processo de palatalização das consoantes oclusivas /t/ e /d/ não acontece antes de outras vogais. O que ocorre nos dados do *corpus* estudado é a palatalização dessas consoantes motivadas por um *glide* [j] anterior. Essas consoantes assimilam o traço coronal do *glide*, palatalizando-se, dando origem a segmentos complexos que, conseqüentemente, será realizada como consoantes africadas palato-alveolares [tʃ], [dʒ].

É o mesmo processo apresentado na figura (44) e (46ab), para o processo de assimilação regressiva, em que primeiro ocorre à mudança de uma consoante simples para uma complexa por receber uma articulação secundária e, em seguida, a ascensão desse traço secundário à articulação primária, separando as consoantes em duas raízes, criando assim as africadas [tʃ] e [dʒ].

O que difere os dois processos é a posição do gatilho, ou seja, o fonema que motiva o processo de palatalização. Na maioria dos dialetos brasileiros, é a realização da vogal alta [i] depois das consoantes /t/ e /d/. Ao passo que no *corpus* de Lagoa da Pedra e Canabrava, além desse processo comum de palatalização, ocorre também o que é motivado pela realização do glide [j] anterior às consoantes /t/ e /d/.

6.1 ANÁLISE DA INTERFERÊNCIA HISTÓRICA NA PALATALIZAÇÃO DE /t/ E /d/

A palatalização foi a inovação fonética do latim imperial que teve mais conseqüências importantes para o português atual, pois, em virtude desse processo muitas consoantes foram criadas e incorporadas à estrutura fonêmica do português (TEYSSIER, 2004).

Desse modo, os vocábulos encontrados no *corpus* estudado, em que ocorreu a palatalização de /t/ e /d/ antes das vogais [ã], [a], [ẽ], [o], [u], serão analisados na sua

forma mais antiga, no latim, comparando com sua forma ortográfica atual. A intenção é verificar se esse fenômeno que acontece nos dados Lagoa da Pedra e Canabrava tem fundamentação histórica na evolução dos fonemas em decorrência da transformação do latim para o português.

As palavras em latim apresentadas a abaixo foram extraídas do Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa de Antonio Geraldo da Cunha (2007), do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), da Gramática Histórica de Ismael de Lima Coutinho (1976) e da obra Formação Histórica da Língua Portuguesa de Francisco da Silveira Bueno (1958).

LATIM	PORTUGUÊS
facto > *feito	feito
profectum > profeyto	proveito
octo > oyto	oito
jacto > jeyto	jeito
implicita > implicita	empreita
multum > muyto	muito
respectare de respectus > respeyto	respeitar
luctare > luitar (arc.)	lutar
acceptus	aceitar
dejectare (lat. class.) dectare (lat. med.)	deitar
actum	eito
octoginto (la. class.) octaginta (lat. vul.)	oitenta
lecture	leitura
praefectus > prefectu > prefeyto	prefeito
praefectua > prefecture	prefeitura
satisfactus	satisfeito
electus	eleito
al-çaut (árabe)	açoite ~ açoita
derectus (lt. vul.) > dereyto, directus (lat. class.) > direyto	direito

Coutinho (1976) ressalta que constatar modificações ou quedas sofridas pelos fonemas na passagem do latim para o português, é fato de fácil verificação. Segundo ele, quando assim se exprime, não está utilizando linguagem técnica, pois, não é o som, mas os órgãos do aparelho fonador que se dispõe de outro modo para o emitirem. Cabe à fonética histórica dizer em que casos se dão essas modificações e quedas.

Por esse motivo, recorre-se à fonética histórica numa tentativa de esclarecer as modificações fonéticas ocorrida nos vocábulos apresentados no quadro acima em que

houve palatalização das consoantes /t/ e /d/ antes das vogais [ã], [a], [ẽ], [o] e [u], ambientes não esperados para acontecer esse processo no português brasileiro.

Os grupos consonantais impróprios, latinos ou românicos, *ct*, *lt*, *pt*, *bs*, *lc*, *lp*, *gn*, *gd*, quando, antes de vogal, em regra geral, aconteceu à vocalização da primeira consoante. Desse modo: *ct* > *ut* ou *it*: *actu* > *auto*, *lt* > *ut* ou *it*: *alt(e)ru* > *outro*, *pt* > *it* ou *ut* > *preceptu* por *praeceptu* > *preceito*, *bs* > *us*: *absentia* > *ausência*, *lc* > *uc*: *falce* > *fouce*, *lp* > *up*: *palpare* > *poupar*, *gn* > *in*: *regnu* > *reino*, *gn* > *nh*: *pugnu* > *punho*.

A consequência dessa vocalização foi a formação de vários ditongos, na evolução do latim para o português, pois no latim havia apenas quatro ditongos, a saber: *ae*, *oe*, *au*, *eu* (raro).

Em análise aos dados, pode-se constatar que, na grande maioria, são palavras que possuem um ditongo anterior às consoantes oclusivas /t/ e /d/. Comparando essas palavras com a sua forma anterior, no latim, observa-se que antes, no lugar da oclusiva /t/, havia um grupo consonantal *ct*, na maioria das ocorrências, *lt*, no caso da palavra *multum* > *muito* e *pt* em *accepto* > *aceito*. Nesses grupos consonantais, aconteceu a vocalização da primeira consoante, gerando vários ditongos para a língua portuguesa.

Para tanto, o grupo *ct*, Coutinho (1976, p. 124) apresenta a sua evolução da seguinte maneira: *ct* > *ut* ou *it*: *acto* > *auto*, *lacte* > *leite*, *biscocto* > *biscoito*, *nocte* > *noite*, *octo* > *oito*, *directu* > *direito*, *jactu* > *jeito*, *lectore* > *leitor*, *secta* > *seita*.

No que se refere ao grupo consonantal *lt*, ele teve idêntica transformação, ou seja, ocorreu a vocalização da primeira consoante em *u* ou *i*. Assim, *lt* > *ut* ou *it*: *alt(e)ru* > *outro*, *multu* > *muito*.

Conforme colocação de Silveira Bueno (1958), a vocalização da gutural ⁶*c* antes de *t*, não precedida de nasal, produziu normalmente o ditongo *ei* (*ey*), como em *feito* (*factum* > **faito* > *feito*), *eito* (*actum*), *peito* (*pectum*), e o ditongo *oi*, como em *noite* (*noctem*), *oito* (*octo*), apesar de que essa vocalização poderia dar-se em *u*, como em *noute*, *outubro*.

Contudo, antes de ocorrer a vocalização da primeira consoante do grupo consonantal *ct*, houve primeiro a palatalização desse grupo, ainda no latim, que também teve consequências importantes para as línguas românicas. Segundo Elia (1979), a palatalização deste grupo consonantal é uma característica fonética específica da

⁶ O termo *gutural* é utilizado por Silveira Bueno, enquanto que nos demais autores são utilizados o termo *velar* par a consoante *c*.

România Ocidental, visto que na România Oriental houve a assimilação ou mutação da consoante velar *c*. Assim, a palavra *nocte* em latim passa a *noite* em português, *noche* em espanhol, *nit* em catalão, *nuech* em provençal e *nuit* em francês.

Wartburg (*apud* ELIA, *op. cit*) refere-se à evolução do grupo *-ct-* na România Ocidental como sendo determinada pela influência longínqua de um ancestral celta. Essa evolução tinha como base comum a fricativização do *c*, representado pelos antigos como *khi* semelhante ao grego (χ), vocalizando, posteriormente, na palatal *i*. Sendo assim, essa evolução pode ser representada como: $ct > cht > it$.

Embora Maurer Jr. (1959) refere-se à influência do substrato celta para explicação da evolução do grupo consonantal *ct* nas línguas românicas Ocidentais, ele acredita que o ponto de partida dessa evolução deve-se a uma articulação imperfeita da consoante velar *c* na língua vulgar de Roma. Desse modo, as línguas do Ocidente pronunciavam *ct* como χt , que depois vocalizou o primeiro elemento em *i* (semivogal).

Não é o objetivo deste trabalho discutir essas hipóteses, pois não faz diferença para a análise em questão o que motivou a palatalização do grupo consonantal *ct* se foi uma articulação imperfeita ou a influência de um substrato, mas o que importa aqui é a evolução histórica desse grupo consonantal e as suas consequências para o português atual.

Para confirmar a hipótese que o [j] anterior à consoante dental /t/ e /d/ é a motivadora da palatalização dessas consoantes diante de outras vogais como apresentado aqui, buscou-se na fonética histórica as causas para esta palatalização ocorrida nos dados de Lagoa da Pedra e Canabrava.

Nesse breve esboço histórico evidencia que em uma época anterior, no latim, ocorreu a palatalização do grupo consonantal *ct*. Dessa palatalização veio ocorrer depois a vocalização da segunda consoante, no caso a velar *c*, em *y*, gerando assim muitos ditongos.

Portanto, considera-se que sempre houve um histórico de palatalização nesse contexto da consoante /t/ diante dos ditongos *ey*, *oy*, conservada na fala das pessoas mais velhas, analfabetas ou semi-analfabetas, moradoras de áreas rurais, que é o caso dos informantes da pesquisa em questão.

Afirma-se aqui que não é a simples presença da vogal alta [i] que motiva a palatalização da consoante dental /t/ e /d/, pois se assim o fosse, nas outras ocorrências da vogal [i] anterior a consoante dental /t/ e /d/, como nas palavras *isquisitu*, *muídu*,

fritu, sioritas, bunitu, ocorreria palatalização também da consoante. Porém, nesse caso não foi constatado nenhum fato dessa ocorrência. Mas, o que o estudo histórico indica é que essa palatalização é fruto da evolução do grupo consonantal *ct*, que gera, inicialmente, uma consoante africada que depois se vocaliza em *i*, formando vários ditongos na língua portuguesa: *ct > cht > it*.

No entanto, há casos de palavras que apresentaram a palatalização da consoante dental /t/ que não são de origem latina. Consequentemente, não tem origem no grupo consonantal *ct*, como *acoita* que provém do árabe *al-çaut* e a palatalização da consoante dental /d/ na palavra *doido* de origem controversa.

A palavra *al-çaut*, por ser de origem estrangeira, considerada empréstimo vocabular, ocorreu, inicialmente, uma adaptação ao sistema fônico do português, segundo tendência geral das línguas (CAMARA Jr., 1967), e passa a ser reproduzido como *açoite*, variando com a forma *açoute* pela troca da semivogal. Com o passar do tempo, prevalece à primeira forma. Em Houaiss (2001) elas são datadas do século XV.

Em relação à origem da palavra *doido*, ela é apresentada de origem controversa em Houaiss (*op cit*) e Cunha (2007). Porém, em Houaiss, supõe-se que ela procede do galego-português *doudo* (louco, alienado, demente) que deriva do anglo-saxão *dold > ing. dolt* (tolo, bobalhão).

Posto isso, pode-se afirmar que é por analogia aos vocábulos de origem latina que tem um [j] anterior à consoante /t/, fruto da evolução do grupo consonantal *ct*, o que leva essa consoante a palatalizar-se, que a palavra *açoita* é realizada como *açoitxa*.

Em compensação, a palavra *doido*, realizada como *doidzu*, por ser a consoante /d/ homorgânica a /t/, é afetada pelo mesmo fenômeno em ambiente idêntico, ou seja, com [j] anterior. Fato semelhante ao registrado no português brasileiro com a vogal [i] posterior às consoantes /t/ e /d/ como em *sadia* [se'dʒiə], *pretinho* [pre'tʃi].

Outro fato que escapa da influência da evolução do grupo consonantal *ct* é o caso da palavra *Txaduricu* [tʃedʊ'riɔ] *Teodorico*. O que parece é que a realização da palavra *Teodorico* como *Txaduricu* [tʃedʊ'riɔ] é consequência, primeiramente, do alçamento da vogal média /e/ que se realiza em [i]. Este [i] causa a palatalização da consoante /t/ e como resultado, a mudança da consoante oclusiva dental para a consoante africada [tʃ].

Ao analisar os fatores externos à língua que podem ter influenciado na ocorrência das consoantes africadas [tʃ] e [dʒ] em contexto não comum para o português brasileiro, mas encontrados no *corpus* de Lagoa da Pedra e Canabrava, considerou-se os fatores como idade, não escolaridade e procedência.

O fator idade demonstrou ser o mais produtivo, pois as pessoas mais velhas tendem a utilizar com mais frequência essas consoantes africadas em vez da consoante oclusiva dental. Porém, a procedência teve resultados surpreendentes, pois, os informantes que não saíram do lugar para viver em outro, por exemplo, em cidades circunvizinhas, tiveram alto índice de palatalização dessas consoantes, até mais do que pessoas com mais idade, que saíram da comunidade para viver em outro local por algum tempo. Em relação ao fator não escolaridade, acredita-se que está ligado ao fator idade, pois, os informantes mais velhos são os que menos frequentaram escola.

Por conseguinte, os fatores externos que condicionam a ocorrência das consoantes africadas [tʃ] e [dʒ] no *corpus* estudado podem ser atribuídos idade, a origem rural e a não escolaridade. Acredita-se que a história socioeconômica do lugar é também um fator muito importante a se considerar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou discussões referentes ao processo de palatalização que ocorre quando as consoantes oclusivas /t/ e /d/ estão em contato com a vogal alta anterior [i]. Na maioria das regiões brasileiras essa ocorrência é fato comum quando as consoantes estão antes dessa vogal. Entretanto, as discussões focalizaram, principalmente, a ocorrência desse mesmo processo quando as consoantes /t/ e /d/ estão antes de outras vogais como [ã], [a], [ẽ], [o] e [u].

Nesses dois contextos, as consoantes oclusivas /t/ e /d/ são realizadas como consoantes africadas [tʃ] e [dʒ], porém, no último, observa-se uma ocorrência não comum na língua portuguesa como decorrente de processo de palatalização.

Conforme a literatura consultada, o processo de palatalização ocorre quando uma consoante está antes de [i], e essa vogal por ser palatal, faz com que a consoante anterior a ela assimile essa articulação.

Em análise ao *corpus* de Lagoa da Pedra e Canabrava, constatou-se que nos dados em que ocorreu mudança de articulação das consoantes dentais /t/ e /d/ para as africadas [tʃ] e [dʒ] antes de outras vogais como [ã], [a], [ẽ], [o] e [u], há presença de um glide [j] antes dessas consoantes, em decorrência de um ditongo na sílaba anterior.

A partir dessa constatação, foi possível perceber que esse *glide* motiva a palatalização das consoantes, ocorrendo primeiramente a mudança de consoante simples para uma complexa, ao receber uma articulação secundária que é o traço coronal do *glide* [j]. Em seguida, a ascensão desse traço secundário para primário leva à realização das africadas [tʃ] e [dʒ], processo apresentado nas figuras (46a, b). Percebe-se também que é o mesmo processo que ocorre quando o [i] é realizado depois das consoantes citadas. Essa forma de palatalização é chamada de progressiva, pois o fonema assimilador está antes do assimilado, conforme consideração de Dubois (2004).

No que se refere à palatalização como um processo histórico, o estudo sobre o fato mostrou que é uma ação comum na língua desde o latim. Assim, considera-se esse processo como responsável por algumas mudanças na estrutura fonêmica do português em virtude de ter criado algumas consoantes e nela incorporado-as.

Para tanto, buscou-se fazer uma análise do processo de palatalização numa perspectiva histórica, em que foi realizada a verificação dos vocábulos que

apresentaram ocorrência da palatalização progressiva no *corpus* analisado, sua forma mais antiga, no latim, fazendo uma comparação com sua forma atual.

O intuito foi averiguar se há fundamentação histórica na evolução dos fonemas dos vocábulos analisados em consequência das mudanças ocorridas do latim ao português que justificasse tais fatos.

Com base nessa análise, constatou-se que, antes, no latim, no lugar de /t/, havia um grupo consonantal *ct* ou *lt*. Nesses grupos consonantais ocorreu a vocalização da primeira consoante, criando vários ditongos na língua portuguesa. No entanto, antes da vocalização, o grupo *ct* passou por um processo de palatalização, ainda no latim, que acabou deixando marcas nas línguas românicas (ELIA, 1979).

Portanto, considera-se que sempre houve um histórico de palatalização no contexto da consoante /t/ após os ditongos *ey*, *oy*, que ficou conservado na fala de pessoas mais velhas, não escolarizada, moradoras de áreas rurais.

Contudo, isso não quer dizer que é a simples presença da vogal alta [i] anterior às consoantes dentais /t/ e /d/ o motivo da ocorrência do processo de palatalização progressiva. O que o estudo histórico indica é que essa palatalização é fruto da evolução do grupo consonantal *ct*, que gera, inicialmente, uma consoante africada que depois se vocaliza em *i*. Essa evolução pode ser representada da seguinte maneira: *ct* > *cht* > *it*. Em contrapartida, a palatalização de /d/ explica-se por ser uma consoante com articulação similar a /t/, em outras palavras, são consoantes homorgânicas que sofrem os mesmos fenômenos em contextos idênticos.

Quanto aos fatores externos à língua que podem ter influenciado na ocorrência do processo de palatalização de /t/ e /d/ antes de vogais como [ã], [a], [ẽ], [o], [u], foram considerados a idade, não escolaridade e origem rural.

Pelo fato das pessoas mais velhas usarem com mais frequência as consoantes africadas [tʃ] e [dʒ] no lugar das dentais /t/ e /d/, o fator idade mostrou ser o mais produtivo. Todavia, os informantes que nunca saíram do local para viver em outro, apresentaram alto índice de realização das consoantes dentais como africadas, superando aqueles com mais idade, mas que se mudaram do lugar e conviveram em outras comunidades, na maioria, urbana que não apresenta essa variante linguística.

Em consideração ao fator idade, Faraco (2005, p. 23) afirma que “em situação de mudança, os elementos linguísticos inovadores ocorrem com frequência menor na fala das gerações mais velhas”. Desse modo, vale dizer que as consoantes

africadas [tʃ] e [dʒ] no *corpus* estudado são elementos linguísticos conservadores e não inovadores, por eles remeterem a fatos históricos da língua, por exemplo, o grupo consonantal *ct* (*fructus*), conseqüentemente, é esperado que sua ocorrência esteja ligada à geração mais velha da comunidade.

Em relação à variável escolaridade, observa-se que os informantes são quase todos não escolarizados, alguns possuem poucos conhecimentos das letras. Mas, mesmo aqueles que são alfabetizados, fazem uso da realização africana de [t] e [d] nos contextos já apresentados. Eles usam-nas com uma frequência menor, principalmente no início das entrevistas, mas que, no decorrer da conversa percebe-se que o nível de frequência aumenta gradativamente.

Acredita-se que essa baixa ocorrência no início das entrevistas é devido à consciência do estigma social que sofre essa variante lingüística, uma vez que no início o falante ainda não está totalmente envolvido na conversa. Dessa forma, ele se preocupa com o como falar, sendo possível encontrar na fala de um único informante, variações do tipo *muito*, *muitxo*, *muita*, *muitxa*, *luitá*, *luitxá*.

A história social e econômica das comunidades estudadas é um aspecto igualmente relevante a se considerar quando se fala em fatores externos que podem influenciar na ocorrência de certas variantes linguísticas.

De acordo com Lucchesi (2005), os dados sócio-históricos do Brasil legitimam a hipótese da relevância do contato entre línguas, principalmente, em relação aos segmentos afro-brasileiros, visto que a sua incorporação foi maciça no sistema de produção da Colônia e do Império. Considerando ainda que os escravos negros trazidos para este território foram conduzidos, na sua grande maioria, para o interior, supõe-se que a fala de comunidades rurais constituem lugares privilegiados de observação para se identificar possíveis influências do contato entre línguas na formação e evolução do português do Brasil.

Apesar disso, não se considera aqui que o uso de [tʃ] e [dʒ] em lugar de /t/ e /d/, nos contextos explorados, tenham influência de línguas africanas ou seja traço linguístico típico de comunidades negras. Ainda que, como foi constatada no item (1.1), a região em que se encontram essas comunidades possui uma presença marcante da cultura afrobrasileira, devido à utilização de mão-de-obra escrava negra no período de mineração, no século XIX.

Acredita-se que para fazer tal afirmação seria necessário pesquisar outras comunidades rurais negras, bem como outras rurais não-negras, visando um estudo comparativo direcionado para essa questão. Porém, fica como sugestão para um próximo trabalho.

Posto isso, é importante frisar que o referencial teórico sobre a formação sócio-histórica da língua portuguesa muito contribuiu para compreender de que forma a língua chegou e os contextos que contribuíram para o seu estabelecimento no Brasil. Desse modo, compreendeu-se que o português é o resultado do desenvolvimento do latim vulgar na Pensínsula Ibérica depois de um longo período de modificações e, posteriormente, transplantada para outros continentes em consequência da expansão marítima. Ao chegar ao Brasil já possui características fonológicas e sintáticas bem definidas, bem como o léxico, a ortografia e uma rica literatura.

Nos primeiros séculos de colonização, a língua portuguesa divide espaço com as línguas indígenas locais, as línguas gerais que se formaram a partir do contato dos portugueses e indígenas. Também, com outras línguas européias como o holandês, espanhol, francês, além das línguas africanas trazidas pelos escravos negros ainda no início da colonização.

Com a ação do Império, no século XVIII, representado pelo Marquês de Pombal, conjuntamente com a crescente população de falantes de língua portuguesa é que essa língua passa ser a mais falada no Brasil. Considerando o contexto linguístico e sócio-histórico do Brasil, esse revela que a língua portuguesa falada aqui foi se distanciando do europeu, adquirindo características próprias, tanto no aspecto fonético-fonológico como morfossintático. Dessa forma, ficou claro que as características do português brasileiro, não é o resultado somente da ação das forças genéticas, nem tampouco do contato entre línguas apenas, mas é o resultado da ação conjunta de ambos os fatores.

No que diz respeito ao constructo teórico sobre a estrutura silábica do português, vista pela teoria estruturalista, vale dizer que para uma sílaba ser completa deve conter um aclave, um ápice e um declive. O ápice será preenchido por uma vogal e o aclave e declive será por uma consoante. O tipo silábico predominante na língua portuguesa é a sílaba aberta, CV, e a sílaba fechada ou travada, CVC, não é um tipo muito recorrente na língua, por isso as consoantes que travam as sílabas são em número bem reduzido (/l/, /r/, /S/, /N/).

Em compensação, na teoria métrica, a sílaba do português tem uma estrutura binária representada pelos constituintes, ataque e rima. A rima também apresenta uma estrutura binária que se forma pelo núcleo e coda. O núcleo é o constituinte principal desta estrutura, preenchido sempre por uma vogal, enquanto que os outros serão preenchidos por consoantes, de acordo com as condições de boa formação da sílaba, no caso, as condições do ataque e a condição da coda.

A partir do princípio de formação da sílaba, discutiu-se o processo de epêntese. Esse processo é considerado um mecanismo de silabação, que atua tanto no nível léxico quanto pós-léxico, com função de ajustar estruturas silábicas consideradas mal formadas, fora do padrão CV, em estruturas bem formada dentro desse padrão tido como universal.

Não se pode deixar de registrar neste trabalho as considerações a respeito da evolução dos sistemas vocálico e consonantal do latim ao português. No sistema vocálico latino, a quantidade tinha função distintiva que criava um par opositivo de vogais breves e longas. Com a perda da quantidade como traço distintivo resulta na redução do número de vogais e o quadro que era de dez vogais passa a sete, quando tônica, ⁷cinco pretônica e três quando átonas finais. Sendo assim, considera-se que esse é o sistema vocálico que a língua portuguesa possuía quando chegou ao Brasil. Posteriormente, ocorrem outras alterações, proporcionando novos aspectos ao vocalismo português.

Quanto ao sistema consonantal, conserva-se do latim a série das oclusivas com três pares opositivos em surdas e sonoras, a saber, as labiais (/p, /b/), as anteriores ou ântero-lingual (/t, /d/) e as posteriores ou póstero-lingual⁸ (/k/, /g/). As constrictivas que eram apenas duas (/f/, /s/), aumentam e passa a constituir uma série idêntica às oclusivas com três pares de surdas e sonoras, porém, diferenciando nos pontos de articulação, (/f/, /v/, /s/, /z/, /š/-/ž/).

Às nasais mantem-se também as duas (/m/, /n/), acrescentando-se à anterior uma outra articulada no médio-palato, a nasal palatal /ɲ/. Do mesmo modo, uma consoante lateral palatal /ʎ/ passa a existir ao lado da lateral /l/. A consoante /r/ que era uma vibrante anterior mantém-se.

⁷ Ressaltando que em várias regiões do Brasil encontram-se sete pretônicas divergindo de outras o [ɛ] como em *elétrica*, *melancia* e o [ɔ] em *horário* e *oratório*.

⁸ Esses termos são de Câmara Jr. (1975), em outros autores podem ser encontrados para as anteriores (/t/, /d/) o termo dental e para as posteriores (/k/, /g/), velar.

Consequentemente, as consoantes que foram acrescentadas ao sistema consonantal português devem-se ao processo evolutivo ocorrido na língua em que tendências à lenização e à palatalização foram preponderantes para isso.

Com as discussões tecidas aqui, espera-se contribuir para ampliação do conhecimento da língua portuguesa numa perspectiva sincrônica, em que a língua é analisada como uma estrutura estática, sem questionar a papel da história. Assim também como numa perspectiva diacrônica, valorizando o aspecto temporal, em que a língua é vista como resultado de um longo processo evolutivo, que varia no espaço e muda com o tempo, alterando continuamente a sua configuração estrutural.

Sabe-se que estudos dessa natureza estão sendo desenvolvidos no Estado de Goiás com o projeto “A lingüística e a História da Colonização de Goiás”. Espera-se que este trabalho vem somar-se aos demais e também incentivar outros estudos dentro dessa perspectiva no Estado do Tocantins, pois, devido à falta de pesquisas muitos traços lingüísticos estão se perdendo com o passar dos tempos sem serem (re)conhecidos.

Espera-se contribuir também com os estudos que almejam compreender a formação lingüística do Brasil e a sua configuração sócio-lingüística que se constitui diferentemente nas comunidades de fala desse imenso país. Além de poder disponibilizar material para o mapeamento lingüístico brasileiro.

Para finalizar, resta uma última observação a respeito da situação sócio-econômica do lugar de pesquisa. Percebe-se que o governo municipal e estadual busca valorizar as manifestações culturais de raízes afrodescendentes como a Roda de São Gonçalo e a dança da Súcia. No entanto, esse interesse pouco se vê com relação à melhoria da vida dos quilombolas. Muitos jovens migram para cidades grandes em busca de oportunidades de emprego por não terem incentivos para se manterem na comunidade. Por isso, deixa-se uma alerta aos poderes públicos da necessidade de promoverem uma política auto-sustentável direcionada aos jovens quilombolas para que essas comunidades sejam preservadas e junto, a herança lingüística, histórica e cultural dessa gente.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. M., PAGOTTO, E. G. “Palatalização das oclusivas dentais no português do Brasil”. In: ABARRRE, B. M., RODRIGUES, A. C. S. (Orgs). *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

AMARAL, A. *O Dialeto Caipira*. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1976.

APOLINÁRIO, J. R. *Escravidão negra no Brasil colonial: vivência escravista em Arraias (1739-1800)*. 2. ed. Goiânia: Kelps 2007.

ARAÚJO, E. S. de. *Mãe África Pai Brasil*. Recife: Soler, 2008.

BAIOCCHI, M. de N. *Kalunga: povo da terra*. 2. ed. Goiânia: ed. da UFG, 2006.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático*. Trad. de Pedrinho A. Guareschi. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BELINE, R. “A variação lingüística”. In: FIORIN, J. L. (Org.). *Introdução à lingüística I*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

BISOL, L. *Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

_____. “A sílaba e seus constituintes”. In: NEVES, M. H. M. (Org.) *Gramática do Português Falado*, v. 7: Novos Estudos. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1999. p. 701-742.

BISOL, L.; HORA, D. da. “Palatalização da oclusiva dental e Fonologia lexical”. *Letras*, Santa Maria, n. 1, 1993.

BUENO, F. da S. *A formação histórica da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

CAGLIARI, L. C. *Elementos de Fonética do Português Brasileiro*. São Paulo: Paulistana, 2007.

CALLOU, D.; LEITE, Y. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 10. ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CAMARA JR., J. M. *Problemas de lingüística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1969.

_____. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

- _____. *Para o estudo da Fonêmica Portuguesa*. 2. ed., Petrópolis: Vozes, 2008.
- CARLOTA, F. et al. *Diversidade do Português do Brasil: Estudos de dialectologia rural e outros*. 2. ed. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.
- CASCUDO, L. da C. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 11. ed. São Paulo: Global, 2001.
- CASTILHO, A. T. de. “O português do Brasil”. In: ILARI, R. *Lingüística romântica*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- CHOMSKY, N., HALLE, M. “From The Sound Pattern of English: Phonetic and Phonological Representation (1968)”. In: GOLDSMITH, J. A. *Phonological Theory: The Essential Readings*. Malden: Blackwell Publishers, 1999.
- CLEMENTS, G. N. “The Geometry of Phonological Features (1985)”. In: GOLDSMITH, J. A. *Phonological Theory: The Essential Readings*. Malden: Blackwell Publishers, 1999.
- COLLISCHONN, G. “A epêntese vocálica no português do Sul do Brasil”. In: BISOL, L., BRESCANCINI, C. (Orgs.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- _____. “A sílaba em português”. In: BISOL, L. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- _____. “O acento em português”. In: BISOL, L. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- _____. “Proeminência acentual e estrutura silábica: seus efeitos em fenômenos do português brasileiro”. In: ARAÚJO, G. A. de. (Org.). *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola, 2007.
- COUTINHO, I. de L. *Gramática Histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- CRISTÓFARO, T. S. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- CUNHA, G. A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikom editora digital, 2007.
- DUBOIS, J. et al. *Dicionário de Lingüística*. 9. ed., São Paulo: Cultrix, 2004.
- DUTRA, E. de O. *A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ no município do Chuí, Rio grande do Sul*. Porto Alegre: PUCRS, 2007. Disponível em: http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1508. Acesso em: 24 fev. 2009.
- ELIA, S. *Preparação a Lingüística Românica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

FARACO, C. A. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2005.

GOLDSMITH, J. An Overview of Autosegmental Phonology (1976). In: _____. *Phonological Theory: The Essential Readings*. Malden: Blackwell Publishers, 1999. p. 137-161.

GUIMARAES, E. “A língua Portuguesa no Brasil”. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 57, n. 2, apr./june, 2005. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid.> Acesso em: 24 nov. 2008.

HOLANDA, A. B. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

HORA, D. “A palatalização das oclusivas dentais: uma abordagem não-linear”. *D.E.L.T.A.*, v. 9, n. 2, 1993.

_____. “Fricativas Coronais: análise variacionista”. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

HOUAISS, A. et al. *Dicionário Houaiss da língua portuguesas*. Rio de Janeiro: Objetivo, 2001.

ILARI, R. *Linguística romântica*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

ILARI, R.; BASSO, R. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2007.

LOBO, T. C. F. *Variantes Nacionais do Português: sobre a questão da definição do português do Brasil*. Disponível em: www.prohpor.ufba.br/variantes.html. Acesso em: 14 dez. 2008.

LOPES, E. *Fundamentos da linguística contemporânea*. 18. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

LUCCHESI, D. *Projeto Vertente do Português Rural do Estado da Bahia*. Universidade Federal da Bahia, 2005. Disponível em: www.vertentes.ufba.br. Acesso em: 15 mar. 2009.

MATTOS e SILVA, R. V. *Ensaio para uma sócio-histórica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.

MATTOS e SILVA, R. V. *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola, 2008.

MATZENAUER, C. L. Introdução à Teoria Fonológica. In: BISOL, L. *Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

MAURER, Jr. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Academica, 1959.

MONARETTO, V. N. O.; QUEDNAU, L. R.; HORA, D. da. “As consoantes do Português”. In: BISOL, L. *Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

NARO, A.; SCHERRE, M. M. P. *Origens do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.

NASCIMENTO, J. B. *Conhecendo o Tocantins: História e Geografia*. 4. ed. Goiânia: Gráfica Editorial Alternativa, 2006.

PAGOTTO, E. G. “Variedades do Português no Mundo e no Brasil”. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 57, n. 2, apr./june 2005. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid>. Acesso em: 15 jan. 2009.

RODRIGUES, A. D. *As outras línguas da colonização do Brasil*. 2002. Mimeo.

_____. As Línguas Gerais Sul-Americanas. *Papia* 4 (2) p. 6-18, 1996.

SAPIR, E. *A linguagem: introdução aos estudos da fala*. 2. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Lingüística Geral*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1970.

SELKIRK, E. O. “The Syllable (1982)”. In: GOLDSMITH, J. A. *Phonological Theory: The Essential Readings*. Malden: Blackwell Publishers, 1999.

SILVA NETO, S. da. *Introdução ao estudo da Língua Portuguesa no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

SOARES, M. JORNAL LABORATÓRIO SINGULAR. *Comunidade negras buscam inserção social*, 2006. Disponível em: www.ulbra.com.br. Acesso em: 24 fev. 2009.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1994.

_____. *Tempos Lingüísticos: Itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.

TEYSSIER, P. *História da Língua Portuguesa*. Trad. de Celso Cunha. 2. ed. São Paulo, Martins Fontes, 2004.

TELLES, M. O. da C. *Produção Camponesa em Lagoa da Pedra*. Brasília: UnB, 1977. Disponível em: www.vivaarraias.org.br/galeria_de_fotos_arraias.php?. Acesso em: 14 nov. 2008.

TODOROV, T.; DUCROT, O. *Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

ANEXOS

ANEXO I

Escolhas: léxico e expressões

As escolhas lexicais de uma comunidade de fala não são escolhas aleatórias, mas é, acima de tudo, uma das mais ricas manifestações cultural, pois é a partir do léxico que os falantes vão nomear seu mundo exterior e, por meio dele, expressar suas vivências como grupo social. Essa afirmação vai ao encontro às considerações de Faraco (2005, p. 42), o qual diz que “o léxico é um dos pontos em que mais claramente se percebe a intimidade das relações entre língua e cultura”.

É com esta visão que nesse anexo se propõe a estudar alguns vocábulos e expressões retirados das entrevistas realizadas com os moradores da comunidade quilombola de Lagoa da Pedra e do distrito de Canabrava, município de Arraias, no sudeste do Estado do Tocantins. O intuito é contribuir para reflexão e valorização do léxico de comunidades rurais para a ampliação do conhecimento da história e formação da língua portuguesa brasileira.

Assim também, como já referido, este trabalho inclui-se no projeto “A Linguística e a história de Colonização de Goiás”, o presente anexo tem por finalidade contribuir com itens lexicais e expressões que serão acrescentados ao material já coletado e analisado em outras localidades até 2008.

O município de Arraias tem como cenário histórico a exploração do ouro nos séculos XVIII e XIX, em que se utilizou a mão de obra escrava de africanos e seus descendentes nas minas auríferas da região. Devido a esse fato, há uma presença marcante de comunidades rurais consideradas remanescentes de quilombos, bem como a presença da cultura afrobrasileira através de eventos e rituais religiosos. Nesses rituais estão as marcas de um sincretismo religioso em que se misturam características da religiosidade herdadas dos colonizadores e a dos ancestrais africanos. Essas manifestações culturais são marcas identitárias do povo arraiano, que são preservadas com fervor e consideradas como patrimônio imaterial do lugar.

Os critérios estabelecidos para a coleta dos dados foram os mesmos da pesquisa no contexto geral, ou seja, os informantes são os moradores mais velhos, com idade entre 50 a 70 anos, não escolarizados ou com poucos conhecimentos da cultura letrada e que nasceram e foram criados nas comunidades acima citadas. Para seleção dos dados optou-se por vocábulos e expressões que apresentam um estranhamento inicial a outros falantes de comunidades urbanas ou às gerações mais jovens.

Por conseguinte, o estudo sob uma perspectiva etimológica, em que investiga as origens dos vocábulos e suas composições e numa perspectiva semântica, de elucidação de significados tanto, de acordo com dicionários especializados como, de acordo com os contextos linguísticos que esses mesmos vocábulos estão inseridos.

Quanto à análise das expressões, algumas foram encontradas dicionarizadas, com a mesma acepção utilizada nas entrevistas, contudo, a maioria foi analisada a partir dos vocábulos que as compõem, depois se juntou os significados numa tentativa de explicar e justificar o seu uso naquele contexto.

Como suporte teórico, serviu-se dos dicionários Houaiss da Língua Portuguesa (2001), o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa de Antônio Geraldo da Cunha (2007), Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2004), Dicionário do Folclore Brasileiro de Câmara Cascudo (2001), O Dialeto Caipira de Amadeu Amaral (1976).

Por motivo de organização, esse anexo está dividido em duas partes, a primeira expõe-se os vocábulos dispostos em ordem alfabética e logo abaixo de cada vocábulo está o contexto linguístico em que ele se encontra. Na segunda, reserva-se ao estudo das expressões disposta, assim como os vocábulos, em ordem alfabética, contendo também o trecho da entrevista em que elas inserem. O contexto linguístico apresenta-se em forma de citação direta, com o vocábulo ou expressão em estudo destacado em negrito.

A. Escolhas Lexicais

arrebação ~ arribação

Sr.: Meus pai, meu bisavô era paraibanu né, vêi de lá da Paraíba tomabanu de lá de Dianópi, vêi pa Taguatinga, de Taguatinga vêi pará qui nu Santiago né, ai dexô um bucadu dí **arrebação** grande, aí ondi eu sô dentu dessa **arrebação**...

O vocábulo *arrebação* não foi encontrado em nenhum dos dicionários citados. Tentou-se então o vocábulo *arribação*, esse se refere ao ato ou efeito de arribar, de chegar a alguma riba e, por extensão, tem-se a acepção de chegar a algum lugar, mas também tem acepção de deslocamento de animais. Refere-se ainda, no Amazonas, à época de vazantes em que as tartarugas põem seus ovos nas praias fluviais.

No contexto em que apresenta o vocábulo *arrebação*, ele tem acepção de descendentes, como filhos, netos e bisnetos. Pode-se argumentar que o informante, ao utilizar o vocábulo, tem em mente a última acepção relacionada à postura das tartarugas, estendendo-a a seres humanos.

Quanto à pronúncia, muda-se de *arribação* para *arrebação* devido à assimilação da altura da vogal [a], pois a altura da vogal [e] está mais próxima da vogal [a] do que o [i].

A origem etimológica do verbo *arribar*, de qual deriva o vocábulo *arribação*, provém do latim vulgar *arripere*, com a mesma acepção chegar à *riba*.

arrufava

Sr.: Ele criava um causã, muito bonzã quandu tá fora dela, mais quandu eli bibia, cumeçava a façanha, qualquer coisã ele **arrufava**, aí muitxus num guenta issu não...

O vocábulo *arrufava*, forma do pretérito imperfeito do indicativo do verbo *arrufar*, que significa tornar-se irritado, amuar-se, zangar-se, agastar-se. No contexto em que o falante apresenta o vocábulo *arrufava*, observam-se as mesmas acepções dos dicionários. A pessoa a qual o falante se refere irritava-se ou zangava-se por qualquer motivo.

A etimologia do vocábulo *arrufava* refere-se a *a-* + *rufo* + *ar*, sendo que *a-* é uma prótese, isto é, elemento fonético adicionado a uma palavra sem que esse lhe altere o sentido (AURÉLIO, 2004), *rufo*, a raiz, tendo várias possíveis etimologia e o sufixo *-ar* como desinência de infinitivo dos verbos com tema *a*.

Os dicionários apontam três origens diferentes para o vocábulo *rufo*, com acepções também diferentes como essa provinda do latim *rufus*, *a*, *um*, que significava vermelho, ruivo; outra de origem onomatopaica que significa som ou toque de tambor com batidas rápidas e sucessivas, bem como outra de origem inglesa *ruff* que quer dizer colarinho largo e redondo utilizado por homens e mulheres nos séculos XVI e XVII.

bidongu ~ bidongo

R.: é pur que vacinou no cupim

I.: ficô aquelis **bidongu** né?

O vocábulo *bidongo* não foi encontrado em nenhum dos dicionários acima citados. Contudo, é conhecida a existência dele na região, com a mesma acepção de caroço, tumor ou erupção cutânea, glândula, íngua. Conforme a fala da informante, ela se referia aos caroços que formam quando a vacina é aplicada no cupim do gado, que, segundo se acredita, é um lugar inadequado no animal para se aplicar vacinas.

bichadu ~ bichado

M.: (...) Quem num pagô u **bichadu** daqui, num sei qui data tá vincidu, us talãu...

I.: garantu qui ali foi ramu di istôpôru qui deu, pur quê eli quenti i a **bichada** devi sê fria né?

O vocábulo *bichado* significa algo que tem bicho (inseto ou verme); estragado por bicho, comida de bicho, bichoso, mas em sentido figurado pode significar alguém com a saúde estragada, velho, carcomido ou doente, e por extensão, na linguagem informal tem-se algo com defeito, estragado. Apresenta também a acepção de algo dito em voz baixa, cochichado, sussurrado, segundo o dicionário Houaiss (2004).

O vocábulo *bichado*, participio do verbo *bichar*, tem origem no latim vulgar *besta*, *ae* < *bestia*, *ae* ‘besta, bicho, animal’.

Em observação ao contexto linguístico em que aparece o vocábulo estudado, ele não oferece as acepções apresentadas pelo dicionário, mas refere-se a um termo que o falante esqueceu naquele momento, contudo, ele sabe que o interlocutor também sabe do que está se referindo e entenderá a substituição. Na primeira fala, o informante lembra a palavra que queria falar e acrescenta no fim da frase. Na segunda, a informante não se lembra, ficando a palavra subtendida pelo assunto que está sendo discutido.

briquitanu ~ briquitando

A.: “Eu tô aqui mĩa fia, **briquitanu**.”

O vocábulo *Briquitando*, gerúndio do verbo *briquitar*, tem acepção de passar o tempo, entreter-se, distrair-se, discutir, brigar, trabalhar pesado, pelejar, ocupar-se com coisas pequenas.

Ao analisar o contexto linguístico em que aparece esse vocábulo percebe-se que a informante está se referindo a *pelejar*, *lutar*. A origem etimológica desse verbo é considerada controvertida. Nascente (apud Houaiss, 2004) atribui a origem do verbo *briquitar* ao uso frequente do verbo *brincar* desnasalizado. Em Amaral (1976) há um questionamento se o verbo *briquitar* não viria do verbo *periclitar*.

cabrunhô ~ acabrunhou

S.: a energia dessi povu di pa trais, di antigamenti era muito forti, traba...você vê as pessoa véia...essi bisavô di Rui morreu véi, criô duas famia i, mais morreu véi trabaianu duru qui nem...morreu pur que tã qui...

R.: morrer mesmo né?

S.: é

P.: Sr. Balbino né? Sr. Balbino também é...

S.: Barbinu im vista eu achei qui **cabrunhô** sedu, sedu, eli é mais novu du que eu, num é muitxu mais é.

Esse vocábulo procede do verbo *acabrunhar* que quer dizer abater, afligir, prostrar, desalentar, desanimar. Devido ao processo de aférese, isto é, supressão de um fonema ou grupo de fonemas no começo da palavra (AURÉLIO, 2004), a pronúncia do vocábulo passa a *cabrunhar* com as mesmas acepções citadas anteriormente.

Conforme o contexto em que aparece o vocábulo, verifica-se que a informante se refere a uma pessoa mais nova que, no entanto, parece mais envelhecida, prostrada, abatida do que ela. A origem desse vocábulo é apresentada como controversa, contudo, Cunha (2007) sugere que provem do latim **carponeare* que tinha acepção de baixar a cabeça, conservar a cabeça baixa.

cacunda

M.: “ Pió, ela dissi qui mais ela já vĩa cuns mininu, só qu’eles num senta, fica in pé i a **cacunda** pra lá”

O vocábulo *cacunda* tem acepção de dorso ou costa, mas também pode ser corcunda (deformidade), consciência (tem vários pecados na cacunda). Em sentido figurado aquele que dá proteção, abrigo, refúgio, esconderijo.

No contexto linguístico, quando a informante diz *cacunda*, ela está se referindo a costa ou dorso. A origem etimológica de do vocábulo *cacunda* é atribuído ao termo quimbundo *kakunda* ‘corcova, giba’. Segundo Amaral (op. cit.), alguns estudiosos indica que o vocábulo *cacunda* é de origem africana, outros indicam que é simples corrupção de *corcunda*, passando antes por *carcunda*.

cacimbã ~ cacimbinha

B.: Ali im sessenta e treis a sessenta e quatu, eu morava lá, cavei, cumecei abri uma **cacimbã**, a água foi baxanu e eu acumpanhanu ela, acumpanhanu ela inté quando foi nas primeras’agua qui a chuva vêi já tava cum doze palmu de fundura, mais acompanhanu a água toda vida

Cacimbinha, diminutivo de *cacimba* que significa cova aberta em terreno úmido ou pantanoso, para recolher água presente no solo que nela se acumula por ressumação, buraco que se cava até atingir um lençol de água subterrâneo, poço, cisterna, escavação semelhante a um poço em local baixo e úmido ou em leito seco de rio onde a água do solo se acumula.

O uso de abrir cacimbas era muito comum na comunidade de pesquisa em períodos de seca, no passado, atualmente esse problema já foi sanado com a abertura de um poço artesiano. Nesses períodos os córregos que abasteciam a comunidade secavam-se e o único meio de conseguir água era por meio desses buracos abertos no leito seco dos riachos, ou em terrenos úmidos, denominados de *cacimbas*. A origem etimológica do vocábulo *cacimba* é atribuído ao termo quimbundo *kixima* que quer dizer ‘poço’.

chuculatêra ~ chocolateira

I.: indagora tô aqui contanu () mais tevi um dia Rui qui eu cacei...qui eu peguei a **chuculatêra** pur nu fogu pa fazê um café, a perna cansada qui eviã um tempu di chuva i u féjãu tava nu terreru...

Chocolateira é uma vasilha onde se prepara e/ou se serve a bebida feita com chocolate. Conforme dicionários consultados, a acepção se estende a uma vasilha de

folha-de-flandres usada para aquecer água, preparar café. É nesse contexto que está sendo utilizado o vocábulo *chocolateira* pela falante, como vasilha de preparar o café.

A origem etimológica do vocábulo *chocolateira* é atribuída ao castelhano *chocolatera*.

chotá ~ choutar

Sr.: Eu ainda **chotu** dois quilomu ainda pra qualquer pessoa vê, quando eu tava nu quartel eu **chotava** dois quilomu

[...]

P: o senhor falou assim que chotar é caminhar?

P: é caminhar

O vocábulo *choutar* quer dizer trotar (a cavalgada) a chouto, choutear, andar a chouto, caminhar vagarosamente. A sua etimologia é de origem controvertida, no entanto, Nascentes (apud Houaiss 2004) sugere o étimo latino *saltare* que quer dizer saltar, através de uma forma **soutar*.

Conforme o contexto em que aparece o vocábulo *choutar*, não se percebe, de imediato, qual acepção o informante está utilizando. Dessa forma, foi preciso perguntá-lo a que se referia ao utilizar esse termo, tendo, em seguida, o esclarecimento de que estava utilizando da acepção de *caminhar*, *andar a pé*.

cóiri

P.: que a senhora era pequena né?

S.: é, eu era muito piquininha, era nu **coiri** podi dizê.

O vocábulo *coiri*, embora não encontrado nos dicionários utilizados, percebe-se pela fala da informante que faz referência ao tempo que ela era ainda um bebê. É conhecido que, em épocas posteriores, eram feitas mantas para enrolar os bebês recém-nascidos, utilizando tecidos de algodão, flanela ou, dependendo das condições financeiras da família, lençóis velhos. Essa manta era chamada de *coiri*.

Por isso, acredita-se que esse vocábulo refere-se ao diminutivo de *cueiro*, com uma pronúncia diferente, mas com as mesmas acepções, já que esse vocábulo significa pano leve e macio usado para cobrir as nádegas e o aparelho genital das crianças de colo. Assim, retornando ao contexto linguístico em que se insere o vocábulo em questão, deduz-se que a informante quer dizer que ainda era recém-nascida, criança de colo.

A origem etimológica de *cueiro* está indicada como *cu* + *eiro*, em que *cu(l)*, provém do latim *culus*, *i* ‘anus’ e *eiro* sufixo formador de adjetivo e substantivo.

dicumê ~ de comer

Sr.: (risos) é, tem hora qui u povu admira “quem foi qui fez esse **dicumê**” i eu di peitu roxu ... (risos) i pur ai assim eu vô levanu u tempu.

A expressão *de comer* refere-se à comida, provisão de comida. Esse termo é encontrado em Amaral (1976) com essas acepções, o qual cita a seguinte frase como exemplo “eu ganho dois mi-réis i mais o de-cumê.”

O informante utiliza essa expressão com a acepção apresentada acima, com sentido de comida. Essa expressão é utilizada com frequência na região por falantes mais velhos, enquanto que o vocábulo *comida* é mais utilizado pelos mais jovens.

dicuada ~ decoada

O.: [...] Daqui lá in casa é oitu quilomu, agora ficava trianu né, uma base de quase um anu. Adipois fui botá ni casa aêa ficanu lá, eu danu as coisa, a dispesa tudĩ, mais ficava a minina trabaiaava danadamente ai, e nunca qui dava valô nela né? Aí eu falei esse negoçu num tá certu não, fui e comprei esse loti aqui i construi essa casa pa modi pudê tirá ela dessa **dicuada** [...].

O vocábulo *decoada* refere-se à água fervida com cinza usada na lavagem de tecidos ou água fervida com cinzas das fornalhas usada para livras de impurezas do caldo de cana nas caldeiras para que o açúcar fique mais forte, assim também pode ser o ato de coar ou filtrar a água fervida com cinzas.

É de conhecimento que as pessoas da área rural da região estudada utilizavam o processo da *decoada* para fazerem sabão, ao invés de usar a soda cáustica, sendo denominado como *sabão dicuada*. Como particípio feminino do verbo *decoar*, a origem etimológica vem do latim *decolare* que quer dizer saiu da peneira ou crivo, mas que, com sentido figurado tem significação de desaparecer e faltar.

No contexto linguístico em que aparece o vocábulo em questão, percebe-se que o informante relaciona o termo *decoada* com um momento de dificuldade, uma situação difícil, que, no caso, estava passando a sua filha.

discambá ~ descambar

Sr.: Lá nesse Conquista pa **discambá** pa saí ni Arraia tem uma serra, desse ladu a serra é cortada assim taiada cum’essa porta e desse ladu um degrau de grota, um

buracu, cê oia assim só inxerga musquitu, mosca, murcegu, chega tá azul, e agenti passanu beranu a serrona assim ...

O vocábulo *descambar* segundo dicionários consultados, apresenta as acepções de cair com toda força, desabar, despencar, tombar, declinar, descer, tomar determinada direção, ir, dentre outras. Sua origem etimológica está relacionada ao verbo *cambar* com as mesmas acepções, acrescido do prefixo *des*, do latim *dis*, com caráter pleonástico. Nesse caso, esse prefixo está funcionando como reforço da idéia do verbo *cambar*. Este verbo tem origem provável em uma raiz celta **kamb*, conforme Cunha (2007), com o conceito de curvo, arqueado, alternado, trocado.

Ao observar o contexto em que surgiu o vocábulo *descambar*, o informante utilizou-se da acepção de *descer*, uma vez que estando na fazenda Conquista tem-se que descer uma serra para chegar à cidade de Arraias.

imborná ~ embornal

[...] Na mĩa rocĩa onde eu moru
Fica muito longe daqui du arraiá
É pur issu qui eu arranjei as mĩa pracata de côru
E tombém meu cigarru de paia que já tá aqui nu **imborná** (...)

O vocábulo *embornal* significa saco que contém a comida das cavalgadas. O mesmo que *bornal* que quer dizer saco de pano ou couro utilizado para transporta provisões, ferramentas que, em geral, é utilizado a tiracolo. Sua etimologia é apresentada como obscura ou incerta pelos dicionários utilizados.

Ao verificar o contexto linguístico, o informante fez uso desse vocábulo com a acepção de *bornal*, que ele carrega consigo, servindo para levar seus pertences.

incoivará ~ encoivarar

D.: eu, nu tempu qui eu era minina meu mói era trabaiá, mia mãe mi botô pa trabaiá, era fiá i trabaiá na roça mais ela, **incoivará** tudu eu fiz, mixia cum farinha, cascá mandioca pa fazê farinha e tudu eu fazia, ai agora ela botô pa nois fazê tudu pa aprendê, né?

O vocábulo *encoivarar* é o mesmo que *coivarar*. *Coivarar* é reunir ou amontoar em pilhas, troncos ou galhos para atear fogo, fazer coivara. Coivara é a

quantidade de ramagens a que se põe fogo nas roçadas para desembaraçar o terreno e adubá-lo com as cinzas, facilitando a cultura, mas também significa *fogueira*.

Cunha (2007) registra *coivara* como uma técnica indígena ainda hoje empregada no interior do Brasil, que consiste em pôr fogo em restos de mato, troncos e galhos para a lavoura. A origem etimológica do vocábulo *coivara* é atribuída ao termo tupi *coibara*. Em Amaral (1976, p.118) encontra-se o termo tupi registrado como “co-ybá” referindo-se a mato seco, gravetos.

inrabichadu ~ enrabichado

B.: [...] dissi “minimu ocês óia a panela ai qu’eu vô na casa de Maria Duminga e eu volto nesta hora” é comu se diz eli era **inrabichadu** nela né, mais ela num gostava deli [...]

O vocábulo *enrabichado* tem a acepção de atado por rabicho, referindo-se a cabelo, diz-se de indivíduo que costuma andar agarrado em outra pessoa, mas também, em sentido figurado, pode ter as acepções de tomado de amor, apaixonado, enamorado. A etimologia do vocábulo *enrabichado* em Houaiss (2004) refere-se ao participio do verbo *enrabichar*, sendo a etimologia desse indicada como *em + rabicho + ar*. Cunha (2007) apresenta *enrabichar* e *enrabichado* como provindos do latim *rapum, i*, “nabo”.

Conforme o contexto linguístico em que o vocábulo *enrabichado* aparece, o informante faz uso dele com as acepções de apaixonado, enamorado ou relacionamento amoroso.

im riba, a riba

B.: é comu se diz eli era inrabichadu nela né, mais ela num gostava deli i quando eli chegô lá qui botô u pé pu ladu di dentu da porta assubiú essa lacraia de perna **a riba** e incaxô **im riba** da perna, ficô só aqui du quadri pu pé, lacraia, essa lacraia camiava qui ocê ficava particulá assim via u bixu camianu entri u coru e a carne e aí...

Nos dicionários consultados, *riba* significa a margem alta de rio, ribanceira, ribeira, arriba, parte mais elevada, cima. Assim, *em riba* e *a riba* é o mesmo que em cima, acima. No contexto linguístico, se substituir *de perna a riba* por *de perna acima* e *encaixou in riba da perna* por *encaixou em cima da perna* obtém-se a mesma idéia.

A origem etimológica de *riba* vem do latim *ripa, ae* ‘margem alta’ (em geral de rio), costa, litoral.

isgravatá ~ esgravatar ou esgaravatar

B.: [...] nesse tempu Arraia num tia hospitali, nessi tempu era farmáça né, farmáça cortô essi pé nu lugá ondi tava inchadu num viu nada só tã mermu u sangui, aqui mermu botei diversas pessoa pra **isgravatá**, era um trem qui tem dentu,nadia!

Conforme Houaiss, *esgravatar* é o mesmo que *esgaravatar*, que significa limpar com dedo, palito ou esgaravador (nariz, dente, ouvido). Possui também a acepção de fazer pesquisa ou investigação em torno de algo, inquirir, esmiuçar. O vocábulo *esgaravatar* é formado a partir do prefixo *es* + *garavato* + o sufixo *ar*. O prefixo *es* de origem latina *ex*, exprime movimento para fora, dentre outras. *Garavato*, por outro lado, origina-se do castelhano *garabato*, ‘gancho retorcido’. Corominas (*apud* Houaiss 2004) registra o vocábulo *garavato* como ‘pau com um gancho na ponta para colher frutas’ e *garaveto*, ‘pedaços de lenha miúda’. Segundo ele, esses vocábulos parecem ser derivados do asturiano e do dialeto Santader e provém dos termos *gárubu*, *garaba* ‘palito’, da mesma família pré-romana que *carba* ‘rama’.

De acordo com o contexto linguístico apresentado, o informante diz que mandou diversas pessoas *esgravatarem* seu pé que estava inchado, pois ele pensava que tinha alguma coisa dentro. Portanto, ele usou o termo *esgravatar* com o sentido de esmiuçar, procurar detalhadamente.

istôpôru ~ estupor

I.: [...] Quandu essa valcina qui eli valcinô num foi mais genti mininu, num foi mais genti. Eli foi rûim, rûim, duenti qui um dia essa mãu tava mió otru dia tava drumentu que num tã tatu na mãu. A perna, u pé drumeceu qui pisava assim Rui, qui pareci qui num era nem deli u pé.

R.: tava sintindo né?

I.: garantu qui ali foi ramu di **istôpôru** qui deu, pur quê eli quenti i a bichada devi sê fria, né?

Os dicionários consultados apresentam o vocábulo *estupor* que significa um estado em que, estando à consciência desperta, o doente não reage nem a perguntas, nem a estímulos externos, permanecendo imóvel numa só posição. Refere-se também, na fala popular brasileira, a qualquer paralisia repentina.

Acredita-se que é nessa acepção que a informante utilizou-se do vocábulo *estupor*, com uma pronúncia modificada. Observando o contexto linguístico, vê-se que ela refere a um estado de paralisia em decorrência de choque térmico, pois a pessoa a qual se refere estava trabalhando ao sol e tomou uma vacina que, segundo ela, estava gelada.

Existe uma crença popular local e regional, que, quando uma pessoa está em um ambiente quente, ou lidando com algo quente, caso venha, de imediato utilizar de algo frio, a pessoa vai *istoporar*, ou seja, vai ocorrer o *istoporu*, no caso, *estupor*. A etimologia desse vocábulo provém do latim *stupor -oris* que quer dizer entorpecimento.

furdunçu ~ furdunço

I. nossa! mais é, quandu cása mña fia! só si vê u **furdunçu** qui dá, sempi vem, a qui mora im Goiânia vêi casá aqui, a qui mora im Palmas tamém vêi casa aqui, [...]

O vocábulo *furdunço*, segundo os dicionários consultados, provém da fala popular brasileira, que quer dizer baile popular, estendendo-se a qualquer festa popular, movimento com barulho, algazarra, desordem. Tem origem etimológica controversa, contudo, em Houaiss (2004) considera o vocábulo *furdunço* de origem banta, do quicongo *ma-fulu* + *nguzu* que quer dizer *cólera* + *força*.

No contexto linguístico, a informante, quando utilizou do vocábulo *furdunço* ela se referia a *movimento com barulho, a festa*, pois tendo quatorze filhos, quando eles se reuniam todos na casa dela, o movimento de gente era tanto que acabava em festa.

inventiva

I. é pecadu, Deus num dexu nãu (risos) eu achu qui sim. Opera, né? É uma **inventiva** di pocu tempu pra cá porque num tãa issu, depois us medicu foi sabenu dimais, né? Deus fala, Deus tamém falô “faiz da sua parte qui eu ajudarei”, né?

O vocábulo *inventiva*, segundo dicionários analisados, quer dizer ato, processo ou efeito de inventar. É o mesmo que invenção, imaginação produtiva ou criadora, objeto ou coisa inventada.

Conforme o contexto, a informante utilizou desse vocábulo com as acepções já referidas. Na sua fala ela fazer referência à cirurgia de laqueadura das trompas como

método contraceptivo, muito utilizado na atualidade, e que, na sua época não era tão comum, por isso ela afirma que é uma inventiva de pouco tempo.

O vocábulo *inventiva* é um substantivo feminino formado a partir do adjetivo masculino *inventivo* que, segundo Cunha (2007), provém do francês *inventif*.

livusia

M. num era cachorru nãu, num sei qui diachu qui era nãu, sempi tem issu nessa istrada, sempi tem essa **livusia** rüim nessa istrada

P. o senhor ficou com medo?

M. eu?

O vocábulo *livusia* aparece registrado apenas em Câmara Cascudo (2001) como sendo assombração acompanhada de barulho e ventania.

No contexto linguístico em que aparece esse vocábulo, o informante o utiliza referindo-se a uma assombração de um cachorro preto que, segundo crença na comunidade, aparecem para algumas pessoas com forma e tamanho variado, na estrada que dá acesso ao distrito de Canabrava, em período de Semana Santa.

Na comunidade quilombola de Lagoa da Pedra, os moradores mais velhos de lá afirmam que, ou já viram a tal assombração ou tem um parentes que viram. Essa *luvisia* é lendária na comunidade.

mĩrréis ~ mil réis

M.: [...] e as coisa sïora pa modi a genti adiquiri as coisa naqueli tempu era difiçu, era trocadu, dïêru era difiçu, num era tudo qui pegava, dïêru igistia aquelas nicrĩa, era que... u cara saia pa compra qualquer coisa, paricia qui aquelas nicrĩa dava dois, treis **mĩrréis**, quatu, pa modi comprá aquelas coisa né [...]

Réis é o plural de *real*, antiga unidade do sistema monetário que circulava em Portugal e Brasil, em que as cédulas eram múltiplas e as moedas frações de mil réis. Sua origem remonta ao latim *regalis*, relativo ao rei, digno de rei.

No contexto linguístico, o informante refere-se às moedas de níquel (nicrĩa) com valores entre dois a quatro mil réis (mĩrréis), utilizando da acepção mencionada pelo dicionário.

A expressão *mĩrréis* é ainda utilizada por pessoas com mais idade em contexto rural referindo-se a dinheiro, mesmo tendo havido várias mudanças no sistema monetário brasileiro nos últimos cinquenta anos.

mulambu ~ molambo

I. “Ai meu Deus aquela povu ta queimandu **mulambu!**”...é difiçu, é difiçu atulerar cachaça, a genti atulera porque num tem jeitu mermu mais e tristi.

O vocábulo *molambo* significa pedaço de pano velho, roto e sujo, farrapo, roupa velha, mas também pode, com outra conotação, referir-se a indivíduo sem força moral, firmeza ou determinação. No contexto linguístico em que aparece o vocábulo acima citado, a informante, ao utilizá-lo, está se referindo a tecido velho, que, no momento da entrevista, os vizinhos estavam queimando.

A origem etimológica do vocábulo *molambo* provém do quimbundo *mulambo* que significava pano que é atado entre as pernas.

pindida ~ pendida

B.: [...] ai vïemu três, us otu ficarum lá. Vïemu us três, quandu chegô bem na **pindida** nessa istrada ai, eu morava cá mais imbaxu e u otu mais im riba um tiquim, [...]

O vocábulo *pendida*, pode ser o particípio feminino do verbo *pender* que tem sentido de estar pendurado ou suspenso, estar ou ficar em posição inclinada, inclinar-se, descair, ter tendência, propensão, preferência e outras acepções registradas em cada dicionário acima citado. Analisando o contexto linguístico em que está o vocábulo *pendida*, observa-se que ele funciona como um substantivo, o qual nomeia um ponto na estrada, formado a partir da noção de inclinar-se, virar para outra posição. Assim, *pendida* refere-se há um local em que se pende, inclina-se, ou seja, em qualquer estrada reta existem entradas tanto para a direita quanto para a esquerda, os chamados entroncamentos, junções, que, dependendo para onde vai o transeunte, penderá para um dos lados.

A etimologia do verbo *pender*, conforme dicionários consultados, vem do latim *pendere* com as mesmas acepções que atualmente se encontra dicionarizado.

pêrca

R. ela teve quinze

Sra.: dizesseis, quinzi tá vivu num tá? Qui ela dissi qui tevi uma **pêrca**.

Encontra-se na fala popular brasileira referindo-se a perda, prejuízo, dano, conforme os dicionários analisados. Porém, o contexto linguístico apresenta o vocábulo com sentido específico de aborto, mas não qualquer tipo de aborto, refere-se àquele que a mulher grávida perde o seu feto por motivos alheio a sua vontade, em outras palavras, uma perda de um filho ainda no período da gestação.

O vocábulo *perca* encontra-se registrado com a acepção de aborto em Ferreira et al (1994) em estudo sobre diferenças lexicais em Sergipe e Bahia. Como ele deriva do verbo *perder*, a sua etimologia se remete a esse verbo, que vem do latim *perdere*.

perrengui ~ perrengue

J. Agora tô mêi **perrengui** mais tô lutanu, vô vê si caçu jeitu di umenu passá um cimentu imbaxu...

Perrengue quer dizer aquele que é frouxo, pusilânime, covarde, lerdo, desalentado, teimoso, birrento, imprestável, ruim. Pode-se referir também a uma situação difícil, aperto. Observando o contexto linguístico em que aparece o vocábulo *perrengue*, percebe-se que o informante refere ao seu estado de saúde. Assim, quando ele diz que está meio perrengue ele quer dizer que não está bem de saúde, ou seja, está adoentado.

Quanto à etimologia do vocábulo *perrengue*, é considerado um empréstimo do espanhol, do verbo *perrenguear* que quer dizer comportar-se como perrengue, como covarde, sentir-se adoentado ou fragilizado.

pifanu ~ pifando

B.: [...] aqui mermu eu têu um ôi d'aguia perti de casa aí quandu é nas'agua água corri aí di cabeça abaxu na hora qui dá pru mêis de junhu i julhu im diante vai **pifanu**, vai **pifanu** até secá [...]

O vocábulo *pifando*, gerúndio do verbo *pifar*, tem acepções de beber em demasia, furtar, roubar. Contudo, segundo dicionários consultados, na fala popular brasileira significa falhar, gorar, bem como sofrer avaria, deixar de funcionar, quebrar, morrer.

Conforme o contexto em que ocorreu o vocábulo, percebe-se que o sentido empregado pelo falante é de algo que está morrendo, no sentido de acabar, secar aos poucos até extinguir completamente. A origem etimológica indicada pelos dicionários é que esse vocábulo é de origem obscura.

rongozim ~ rongozinho

J. era assim mermu, tã até um bandu di casa, toda vida e essi **rongozim**, agora qui aumentô um pocu di casa pra li, aumentô deiz, pra qui aumentô deiz, mais toda vida é assim mermu, us mais vêi morreu tudu, cabô.

O vocábulo *rongozinho* supõe-se ser o diminutivo de *rongó* que aparece no dicionário Houaiss (op cit.), indicando ser um vocábulo que faz parte da fala popular do estado de Pernambuco e significa *meretriz*.

No entanto, se o falante conhece essa acepção do vocábulo *rongó*, não foi com essa acepção que ele utilizou-o em sua fala. Pelo contexto linguístico é percebido que ele está se referindo ao povoado em que mora. Sendo assim, *Rongozim*, segundo acepção do informante, é um lugar pequeno, com poucas casas, pouco desenvolvido.

solava

M.: Eu fui a noiti, **solava** daqui pra Cana Braba nesse tempu né agente era um bandu de genti era ... até hoje tem, mas'oje tem graças a Deus né tem grupu ni tudu cum té fazenda, podi faltá u professô, mais u grupi num falta, agora miorô bem...

Vocábulo *solava* do verbo *solar*, refere-se a pôr sola em sapatos. O termo *sola*, por sua vez, significa a parte mais dura e resistente do calçado, correspondente à planta do pé e feita geralmente de couro ou borracha, mas também, por metonímia, indica parte do pé que assenta no chão, planta do pé.

Houaiss (2004) atribui a etimologia desse vocábulo ao *latim vulgar sola* (*latim clássico solea, ae, i.*) que significava sandália, ferradura, ou casco dos animais de carga e espécies de assoalho.

Assim, no contexto em que apresenta o vocábulo *solava*, a informante quer dizer que andava a pé do lugar onde mora até o povoado próximo para freqüenta a escola. Dessa forma, aproxima da acepção *sola* do pé, colocar a planta do pé no chão.

tapera

B.: [...] a **tapera** do seu pai tá disocupada, a **tapera** do seu pai tá disocupada, fiquei lá, cum dizesseti anu de moradia já tã mais sirviçu du que aqui e é tudu graça a Deus tava uma vidinha até controlada.

Em Houaiss (op. cit), Aurélio (2001) e Cunha, o vocábulo *tapera* significa aldeamento ou povoação abandonada, residência ou fazenda em ruínas, tomada pelo mato, qualquer local destruído, de mau aspecto.

O informante refere-se a *tapera* como uma residência abandonada, não ficando claro se essa residência está em ruínas ou não. De acordo com os dicionários citados, o vocábulo *tapera* tem sua origem etimológica no *tupi ta'pera*, aldeia indígena abandonada, habitação em ruínas (tawa 'taba' + pwerá 'que foi').

tibungá ~ tibungar

B.: Lá nesse Conquista pa discambá pa saí ni Arraia tem uma serra, desse ladu a serra é cortada assim taiada cum'essa porta e desse ladu um degrau de grotá, um buracu, cê oia assim só inxerga musquitu, mosca, murcegu, chega tá azul, e agenti passanu beranu a serrona assim ... se iscapuli () **tibugá** ... aí hum! já era!

O vocábulo *tibungar* indica a ação de cair na água, mergulhar. A origem etimologia desse vocábulo, segundo os dicionários consultados, é onomatopaica, criado a partir do som produzido quando um corpo cai na água. Provém de *tibum* ou *tibungo*.

Essa acepção apresentada pelo dicionário, provavelmente é conhecida pelo falante, pois ele a utiliza com um sentido mais abrangente, referindo-se a ação de cair com aspecto de um mergulho, que não necessariamente seja cair na água, como mostra no contexto em que o informante utiliza o vocábulo *tibungar* como sentido cair no abismo e não em água.

traquei ~ atraquei

O.: essis daqui é vinti, tudu cerdu di piqui u mermu dessi aqui, essi aqui é maderá seca, aí aqui eu fiz, **traquei** mas'eli até u caroçu, essi achu qui essi é pau Craiba, mais nu tevi parada não, essi aqui pa paçoca, pa pilá a paçoca pa poca pessoa, duas pessoa é só torrâ a carni vai qu'ela ó, vê si num tem u machucadô dela ai dentu?

O vocábulo *atraquei*, pretérito perfeito do verbo *atracar*, tem acepções de encostar ou amarrar uma embarcação, bem como aproximar-se o homem da mulher para conversas amorosas. Refere-se também à luta corporal, a engalfinhar-se e agarrar-se.

Ao examinar o contexto em que aparece o vocábulo *traquei*, percebe-se que o informante utiliza-o com sentido de lutar corporal, de agarrar-se firme a um propósito e ir até o fim, dando a entender que a madeira seca, a qual utilizou para fazer o objeto que estava mostrando no momento fala era resistente, por isso precisou ser forte, determinado para fazer tal coisa.

B. Escolhas de Expressões

abri fora

Sr.: Não mĩa fia, fiquei cum a casa chêa di filhu e falei não, eu falei assim “eu vô cuidá dus bixim”, porque morreu a mãe mais u pai tá vivu, eu num vô **abri fora** dus meus filhu não, qui tem genti qui as vês a patroa, falta a patroa elis perdi u amô dus filhu, né?

Percebe-se que a expressão *abrir fora* é o mesmo que *cair fora*, a qual está dicionarizada com a acepção de fugir. Analisando o contexto linguístico em que está inserida a referida expressão, ver-se que o falante utiliza-se dessa acepção para indicar que não fugiria ou abandonaria seus filhos após a morte da sua esposa.

barreu u sintidu

O.: Assim quandu eu tava sadii, as vês eu lembru, lembru d'algumas coisa du passadu, mais depois qui duici, isquici, fiquei isquicidu **barreu u sintidu** assim um bandu mesmu, [...]

O verbo barrer, o mesmo que *varrer*, indica o ato de limpar com vassouras, principalmente o solo ou o soalho de um determinado local, num sentido literal do termo. Num sentido mais amplo, este verbo também indica a ação de desaparecer, desvanecer, apagar, bem como esgotar e limpar, dentre outras.

No contexto em que aparece o verbo *varrer* (barrer), o informante associa-o ao vocábulo *sentido* com acepção de mente, consciência, memória e forma a expressão *barreu o sentido* com uma conotação muito interessante, expressando a ação de esquecimento. Isto indica que o verbo *varrer* está sendo utilizado com as acepções de limpar, apagar. Neste caso, a expressão *barreu o sentido* indica que o informante perdeu ou está perdendo as lembranças que foram sendo acumuladas no decorrer da sua vida, como ele mesmo afirma no trecho acima, que depois que adoeceu muitas coisas do passado ele não lembra mais.

“braçu aêiu num é trabissêru i nem casa aêa, morada” ~ braço alheio não é travesseiro e nem casa alheia morada.

J. [...] É um dizê dus antigu qui **“braçu aêiu num é trabissêru i nem casa aêa morada”** é uma verdade, aí eu dissí “ainda bem qui você tá intendenu”, ela dissí “tô”. U certu é sua barraca mermu i eu ó vim mimbora.

Antes de dizer a expressão *braço alheio não é travesseiro e nem casa alheia morada*, o informante deixa claro que é um provérbio ou dito popular quando afirma que *é um dizer dos antigos*, ou seja, uma expressão cristalizada.

Ao fazer uma relação entre braço e travesseiro, entende-se que muitas pessoas, ao receber a ajuda de outras se acomodam. Na segunda parte, *nem casa alheia morada*, quer dizer que não se deve fazer da casa dos outros sua moradia, ter certas liberdades que não convém ou também pode se referir àquelas pessoas que fazem visitas demoradas nas casas de outras, atrapalhando os donos da casa a manter sua rotina. Acredita-se que seja nesse sentido que a expressão é apresentada no contexto acima.

caçanu cunvessa ~ caçando conversa

D.: [...] Meu pai, mia mãe meus filhu, meus irmão, qui sempí tem aquelas coisa di brigá uns cuns otu, né? I eu não, tudu é na amizadi, mas’eu é dessi jeitu tem genti qui chega **caçanu cunvessa** cumigu eu mandu pará cum aquilu i num apavoru não, num adianta issu, é... é rüim pra genti.

A expressão *caçando conversa*, o verbo caçar indica buscar, procurar. O vocábulo *conversa* não está sendo utilizado com o sentido de falar, discorrer, discutir, ou seja, com o sentido de conversação. Nessa expressão ela tem acepção de confusão, briga, intriga, desavença. Assim, a expressão *caçando conversa* indica procurando confusão ou briga.

cantiga di grilu ~ cantiga de grilo

M.: [...] tem três construção e a água num falta né purque quem tá trabaianu pedreru num que ficá paradu né, é iguali a **cantiga di grilu** qué vê a massa toda hora, tem três, us bebedô dus gadu, fora a água pa dentu di casa (...)

Grilo, neste contexto, refere-se aos insetos ortópteros da família dos grilídeos e, geralmente, possuem coloração escura. Eles são conhecidos por produzirem um som por meio de um aparelho musical formado pelas nervuras das asas anteriores dos machos (HOUAISS, 2001).

A expressão *cantiga de grilo* refere-se a algo ininterrupto, fazendo alusão ao som produzido pelos grilos que é um canto estridente que pode durar horas a fio. Assim, quando algo é comparado à cantiga de grilo, quer dizer que é uma coisa contínua, incessante.

coisa du ronca

V.: [...] até hoji eu num usu essas coisa nãu, calcã, ar minina fala é muitxu “a mãe, **coisa de du ronca**”, pode dexá **coisa du ronca** mermu, (...)

O vocábulo *ronca* encontra-se dicionarizado referindo-se a roncadura, que quer dizer ato ou efeito de roncar. Refere-se também a bordão de gaita de foles, bem como a instrumento de pesca, além de arma de guerra.

No entanto, não se percebe nenhuma dessas acepções quando se observa o vocábulo no contexto linguístico apresentado acima. Porém, a expressão *coisa do ronca* é conhecida na região referindo-se a algo antigo, arcaico, fora de moda. Quando a informante utiliza essa expressão, ela se refere a um tipo de roupa íntima usada pelas mulheres no passado, e que ela prefere continuar a usar, não se adaptando aos tipos utilizados na atualidade. Assim, é criticada pelas filhas por preferir essa roupa fora de moda, coisa antiga, ou seja, coisa do ronca.

dentu da imbolada ~ dentro da embolada

M.: [...] mais é casado cum um primu dela, só quem trabaia ali qui num é di **dentu da imbolada** é aquele moçu morrenu que'eu num sei o nome dele, o fii di () cume qui chama?

O vocábulo *embolada*, participio feminino do verbo *embolar* que, entre tantas acepções, apresenta a que refere-se a reduzir a bolo, enrolar, emaranhar, envolver-se formando como que um bolo.

A expressão *dentro da embolada* é utilizada pela informante para se referir a um grupo de pessoas privilegiadas que fazem parte de uma mesma família. Acredita-se que é uma associação entre o verbo *embolar*, o qual indica algo como está enrolado, embolado, com o que representa a família, pois, de certa forma, ela é um grupo fechado, em que participa apenas aqueles que mantêm algum tipo de laços de parentescos. Assim, a expressão *dentro da embolada* pode ser entendida como *daquela família, daquele grupo*.

in regra dus fracu ~ em regra dos fracos

M.: Graças a Deus **in regra dus fracu**, nois fumu criadu numa vida até boa, chuvia mais qui agora (...)

A informante utilizou-se dessa expressão *em regra dos fracos* referindo-se ao modo de vida de pessoas de poucas posses, de baixo poder aquisitivo, pobres. Assim, com essa expressão ela quer dizer que apesar de serem de famílias pobres, tiveram uma vida sem muitos problemas, foram criados até bem, pois tinha mais chuva, a qual possibilita as pessoas a cultivarem a terra e com isto proverem seus sustentos.

intindi pur genti

B.: [...] eu cūinci issu aqui quando eu **intindi pur genti**, minimu nu meu intidimentu só tīa quatu moradô, era meu avô Viturinu cuns fii, u restu era tudu matu, morrera, pedrera, onça, onça via pegá a criação nu terreru assim, num tīa nada pa ispanotá elas né.

A expressão *entender-se por gente*, segundo o dicionário Aurélio (2004), refere-se à fase da vida da criança em que ela começa a ter percepção das coisas, do mundo, da vida que a cerca.

No contexto em que a expressão aparece, tem-se a mesma acepção do dicionário acima citado. Assim, quando o informante diz *quando eu entendi por gente*, ele quer dizer que foi a partir do momento que começou a ter consciência do mundo ao seu redor, a compreender as coisas, na infância.

fazê sintinela ~ fazer sentinela

Sr.: Ota vêis morreu um rapaiz na Bertioga e eu tava pa Arraia, passei lá já ditardizã e u rapaiz tã cabadu naquela hora, aí us tii deli falô “óia ocê avisa lá pus cumpãeru lá qui fulanu morreu”, tá bom chegô, avisô, ajuntemu um bloquizi e foi pa lá a noite **fazê sintinela** lá, [...]

O vocábulo *sentinela* quer dizer vigia, guarda, mas também apresenta a acepção de velório, que é o ato de velar juntamente com outras pessoas um defunto, em outras palavras, é o ato de passar a noite acordado em um local em que um morto esteja exposto (AURÉLIO, 2004).

A partir do contexto em que aparece a expressão *fazer sentinela*, percebe-se que o informante está se referindo a velório, a vigília que se faz em uma noite para velar um morto.

miti u cacete ~ meti o cacete

O.: [...] depois qui levantei a casa qui tampei , botei essa porta aqui fechei aquela, ficô essa janela, botei um bucadu di taba tampanu e ai mudemu de lá vimu pa qui pa dentu, aí eu **miti u cacete** di dia i noite, esses portali, essas tampo de porta é tudu eu qui façü.

O vocábulo *cacete* é uma espécie de pedaço de madeira de forma cilíndrica de comprimento não muito grande, geralmente mais grosso numa das pontas e é usado, em geral, para dar pancada ou servir de apoio. *Baixar ou descer o cacete* significa dar pancadas com o cacete. A expressão *meter o cacete* encontra-se no dicionário Houaiss (2004), tendo o mesmo valor da expressão *baixar ou descer cacete*.

No entanto, essa expressão utilizada pelo falante não se refere a dar pancadas em alguém ou alguma coisa. Ele utilizou-se dessa expressão com um sentido mais amplo, referindo ao esforço, ser firme em um propósito. Pode ser que ele associa o sentido de *dar pancada* com o fato de encarar uma situação difícil com poucos recursos materiais e financeiros, contando apenas com a sua coragem e a sua habilidade para

enfrentar tal situação. Sendo assim, precisa ser firme e corajoso, trabalhar de dia e de noite para terminar de construir sua casa.

peitu roxu ~ peito roxo

Sr.: (risos) é, tem hora qui u povu adimira “quem foi qui feiz esse dicumê” i eu di **peitu roxu** ... (risos) i pur ai assim eu vô levanu u tempu.

A expressão *peito roxo*, nos dicionários consultados, refere-se a um tipo de pássaro. No entanto, não é a pássaro que está se referindo o falante quando se utilizou da tal expressão. Pelo contexto linguístico apresentado anteriormente percebe-se que a expressão *de peito roxo* quer dizer que ele se sentia orgulhoso, envaidecido pelos elogios por fazer uma comida bem feita, que agravada às outras pessoas. Desse modo, a expressão *peito roxo* indica um estado de orgulho, de envaidecimento.

pu modi

Sra.: u Rebêru é **pu modi** meu maridu

Amaral (1976, p. 81) afirma que em Portugal utilizavam-se a fórmula *por amor de* para exprimir circunstância de causa. Citando Júlio Moreira, exemplifica com a seguinte frase: “Hei de ir a Régoa no domingo *pr amor de* ver se compro os precisos”. Conforme o autor, o homem rural diria de forma semelhante à mesma frase “Hei d’i na vila dumingo *pramór* de vê se compro os preciso”. Além dessa forma, a expressão *por amor de* poderia simplesmente ser pronunciada como *mór de vê*, ou ainda *mó de vê*.

Pelo contexto em que a expressão foi utilizada, percebe-se que é a fórmula *por amor de* referida por Amaral (*op. cit.*), com algumas modificações na pronúncia, mas com o mesmo sentido de circunstância de causa.

Encontra-se no *corpus* variações dessa mesma expressão como *modi que*, *modi eu*, *pa modi* e simplesmente *modi*.

quebrava foice

Sr.: eu num gostu de ir ni festa não, perde u sonu da gente. Eu fui umas duas vêis pa num ir mais nunca. Eu gostu di fazê ixperiência di tudu, eu ia pra festa, ia bem pronto chegava lá tia um porteru pra cobrá a cotação, eu pagava a cotação, dançava

aquela premera parte sozã e agora eu chamava uma e **quebrava foice**, chamava outra **quebrava foice**, eu num vô batê a mão numa figura, que a moça dança com um sujeitu fazenu favô, fazenu favô [...]

Acredita-se que a expressão *quebrar foice* é uma expressão local. Na época que o informante era jovem, uma moça não tinha direito de recusar um pedido de dança de um rapaz em uma festa, se ela recusasse, o cavalheiro se sentia ofendido, podendo causar até brigas e confusão na festa.

Assim, essa expressão significa que a moça recusou o pedido do cavalheiro para dançar, então ela *quebrou foice*. No contexto linguístico em que se encontra a expressão o informante diz que chamava as moças para dançar e elas *quebravam foice*, indicando com isso que seu pedido para dançar era recusado.

quenta assentu

P: quantos anos ele tem?

Sr.: Eu achu que é uns cinqüenta e pocu, num é mais que isso não, eu num sei se ele tá aí que'le num **quenta assentu** aí.

O verbo *quentar*, segundo dicionários consultados, é o mesmo que o verbo *aquentar*. Sua origem provém do latim *calentare* que quer dizer estar quente, ter calor. Já o vocábulo *assento* refere-se ao objeto ou lugar onde se senta.

Da união dos dois vocábulos criou-se uma expressão interessante para indicar que um lugar ou objeto próprio para se assentar foi aquecido por alguém que ficou muito tempo assentado nele.

Contudo, o falante se apropria dessa expressão e a utiliza para sugerir alguém que fica muito tempo em um lugar, pois o assento só esquenta se uma pessoa ficar muito tempo sentado nele. No contexto linguístico em que apresenta a expressão, o informante diz que uma a pessoa não *quanta assentu*, quer dizer, não demora muito em um local, que no caso desse contexto, na comunidade que moram.

rebarba di genti ~ rebarba de gente

I. cada um vai procura seu lugá porque fica essa **rebarba di genti** bebenu só dá u qui num presta.

Os dicionários registram o vocábulo *rebarba* significando saliência natural de formas angulares, bem como aresta ou quina. Refere-se ainda a excesso de material nas obras de fundição. Em sentido figurado, esse vocábulo diz respeito à parte carnuda ou a prega que se forma na parte inferior do rosto das pessoas obesas, dentre outras acepções.

Conforme o contexto linguístico em que aparece o vocábulo *rebarba* percebe-se que ele foi utilizado com sentido de excesso, de agrupamento, que, juntando com expressão *de gente*, indica um excesso de pessoas num determinado local.

riscá meu nome

Sr. Foi (), labutava mais quem sabia, pidia pa fazê meu nomi, fazia, aí agora trazia pa casa e ia istudá , quandu num tava trabaianu, pelejava num dava conta de fazê cu'm pocu incortava ni otu pidia, i foi assim qui aprendi **riscá meu nome** mali, [...].

A expressão *riscar o nome* apresenta o verbo *riscar* com acepção de fazer riscos ou traços em algo, no lugar do verbo escrever. Ao utilizar o verbo *riscar* e não *escrever* percebe com isso que o falante não aprendeu a escrever outras palavras. Com exercício de memorização e treino ele consegue traçar as letras do próprio nome, mas não internaliza o processo de escrita como um todo. Esse esforço se deve, segundo ele, ao desejo de se tornar um eleitor e poder exercer o direito de votar.

secá u bagaçu

I. levanu aí, elis qué vivê aí é pur conta du mundu sabi u qui u mundu faiz elis que fazê tamém num podi, quem casô tem qui assumi um compromissu sériu, fazê um isforçu di vivê até u final, si deu certu nu cumeçu tem qui dá até u fim n? Num era tão bom nu cumecim?

[...]

I. num finali tamém tem qui ficá

[...]

I. comu diz u povu, tem qui **secá u bagaçu** é juntu mermu, né?

A expressão *secar o bagaço* é uma expressão muito interessante por fazer uso de duas palavras com sentido similares. O verbo *secar* expressa a noção de extrair, perder a selva, a umidade, fazer ressequir, desidratar-se. O vocábulo *bagaço* tem acepção de resíduo de frutas ou de outras substâncias depois de extraído o suco. Por extensão, esse vocábulo tem também as acepções de coisa usada demais, velha, surrada.

Pelo contexto linguístico que em apresenta a expressão, a informante ao dizê-la apresenta uma opinião pública, quando diz “como o povo diz” indicando que é uma expressão popular utilizada no local, a qual se refere ao casamento. Ao dizer *secar o bagaço é junto* ela quer dizer que o casamento quando começa o casal é jovem e com o passar dos anos, vão se envelhecendo e deve permanecer juntos, ir até o fim, que é com a morte de uma das partes.

sirvi di agravu ~ servir de agravo

Sr.: [...] num vô falá pra mode num **sirvi di agravu**, quem duvidá daqui mais uns dois anu, vai me dizê si Lagoa de Pedra tá batenu em Cana Braba mili vês.

Houaiss e Cunha fazem referência ao termo *agravo* como ofensa que se faz a alguém, injúria, afronta, dano sofrido, prejuízo, agravamento. No dicionário Aurélio apresenta também essas acepções e ainda a *motivos graves de queixa*. Esse vocábulo deriva-se do verbo *agravar*, que tem sua origem etimológica no latim *aggravo, as, avi, atum, are*, “sobrecarregar, oprimir, fazer pior, agravar”.

O vocábulo *agravo* se junta ao verbo *servir* formando a expressão *servi de agravo*, a qual é usada pelo informante para indicar que ele não quer dizer algo que vá ofender alguém, que servirá para afrontar outras pessoas.

tampagi de baxu ~ tampagem de baixo

V.: já tudu impenujanu, comu diz us mininus, cuns calçauzim rasgadim na bunda. Até nós muié usava aquelas **tampagi de baxu** qui era anágua, calça, calcia era tudu de cordão de algodão, oh meu Deus! Mais ninguém reparava nessas coisa.

Na expressão *tampagem de baixo*, o termo *tampagem* é um substantivo formado a partir do verbo *tampar*, com acepção de cobrir. Assim, a informante utiliza o vocábulo *tampagem*, juntamente com o adjunto advérbio lugar *de baixo* para indicar que está falando a respeito das roupas que ficam embaixo da principal, ou seja, as íntimas.

Pela fala da informante é possível afirmar que se refere a peças íntimas femininas, mas acredita-se que essa expressão pode ser estendida a peças masculinas também.

Um bandu

Sr.: Um **bandu** de coisa eu isquiçi assim, mais eu fiquei cum sintidu ainda normali [...]

O vocábulo *bando* tem acepções de grupo de pessoas e animais, multidões, bem como quadrilha de malfeitores, mas também se refere às pessoas de um partido ou facção. No entanto, a expressão *um bando* no contexto linguístico, quer dizer simplesmente *muito*, ou seja, *muitas coisas*.

Essa expressão é recorrente na fala dos demais informantes com o mesmo sentido. Encontra-se registrado no *corpus* exemplos como *um bando mesmo*, *um bando de gente*, *um bando de casa*, *tem um bando*, *um bando de tempo*, dentre outros, e em todas essas expressões será encontrada a acepção do advérbio de intensidade *muito*, sem concepção específica de substantivo coletivo.

voiz ativa ~ voz ativa

S.: [...] Era u qui mi contava, ninguém tña essa **voiz ativa** di tê as coisa, tê fazenda, tê fazenda era pessoa muito ricu, casa também, tudu era difiçu, tudu era difiçu quem cunheceu comu era antigamenti aqui [...]

A expressão *voz ativa*, nesse contexto, não se refere à voz ativa do verbo em que o sujeito pratica a ação. O vocábulo *ativo* tem acepções como ágio, enérgico, que tem iniciativa. Pode referir também a uma pessoa atuante, participante.

Ao analisar o contexto em que aparece a expressão *voz ativa* acredita-se que a informante a utilizou com o sentido de *ter iniciativa*, *ser ágio*.

Comentários sobre as escolhas

A análise linguística das escolhas lexicais caracterizou-se como de cunho histórico-etimológico por buscar na etimologia a origem e a composição dos vocábulos, assim como de cunho semântico por apresentar suas redes de significação com o intuito de elucidar essas escolhas.

Em decorrência da análise chegou-se a algumas constatações que serão elencadas a seguir.

Os vocábulos e expressões analisados são chamados de arcaísmo lexical, por não fazerem parte da fala das gerações mais jovens, bem como da fala de áreas urbanas⁹. Isto se justifica, segundo Silva Neto (1963), ao isolamento das comunidades rurais que condiciona um tipo de arcaísmo de vida e, em decorrência, a uma linguagem mais conservadora.

Outra constatação é que alguns vocábulos podem fazer parte de um acervo particular regional ou local por não serem encontrados dicionarizados, sugerindo assim que o estudo do léxico é um tópico complexo, que exige muito trabalho de pesquisas para dar conta de todo o material linguístico disponíveis em muitas comunidades distantes dos grandes centros urbanos.

Já, outros apresentaram uma pronúncia modificada que, aparentemente causa um estranhamento, contudo, após uma busca minuciosa nos dicionários, descobre-se que é resultado de processos fonológicos em consequência de queda, acréscimo e junção de fonema, além da harmonização vocálica.

A análise mostrou também que alguns vocábulos são registrados nos dicionários consultados tendo como origem etimológica obscura ou controvertida, levando a crer que é preciso estudos mais minuciosos da formação sócio-histórica da língua portuguesa para que se esclareçam as origens de algumas palavras.

Assim sendo, dos dados analisados nesse estudo apontam, primeiramente, para o caráter conservador dos falares rurais, em que traços linguísticos são preservados de momentos anteriores da língua portuguesa, bem como resquícios do contato com outras línguas de origem africana e indígena, em solo brasileiro.

Em contrapartida, apontam também tendências que, acredita-se, serem inovadoras, como é o caso da criação de um novo significado para alguns vocábulos, em que estes não apresentam acepções conforme os dicionários consultados, e a formação de expressões pela junção de palavras que, aparentemente, não faz sentido estarem unidas, mas pela associação dos significados o uso delas se justifica. Como exemplo, pode-se citar o caso da expressão *barreu o sentido* que expressa o ato de esquecer, de memória apagada.

⁹ Segundo Câmara Jr. (1984, p. 58), “do ponto de vista da língua comum e sua norma, diz-se que há arcaísmos em falares regionais, em que se mantêm por tradição oral formas e construções que a língua comum abandonou e não entram no seu uso norma.”

Desse modo, os vocábulos e expressões estudados constituem fonte de dados para estudos que vão além do etimológico e do semântico, já que apresentam possibilidades de discussão no campo da fonologia, bem como da morfologia, porém, essas discussões ficarão reservadas para estudos posteriores.

ANEXO II

Ficha e entrevista

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DOS INFORMANTES

1 – NOME:

2 – DATA DE NASCIMENTO/ IDADE

3 – NOME DOS PAIS:

4 – PROFISSÃO:

5 – NASCEU NA COMUNIDADE? SE NÃO, EM QUE LOCAL?

6 – SAIU DA COMUNIDADE PARA VIVER EM OUTRO LUGAR? SE SIM, POR QUANTO TEMPO?

7 – FREQUENTOU ESCOLA? SE SIM, POR QUANTOS ANOS?

8 – NOME DO CÔNJUGE:

9 – DATA DE NASCIMENTO DO CÔNJUGE:

10 – O CÔNJUGE TAMBÉM PERTENCIA A COMUNIDADE ANTES DO CASAMENTO?

11– NÚMERO DE FILHOS:

12- PROFISSÃO:

Trecho de uma entrevista

Informante: **BALBINO FRANCISCO MACHADO**

Idade: 79 anos

Lugar de origem: Comunidade Quilombola de Lagoa da Pedra

Data da entrevista: 19 de julho de 2007

P: Qual é o nome do senhor?

Sr.: Balbinu Franciscu Machado, mas'eu assinu geralmente é Balbinu Machado Franciscu pur que quandu eu fui ... cinquenta i quatu quandu eu fui alistrá pá votá eu nãu sabia direitu comu nãu sei até hoji e ai eles ficarum naquela fulia “não faiz issu, faiz issu, faiz aquilu, faiz aquilu otu”, pegava mĩa mãe e pur fim sê di ficá Balbinu Franciscu Machado ficô foi Balbinu Machado Franciscu, mais...

P: quantos anos o senhor tem sr. Balbino?

Sr.: é setenta i novi

P: trabalhando de roça ainda?

Sr.: di roça, é u jeitu mĩa fia aqui nessa região si nun mexê cuma roçã, agenti inrola, num tem recursu pa dizê assim qui eu até possu tá cumeno daquilu, u jeitu é roça mermu.

P: o senhor tem força pra trabalha na roça até hoje?

Sr.: tenhu, nem todú sirviçu, mais algum ainda façú

P: com setenta e nove anos com força de trabalha ainda está de parabéns.

Sr.: não eu se nun fossi as duença ... qui di cinquenta pra cá tem me dadu uma quexa até cum cinquenta anu eu num sufria nada, nada, nada, nem dô de cabeça, eu ainda fazia crica desse povu qui “ah onti tive uma febre, coisa e tali”, uai priguixa ((risos)), num sentia nada, ia ... saia daqui, ia em Arraia de a pé quandu era ditardã tava cheganu, ainda ia pa festa aldiava a noite todã, mais di cinquenta pa cá as coisa foi cheganu, divagá, vai aqui, vai aculá, qui hoje num tô a nada. Bem qui ainda têm coragi di fazê, tem a força sim u qui eu guentu ainda pegu, mais num têm mais perna, u rematizmu tomô conta das mĩa perna, andava ai cūs jueão inchadu, si num é Zesuis, e us amigu, médico insina uns remédiu, tava alejadu, passei mas de anu cum us juêiu dessa idade.

P: ... assim eu gostaria de conhecer sr. Balbino a história do senhor, como o senhor chegou aqui, o que o senhor faz, a história da comunidade.

Sr.: Ói mĩa sïora a cumunidadi conformi eu... eu nasci aqui mermu, a cumunidadi conformi cuinci i criei aqui hoji tá uma cidadi, aqui era atrazadu mais pussivi, era roça i roça mermu i maribondi e caça era u qui tĩa aqui i hoji não, hoji tá é ricu, cê óia já inxerga nois, muito binifiçu, muito moradô, eu cuinci issu aqui quandu eu intindi pur genti, minimu nu meu intidimentu só tĩa quatu moradô, era meu avô Viturinu cuns fii, u restu era tudu matu, morrera, pedrera, onça, onça vĩa pegá a criação nu terreru assim, num tĩa nada pa ispantá elas né.

(risos)

P: essa pessoa, esse seu avô foi o primeiro morado?

Sr.: foi, foi, nu meu cūcimentu foi u primeru, u primeru habitanti aqui foi eli i aqui ... é qui eu tô pur saber si quand'ele vêi pra qui... achu qui eli não era casadu não, pura aqui eli casô pura aqui prodiguiu fãmia pura aqui criô a fãmia, ele foi pai de duas fãmia pa podê marrê.

Sr.: morreu com oitenta e tantos anos mais dexô as fãmia criada

Sr.: é, hoji tá mõi difiçu (...) porque as duença mudô tudu, us tipu di duença ,us tipu di cunsumu di alimentu mudô tudu, **muitxas e muitxas**... aliais quasi a maior coisas qui ondi eu fui criadu qui ainda tô cunhecenu de alimentu qui nunca mudô foi feijão e arroz, mais u restu até a carne du gadu num tĩa essas duenciã du gadu, num tĩa essas vaucina, num tĩa esses remédiu de... medicina de gadu não, us remediu era com aconticia de dá um remediã era rapa de pau du matu.

P: e aqui o senhô casou?

Sr.: Não, nunca fui casadu na mĩa vida

P: Não, tá solteiro até hoje

Sr.: Até hoji

P: e por que não casou? Trabalhador desse jeito

Sr.: A sorti qui num deu né, eu digu qui foi a sorti que ...foi tratu oitu casamentu as vês

si sorti penetra um deles haveria de sair (risos) é foi...

P: foi tratado de oito casamento e não deu certo nem um

Sr.: Nenhum

P: Mas um senhor não chegou a morar com ninguém

Sr.: Não, eu morei cu'ma véa faiz pocos'anu que ela acabô,vinti i **oitxu** anu, mais já véa, bem mais véa du qui eu, pra mostra assim era bem mais... apresentava sê bem mais véia du qui eu , aliais ela era mais véa mermu, ela disse que era de vinte e seis e eu sô de vinte e **oitxu**.

P: e aqui o senhor esta sempre nesta casa aqui

Sr.: Não eu morava com uma irmã, morei la dizesseti anu, aliais eu nasci e criei lá depois de criadu saí, tive seis anu fora depois voltei, us parentaida tudu a dizê “ó, a tapera du seu pai tá disocupada, a tapera do seu pai tá disocupada”, aí prontu fiquei lá, cum dizesseti anu de moradia já tãa mais sirviçu du que aqui e é tudu graça a Deus tava uma vidãa até controlada, mais apareceu um compradô lá du meu situ um discuincidu acumpanhadu cum pessoas qui dissi qui era amigu quandu eu dizia que num vindia us cuincidu dissi qui tãa qui vendê, quando eu falava uma coisa us otus falava dez ei fui inu, fui inu até eu afobei e dei u sim di vendê ai agora mexeu a vidãa ai fui pu nossu devogadu qui tãa ele aqui comu uma defesa nossa, chegô la ele “não si dá um diêru qui servi, cê podi vendê e passa lá pu otu ladu” qui é essi aqui, ai até qui eu vendi, mais aqui também tô véi cheguei aqui in oitenta.

P: mais o senhor dança súcia?

Sr.: Não...duas **impleitxa** qui eu nunca ... criei sem saber fazer ela foi dançá e brigá

P: nem forró?

Sr.: Não forró e u dancei **muitxu**, mais suça assim não, gostava muito de assisti mais nunca dancei não

P: sempre teve festivos aqui?

Sr.: Teve...agora é qui não tá tenu, mais aqui () pra festa (), logo aqui teve **muitxa** deversão assim de santus, toda a ... giru que tãa de santu, toda reza , tãa um samba, u suça qui eles trata hoji

P: e essa súcia foi trazidas pelos antepassados pra cá?

Sr. Oh siora, quando eu intidi pur genti eu já arcansei, naquelis festeju di santu reis, ota hora fazia mesmu assim era “hoje vamu fazê um samba na casa di fulanu” arriunia

ai sambava a noite toda, tãa umas fulia de reis de traição u individu num tava nem sabenu, quandu dé fé u grupu chegava i plantava na porta, ai agora si quisessi agradá cum alguma coisa si virasse ...

P: o senhor é aposentado?

Sr.: Sô... custei **muitxu**, pirdi dozi anu trabaianu nissu sem arranjà um fii di Deus pra me ajudá, mais sempí, cum dozi anu... já de perca pra trais dus anu compretu , ai é qui sempí arrenjei um fii de Deus, foi tempu qui u NS veí di Brasila aqui pa Arraia ficô mais façu , ai eu ... tá quais pa deiz anu que tô pusementadu num tá?

P: o senhor já saiu daqui para morar em algum lugar ?

Sr.: Já, eu tive na zona de ... sai diretu pu garimpu de São Luiz mais eu tive em Goianesa perto de São Luiz eu () nas fazenda e tal, () lá seis anu, tomém foi só

P: saiu seis anos e o restante ficou tudo aqui né?

Sr.: hum rum ...cabu de seis anu eu abusei de trabaia mandadu, nun cativeru danadu, num tem **direitxu** ...

P: em garipo que o senhor está falando?

Sr.: Não era mermu ni roça, na lavora mermu, mais lá tãa fiscalí, tãa... u currigimentu era incima, num podia perdê tempu não, ainda tãa mais ota ... u sujeitu as vês sufria qualquer uma coisãa assim, uma duencãa assim qui num fossi muito contagiosa pricisassi ir pu hospitali aquilu lá era discontu nu pagamento.

P: aí fica difícil, né?

Sr.: É agenti abusa dessa vida, né?

P: então o senhor cansou e voltou pra cá...

Sr.: Aqueli diêrĩ qui ganhava tãa qui cabá qu'eli todú ni ropa, ni revólvi, essa bobajada di fara é porque não podia comprá nada, compra só si fossi um carru, num dava pra issu i aqui não ó, um poqui qui agenti qué, qui agenti fais, agenti dali mermu tira um tiquĩ i compra uma bizerra, cum pocu compra uma polda, compra um porcu, compra umenu umas galãa amanhã ou depois aquilu tá prodiguinu.

P: aí cada um tem seu pedaçinho de terra?

Sr.: E aqui num tãa nada, aqui antigamenti eu cũinci chamado di terra da nação.

P: danação?

Sr. : é, depois ...

P: por que era muito difícil?

Sr.: Não, porque num tã era donu.

Sr.: Ó é...Chicu Tachêru vêi da Bahia ai pra Canabraba e comprô issu ai, é Chicu Bentu comprô a Vagi num sei de quem, Rufinu de Môra comprô u Jacaré dessor Barreti aí, Chicu Nuni comprô Itabira, tudu divisanu aqui né, essa serra aqui i u buquerãu é...Elmóis comprô a Lagoa, Joaquim Aire comprô a Bertioga i Mamedi vêi i comprô aqui a... us Macacu faladu, hoje tudu é Canabraba, mais antigamente era chamadu de Macacu, dessa entrada pra cá e não tem ota saída, a saída é essa pra cá, tem saída sim, mais a cavalu, di a pé tem. Passa uns morru e otu ai, mais ai é só... i nessa comprassão qui elis comprarum aqui ficô esse buquerãu, um compra daqui, otu compra dacadá e foi ficanu essa ariazã aqui disabitada i us bichu, as caça, us maribondo, as cobra foi fastanu tudu pra qui, tava disabitada, só tã era morru e ai meu avô morava aqui nu Alegre pertu da Água Boa e Paulinu comprô um pedaçu ali na ladêra dus Macacu pra sai pra Bertioga i aí eles era irmão, i disse “óia manu agora ocê vem pra ca comprei uma terrã ai, mais...sê de ficá danu resultadu prus’otu, vamu trabaiá nu qui é nossu”, foi cum’ele puxô pra cá i daqui Paulinu..., meu avô tevi famia, a famia foi crescenu, e nissu foi entranu pra cá, trabaiianu di roça i coisa i tali, antê mudô mermu dus Macacu pra cá e foi na épica de meu nascimentu e di otus di otus di otus... nós era **muitxus**, nós era vinti i cincü irmão.

P: vinte e cinco dá pra imaginar vinte e cinco irmãos, muita gente né ... mas tudo de uma mãe ?

Sr.: Nãu, inrusivi us irmão di mã mãe são vinti i quatu cum ela vinti i cincü

Sr.: Eu sempí via falá mermu quandu criei já tava intindidu que vã épica das muié num criá mais, uai eu ficava pensanu pur que, mais óia ai óia é...quandu cria muito é quatu, cincü opera cabô num tem mais i naqueli tempu quem operava era Zesus a muié criava aí antê quandu Deus quisessi, num quisessi mais pur ela mermu qui parava.

P.: (...) parece que o tempo hoje ficou mais difícil

Sr.: ficô é claru, hoji ... naqueli tempu não tã iscola, não tã nada, si quiria educá seu fii, insiná fazê u nomi cê tã qui pagá um professô qui subessi, botava ele im casa pagadu cê tã qui trabaiá pa pagá pa insiná seu fii i hoji não hoji a verdade us colégiu, us professô aperta mais todü lugá, toda roça, todü buquerãu tem uma iscola, lugá qui

tem grupu qui num precisava nem fazê comu aqueli grupu de Santiago, grupu de Situ Novu pra que aquilu?

P: ficou muito perto um do outro?

Sr.: É porque num tem movimentu, num tem ...

Sr.: Aqui ... eu cumecei votá pa **prefeitu** de Arraia em cinqüenta i quatu, prumitia, nunca dissi qui num fazia não, mais i u povu foi rendenu, eles prometenu fazê um grupu di iscola u menu di cavacu i nada i nada i nada ...

P: escola de cavaco o que que é?

Sr.: Cavacu é tala de imburuçu que eles tratava.

Sr.: E paia, pegava paia pu gerais e nada dissu foi **feitxu**. U dia qui caiu nas unha di Juscelinu kubicheki a presidência i mudô di Rii de Janeru pa Brasila i aí agora foi cum vinti i quatu hora vô bem dizê eu passei in cinqüenta i quatu, aí onde é essa Brasília era um cerradãu i incrusivi tãa uma lagoa tratada de Lagoãu, num sei nem si eu acertu qu'issu mais, quandu eu voltei quais ainda ficu presu lá, num cūincia mais nada i aí agora ispaiô grupu pra todú ladu, incrusivi essi ai foi Joaquim Baduinu fii de Gustavu qui foi **prefeitu** fez, água ... dava um tempu dessi im danti tãa lugá qui era panhadu cum copĩ de bebê viu, lá nu tetu () qui era pedra dimais, num podia fazê u sirviçu, nem ninguém sabia fazê não, em qual condiçãu abria uma cisterna, já num falu poçu nestesianu que até hojininguém sabe mermu ... i ai us maribondo dessa morrera aí apunhava assim uma hora dessa num panhava água marnão cê via um tiquizĩ lá nu fundu, mais comé que incosta?

Sr.: E ai foi tempu qui Calicidu foi **eleitu** ai vêi ai viu u sufrimentu du povu panhá um copi di água pra bebê, mandô essi poçu, é pur issu qui hoji in vista du qui eu cūinci aqui hoji tá uma cidadi u povu tá é ricu pur que hoji todú mundu até im riba du morru tem água, a casa de (...) é lá em cima du morru a água vai lá i di forma qui eu digu pra siora qui aqui miorô **muitxu** conformi eu fui criadu aqui, é ... na mĩa criação peganu mamão nas capuera, trabaiava de roça quandu aquela terra fraquiava botava ota roça, aquilu nacia pé de mamão, agenti ia penhava pa cumê e matava mocó tinha muitxu

nesses morru, essa vidã simples, gordura hum se num criassi um porquĩ se virasse quebrasse coco.

P: senhor chegou a ir a escola?

Sr.: Não, nu meu tempu num tã iscola não eu aprendi a assiná u nomi mali, mali, mali só pur infuluença de alistrá pa sê eleitô né?

P. ahã

Sr. Foi (), labutava mais quem sabia, pidia pa fazê meu nomi fazia, aí agora eu trazia pa casa e ia istudá , quando num tava trabaianu pelejava, num dava conta de fazê cu'm pocu incortava ni otu pidia, i foi assim qui aprendi riscá meu nome mali, mais assim mermu num pratiquei assim pa ... qui essas coisa mermu agenti sabe mais tem qui tá praticanu qui si não vai inu isqueci, hoji além das vista não dá i **muixas** letra du meu nomi cum subrinomi é picisu istudá colé ela, num tô danu conta marnão

P: Aqui era muito difícil chegar em Arraias naquela época?

Sr.: Era muito difiçu, tã qui sê de cavalo ou di a pé.

P: a pé? Ave Maria!

Sr.: Ia, ia...

P: ia, mais tem umas serras boas dai pra frente, né?

Sr.: essa istrada já deve tê cabadu (...) aqui pur dentu, pela Bertioiga e saia nu Conquista ...

Sr.: Lá nesse Conquista pa discambá pa saí ni Arraia tem uma serra, desse ladu a serra é cortada assim taiada cum'essa porta e desse ladu um degrau de grotu, um buracu, cê oia assim só inxerga musquitu, mosca, murcegu, chega tá azul, e agenti passanu beranu a serrona assim ... se iscapuli, faciá qui tibusá ... aí hum! já era!

P: E aqui, eu fiquei curiosa foi sobre o nome daqui, eu achava que tinha uma lagoa, tem uma lagoa aqui?

Sr.: Tem, aqui pertu bem na divisa tem, mais eu cuinci essa lagoa lá chamada lagoa da Pedra e aqui é... cumu fala Rui qu'eu falei poca hora?

Sr.: Não, buquerãu de quê gente, cumu chama ...? ôi d'água de Taquarussu, esse ôi d'aguã ai, ôi d'agua di taquarussu, lá era cercadu, ainda cuinci cercadu de taboca de taquarussu, pois bem, i lá im cima di Pedu Figuera hoji era lagoa dus Macacu, i ai tã

um baianu de Santana mudaram pra'qui () ai u baianu chamadu de Zé Baxim u nomi deli era Jusé mas eli era baxim botarum u nomi deli di Zé Baxim i elis era uma famiona e aí morava lá, botarum lagoa de Zé Baxim, i aqui foi u tempu qui meu avô fazia ingêin, tã tudu aí, fazia cachaça aí, ôi d'água di Viturinu, eli féis um açudi, açudava a água, aí toda vida curria pocu mais sustentava, pois nesse tempu a chuva chuvia muito né, muito não, mais nunca falta, é ôi d'água de Viturinu, ai esse povu de Zé Baxim, cum Zé Baxim cum tudu foi morrenu, foi tempu qui a famia foi crecenu, foi cheganu pra cá, foi cheganu pra cá, ai agora foi morrenu u nomi di lagoa di Zé Baxim ficô chamanu de lagoa da Pedra i di forma qui a ôi d'água de Taquarusu i ôi d'água di Viturinu cabô u nomi ficô senu lagoa da Pedra, mais a lagoa da Pedra era essa lá, primeru era lá ondi (...) mora.

Sr.: Ali im sessenta e treis a sessenta e quatu, eu morava lá, cavei aí cumecei abri uma caçimbã, a água foi baxanu e eu acumpanhanu ela, acumpanhanu ela inté quando foi nas primeras'agua qui a chuva vêi já tava cum doze palmu de fundura, mais acompanhanu a água toda vida...

Sr.: di forma nessa épica era quatu pessoa pa inchê uma vazia cá fora

P: e história, o senhor conhece alguma história antiga, história do povo mais velho?

Sr.: Não, história assim daquelis tempus antigu, história assim comu diz a fala história é mintira.

P: pode ser mentira pode ser verdade, as vezes tem uma mentira que no fundo tem uma verdade, né?

Sr.: é, é... eu sabia muito mais com essa coisa de morá só, num tem cum quem cunvessá, já isquici, esses causu véi né, via falá ota hora inxerguei mermu, hoji já si passô , metade eu já isquici foi tudu

Sr.: Sobri essas coisa, não eu quasi num vi, a bom....

Sr.: É... mais u problemi é qui a pessoa cum medu fais a visagi

P: e como é que as pessoas contavam?

Sr.: u povu contava aqui mermu ó na Lagoa da Pedra, inu pa Canabraba tã um porco, um cachorru, mais eli num era cachorru era um moçu cūincidu qui morava aí qui virava

lubisomi, lubisomi era aquelas pessoa iscumungada di mãe mais pai, di padi i dava pa virá bichu, intão aquelis qui sabi muit'oraçãu braba iguali aquelas oraçãu di São Suprianu, foi criada cum u nomi du suju, intão depois qui apresentô Zesuis qui Supriani rependeu, i rependeu dum'as coisa que'li tã **feitxu** in nome du suju, mais ota não, di forma qui u livru di São Suprianu tem uma parte du bem e ota du mal, intão tã **muitxas** pessoa , iguali eu mermu tã um tiu, qui diz, eli ... diz qui era tiu, eli paricia mermu, que faltava pocu pra cumê, matá um frangu ou uma galã u qui seja, cumê, cunziã ela cumê i juntá us ossu tudu i jogá im riba da casa batê as asa e cantá, um trem dessi é uma coisa horrivi né?

P: é

Sr.: num ocasião um padi in Arraia chamadu Pedrociu fazia confissão lá nu reservadu pra lá, perguntanu u quê qui agenti tã **feitxu** di pecadu coisa i tali, tem até um dizê que “qui num é todú pecadu qui conta a padi”, aí eli foi pa confessá, cheganu lá qui u padi mandô ele jwear, quandu eli foi jueanu u padi “levanta, levanta iscumugadu, cê é um iscumungadu”, são essas coisa, maldadi qui fazia, us mau coração, oraçãu má, de forma qui nu Suprianu tã essas coisa, intão esse homi, essi cachorru, qui antis deli morrê num tã, ninguém via falá nessi cachorru na istrada paricia pa diversas pessoa qui passassi ai di novi horas da noiti im danti topava mais ele, inclusive aqui mermu tem u pai de Satilu ali um dia lá di casa eu iscutei um tiru qui essi cachorrãu trevessô

eli, e atirô neli, quandu atirô foi mermu qui dispejá um sacu di argola ou lata ãas coisa lá nu chãu e nu otu dia eli foi oiá, nadã ... num viu rastu, num viu munição pegô, num viu nada, nada, nada. Otra vêis morreu um rapaiz na Bertioga e eu tava pra Arraia, passei lá já ditardã e u rapaiz tã cabadu naquela hora, aí us tii deli falô “óia ocê avisa lá pus cumpãeru lá qui fulanu morreu”, tá bom chegô, avisô, ajuntemu um bloquizi e foi pra lá a noite fazê sintinela lá, quandu lá pa mais tarde da noite “eu quá vô mimbora”, aí viemu três us otu ficarum lá, viemu us três, quandu chegô bem na pindida nessa istrada aí, eu morava cá mais imbaxu e u otu mais im riba um tiqui, diz “Balibinu vem cá, aqui tem um cachorrãu pretu na istrada”, curri pra lá e chego lá, ele fez “óia ai, óia ai” e eu num vi nadã, nada, nada, u rapaiz ficô nervosu, foi pricisu eu passá pur lá pa dexá eli in casa. É ... tã umas minina aí, incisive uma morreu e ota tá ai pra quem quisé procurá ela qui ela conta, tava aqui fazenu farra quandu foi lá pas dez hora, onze hora da noiti elas foi imbora i essi cachorrãu acumpaiô elas até lá na fazenda de () ...

P: era um cachorro preto?

Sr.: Era, era um cachorro preto, mais a forma dum cachorro, qu'ele num era cachorro nada.

P: a pessoa que estava com o senhor viu,mas o senhor não viu.

Sr.: num vi não

P: será porque?

Sr.: num era pra mim vê, e u medu fáz'issu tudu, numa ocasiãu eu tãa um namoru cum uma moça, foi u últimu casamentu qu'eu contei pa siora indagora é i fiquei por lá na casa dela até pertu da madrugada, uma lua muito bunita, ai eu vim'imborá, quando chegô ali pra lá um poquĩ daquela primera morada qui entra pra cá, tãa uma árvi chamada Timbó nu tempu deli pauzĩ novu, us mininu passava pa istudá na Canabraba i pulava lá i pegava eli i ficava dipinduradu i eli foi crecenu foi ingrossanu i foi crianu naquilu ficô arcadu assim pur cima da istrada i na cacunda deli ondi eli invergô naceu us brotu, já tava pau grosso assim i aí evem di lá quando passei dibaxu dessi pé di timbó sacudiu assim, aí eu risquei pra diante e ôiei pa trais num vi nada só vi us brotu du pau imbalançanu, rá! aquilu freveu u medu, u cabelu véiu arripio assim qui ficô, chega ficô, se num siguru u chapéu tãa caidu, risquei pa frenti, chegô lá na frente, chegô lá na frente ôiei pa trais e num vi nada, nada, nada ai é qui u medu apertô e aí eu ôiei du otu ladu da istrada assim era matu mermu, tãa um pauzĩ uma aruerã, lá im cima du pau tãa um treãu pretu assim paricia uma buraca, um balaiu assim ó, issu é minhas vistas né, aqueli treãu lá eu mirei us zói lá agora a coragi num deu aqui mermu eu baxei, cum zói lá num tirava não rangei um pau véi ticei lá avuô era um curujão ((risos)) ele tava sentadu nus brotu du pau e nu passá qui eu passei assim eli avuô, sentô du otu ladu, óia aí se eu riscu na carrera contanu qui tãa vidu uma visagi qui tãa sacudidu um pau pra mim, tãa chegadu aqui contanu mintira e foi u curujãu.

P: encarou o medo e ...

Sr.: É ... mais tava um tempu di caí chega tava danu frii di medu ((risos))

Sr.: é, pois é di forma qui eu digu assim quem morri parti dessa terra pra ondi Deus é sirvidu qui Deus preparô um lugar pra eles ficá num volta cá marnão, volta atraveis di ... hoji comu tem as correti, tem a sabiduria pelus istudu qui a alma ondi tive num tem sussegu...

P: eu acho que nem estudo faz ninguem voltar não

Sr.: faiz moçu, faiz, essi negoçu dessi ispiritismu ... num é atrevéis di istudu não?

P: eu acredito que é ilusão.

Sr.: igisti eu num acreditava qui igistia não, mais igistia, igistí eu digu ocê qui igisti pur issu, numa ocasião eu arragei um feitiçu qui us pé inchô, só um pé, inchô duma midida qui num guentava andá, í duia qu’eu num durmia nem di noiti nem di dia, num cumia, num pudia, aliais nem pa levantá i a inchação foi subinu di perna arriba, só um pé, foi inchanu, inchanu i aí tã um siôr di Txaduricu aqui, um baianu, chegô um homi aí nu matão pertu da Depausa, tratava di ispiritismu i ai u Txaduricu cūincia u homi, foi lá i “óia seu Balibinu si u siô quisé i lá duntá Moaci, eu vô levá u siô lá, quem sabi eli num dá um **jeitxu** nesse ... nesse tempu Arraia num tia hospitali, nessi tempu era farmáça né, farmáça cortô essi pé nu lugá ondi tava inchadu num viu nada só tã mermu u sangui, aqui mermu botei diversas pessoa pra isgravatá, era um trem qui tem dentu, nadã, quando chegô lá essi homi...aí eu fui mais Txaduricu lá duntá essi homi, chegô lá eli foi botanu u zói ni mim dissi “i moçu u siô facilitô e carregaram a mão nocê qui cê tá pesadu si ocê num cuidá cê morri, vai morre botarum foi pa matá mermu, ai féis lá us bizimentu deli, pois essa noite qu’ele feiz u binzimentu eu já durmi, a dô foi livianu, aí ele feiz umas garrafada lá mi deu pa bebê, “mais num é só essa não ocê vorta cá”, pois siora cum mêis i pocu qu’eu camiei puntá essi homi fiquei bonzĩ anté hoji. E ele feiz lá suas simpatia deli lá nu, nu prato lá cum água u que qu’eli botô mais eu num sei agora i mostrô “ocê cūiece essa pessoa?”, “cūieçu” “pois é essa qui tá ti matanu”

R. era conhecido?

Sr. Cūincidu, pessoa qui lutava mas’eli, pur issu é qui eu digu qui esses causu di ispiritismu u istudu ajuda, com’é qui sabê invocá esses ispritu pr’eles vim cá ...

P. bom eu não sei não, eles tem os trem lá deles ... eu acho errado nisso aí é que eles falam o nome da pessoa , o então mostram e tem pessoas vingativas...

Sr. Eu já vi duas veiz pessoa fazenu mali pu otu atreveis di feitiçu i mostrá quem é, um foi pelu ciganu i otu foi propia mĩa pessoa, um foi cum meu pai eli tã, era casadu a muié morreu ficô sozĩ e num botô ota dentu di casa ficô daqui pa culá foi tempu qui tã uma viúva aqui, sem dúvida ela num gostava deli, si gostassi num mandava fazê porcaria pra eli, diz qui arranjo u cabelu deli, pedaçu da rôpa i num sei u que mais i feiz um patuá i interrô na entrada da porta i comu de fatu as parença deu, ele trabaiava aqui imbaxu nu Jacaré i nós, eu mais meu irmão ficava na lá casa qui nós era só dois i ai eli chegô du Jacaré a noiti , ditardã, féis uma cumida e dissi “minimu ocês óia a panela aí qu’eu vô na casa de (...) i eu vultu nesta hora” é comu se diz eli era inrabichadu nela né, mais ela num gostava deli i quando eli chegô lá qui botô u pé pu ladu di dentu da porta

assubiu essa lacraia de perna a riba e incaxô in riba da perna, ficô só aqui du quadri pu pé, lacraia, essa lacraia camiava qui ocê ficava particulá
 assim via u bixu camianu entri u coru e a carne e aí...

P. dentro da pele?

Sr. É ... i ai u homi tá morri num morri, morri num morri cum essa dô na perna, a hora qui esse trem assubia perna a riba essi homi gritava qui iscutava na viziança, ai descubriu um curadô ali pu Pé du Morru na istrada que vai de Arraia pa Campus Beus antigamenti lá era chamadu Pé du Morru hoji é Matu da Ursa qui chama lá, é até du coléju Agrica é bem ali e aí fôrum lá duntá essi homi , essi curadô, u troçu intindia bem purque quando us homi chegô num falô a que tãa idu nem qui num tãa, “eu já sei a que ocês veiu, u home lá tá passanu mali dissu...mais ele vai tê uma miora, pra qui ladu é a casa dele” “é pra culá”, insinô u rumu i eli feiz lá us binzimentu, i dissu quando nós chegá lá eli vai tá mais sussegadu, dissu “ô coração malditu” e aí vêi de lá pra cá, inda dexô u dia maincê, foi a noite,vierum cedu quando chegô aí u meu pai tava durminu, ele num durmia, num sussegava num cumia, num tãa sussegu hora nãua, tava durminu, aí feiz, continuô aí uns três ou quatu dia fazenu esse binzimentu cum tição de fogu, cruzava esse tição de fogu nas perna dele sabe () cabava zunia esse tição de fogu nu eito nu rumu da casa da muié cum tudu e aí ele feiz, mais me lembu bem eu tava garofí, cum carvão um pratu vigi qui nunca tãa sidu usadu i feiz i mostrô “cêis cūiece essa muié”, “cūieçu é a vizãa aqui” afinada (...), mãe de (...) esse povu aí, invistigarum ela, ela disse que não, que num foi ela não, foi (...) que irmão de (...) mais foi pur mandadu dela, por issu é qu’eu digu que igisti mermu...

ANEXO III

FOTOS



Dona Valci Antônio Dias



Dona Maria Antônio Dias



Sr. Otávio Ribeiro Dias



Dona Senhorinha Francisco Machado



Sr. Marcos Gáspio dos Santos



Comunidade quilombola de Lagoa da Pedra



Distrito de Canabrava



Dona Ilda Ferreira da Costa e Sr. Raimundo Nonato da Silva



Sr. Januário Freire dos Santos



Dona Maria Ribeiro Lustosa



Sr. Januário e seu vizinho



Distrito de Canabrava



Sr. Diomar Farias



Forno e fogão a lenha da comunidade quilombola de Lagoa da Pedra

ANEXO IV

MAPAS

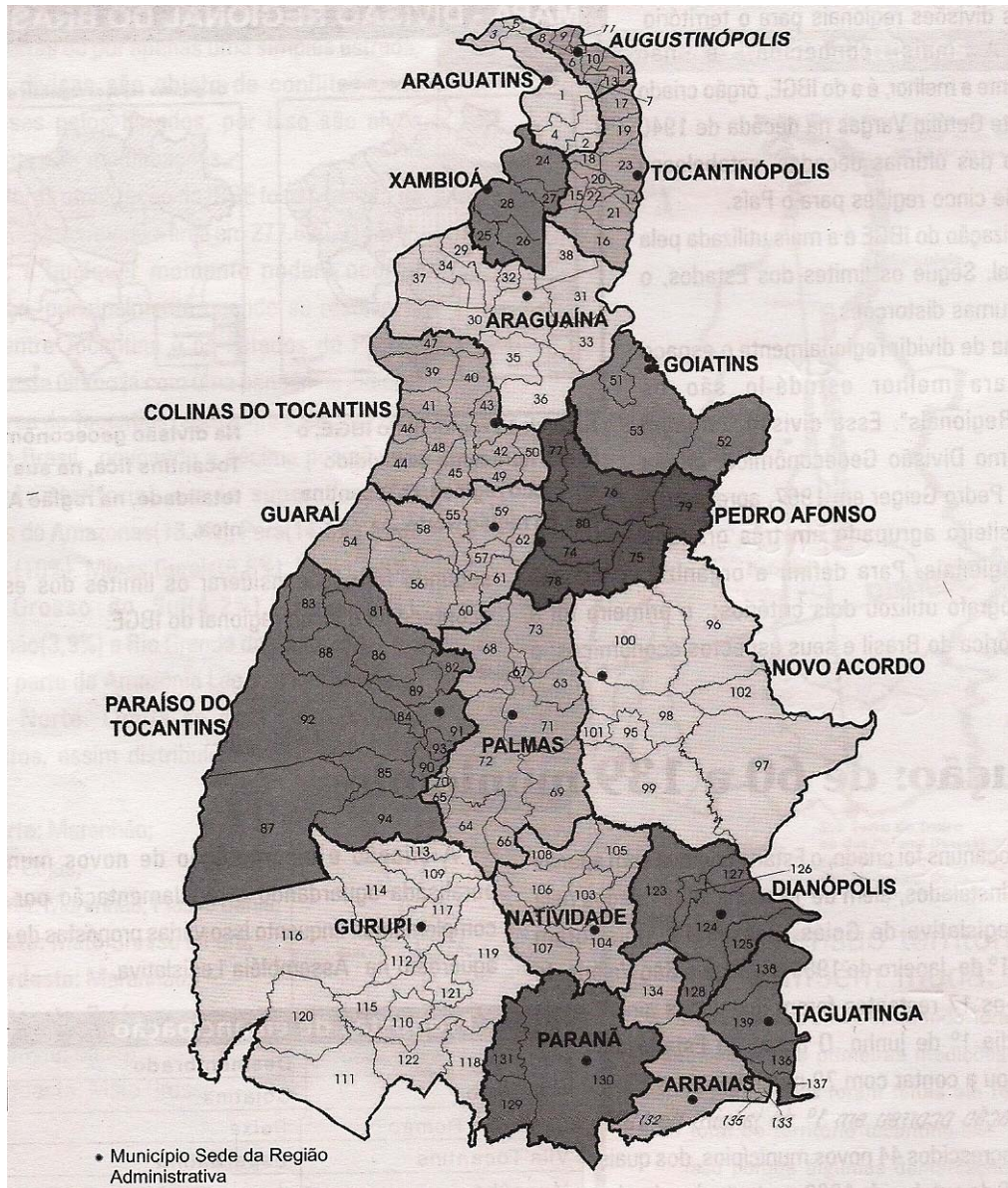
DIVISÃO REGIONAL DO BRASIL



Fonte: disponível no site

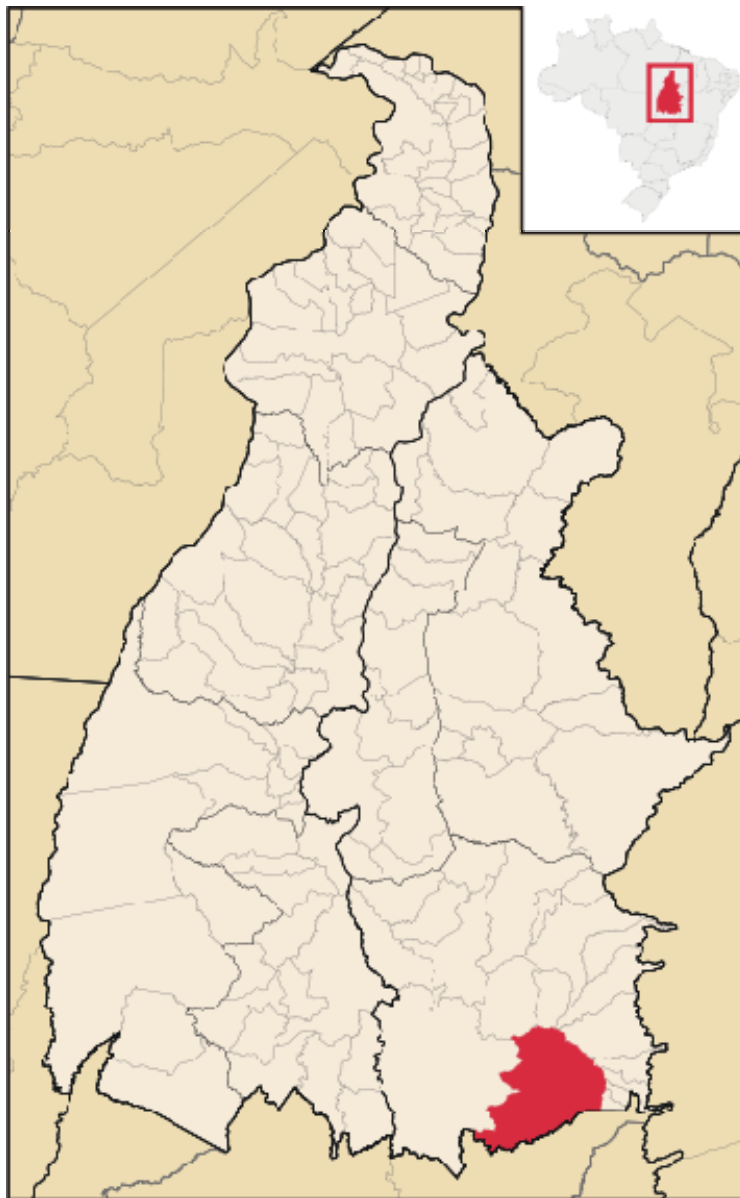
http://www.tiosam.com/enciclopédia/?/=imagem~Brazil_Estado_Tocantins.svg

DIVISÃO REGIONAL DO ESTADO DO TOCANTINS



Fonte: NASCIMENTO, Júnior Batista. *Conhecendo o Tocantins: História e Geografia*. 4ª. Ed., Goiânia: Gráfica Editorial Alternativa, 2006.

LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ARRAIAS



Fonte: disponível no site

http://www.tiosam.com/enciclopedia/?q=Imagem~Tocantins_Municip_Arraias.svg